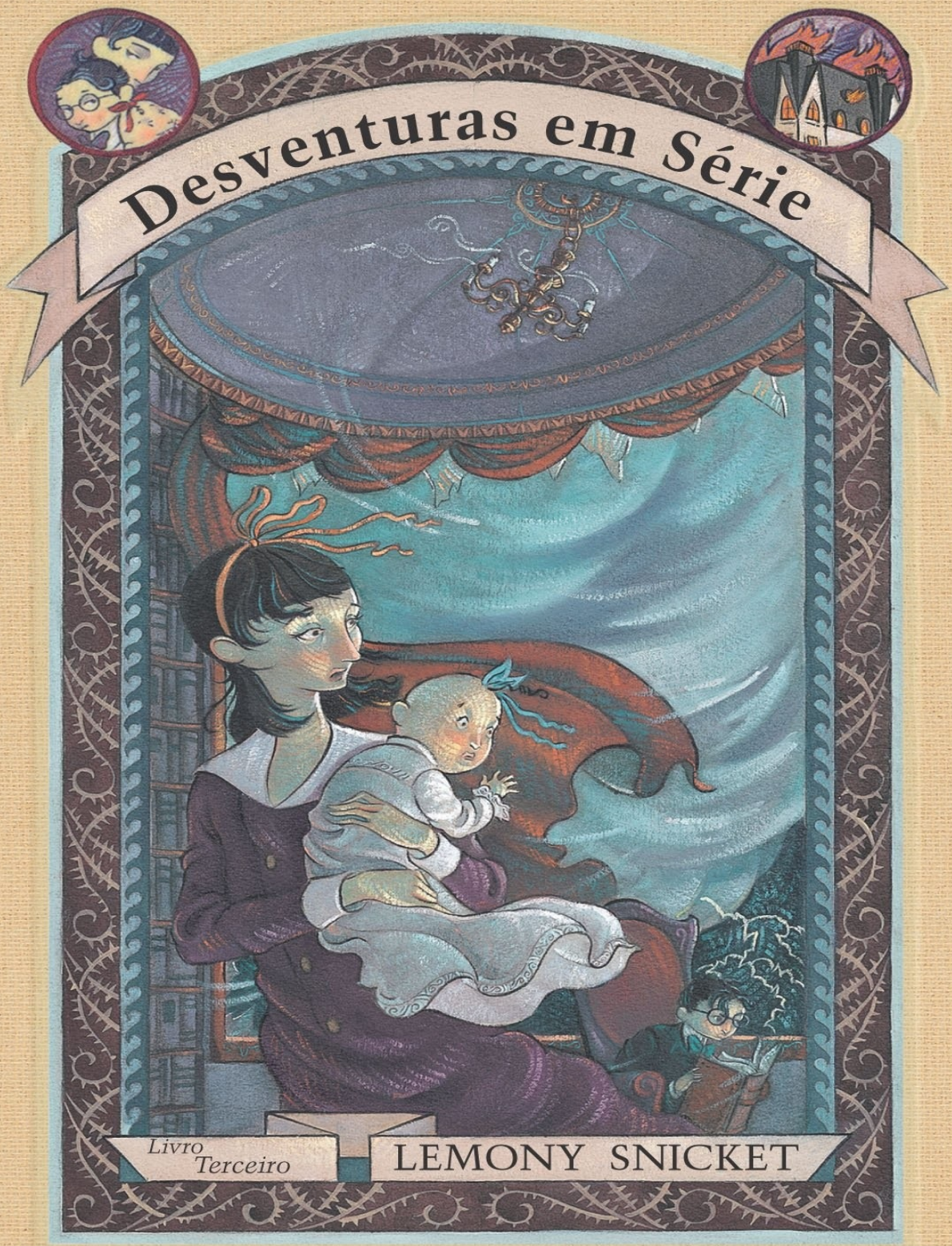


O LAGO DAS SANGUESSUGAS

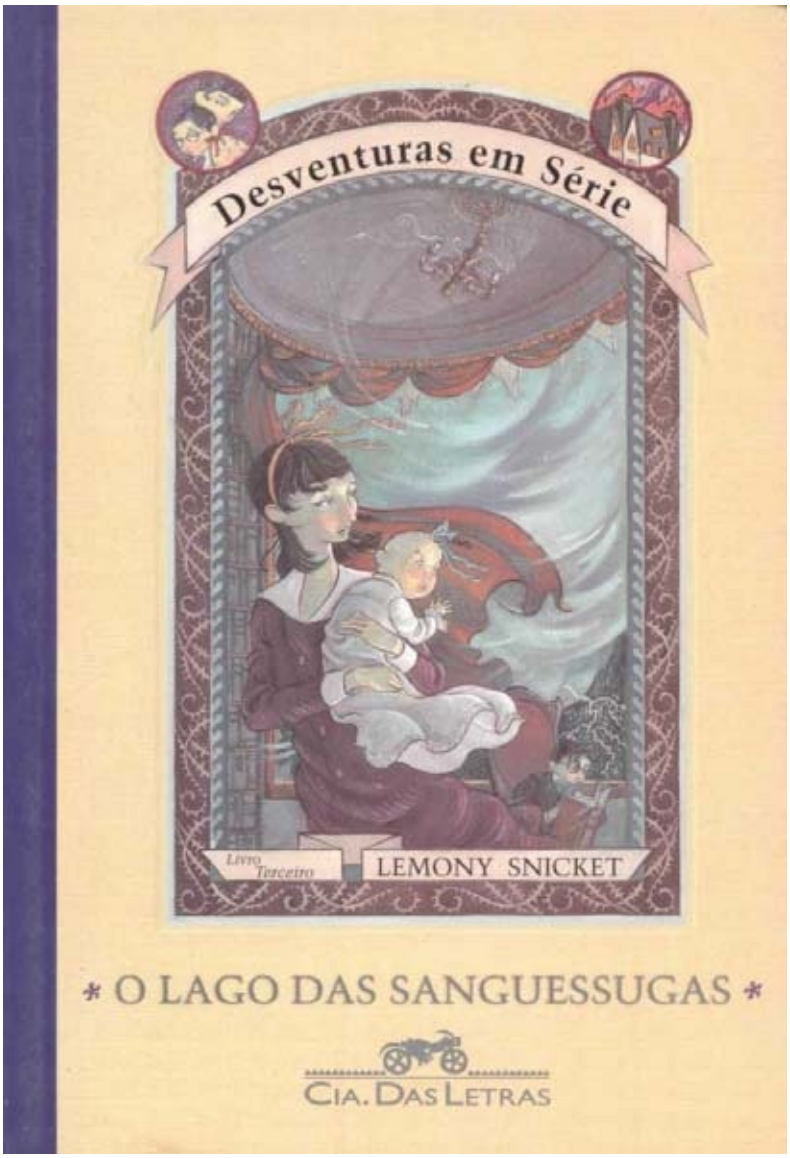
CIA. DAS LETRAS

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site: **Le Livros**

http://LeLivros.com





Lemony Snicket

Caro Leitor,

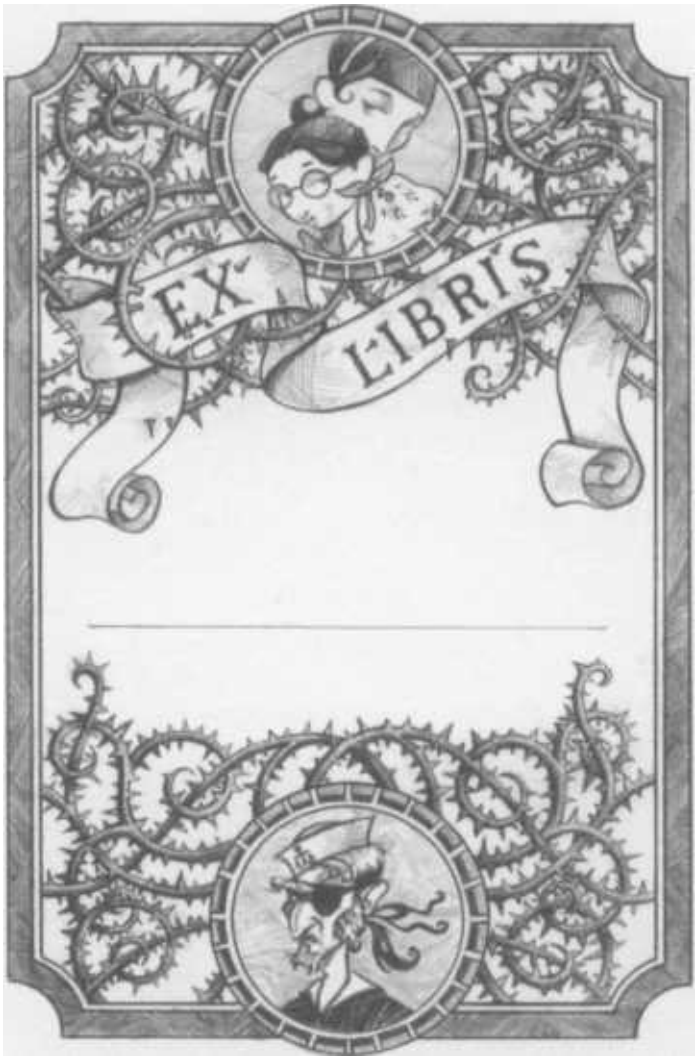
Se você ainda não leu nada sobre os órfãos Baudelaire, é preciso que antes mesmo de começar a primeira frase deste livro fique sabendo o seguinte: Violet, Klaus e Sunny são legais e superinteligentes, mas a vida deles, lamento dizer, está repleta de má sorte e infelicidade. Todas as histórias sobre essas três crianças são uma tristeza e uma verdadeira desgraça, e a que você tem nas mãos talvez seja a pior de todas.

Se você não tem estômago para engolir uma história que inclui um furacão, uma invenção para sinalizar pedidos de socorro, sanguessugas famintas, caldo frio de pepinos, um horrendo vilão e uma boneca chamada Perfeita Fortuna, é provável que se desespere ao ler este livro.

Continuarei a registrar essas histórias trágicas, pois é o que sei fazer. Cabe a você, no entanto, decidir se verdadeiramente será capaz de suportar esta história de horrores.

Respeitosamente,

Lemony Snicket



Desventuras em Série

Livro primeiro Mau começo Livro segundo A Sala dos Répteis Livro terceiro O lago das sanguessugas Livro quarto Serraria Baixo-Astral Livro quinto Inferno no colégio interno Livro sexto O elevador ersatz Livro sétimo A Cidade Sinistra dos Corvos Livro oitavo O hospital hostil Livro nono O espetáculo carnívoro

Livro décimo O escorregador de gelo 

Desventuras em Série Livro terceiro O LAGO DAS SANGUESSUGAS

de LEMONY SNICKET

Ilustrações de Brett Helquist Tradução de Carlos Sussekind 2000 by Lemony Snicket 2000 Ilustrações by Brett Helquist Publicado mediante acordo comHarperCoIlins Childrens Books, divisão da HarperCoIlins Publishers, Inc.

Título original:The wide window Preparação:Márcia Copola Revisão:Cãrmen S. da Costa Cláudia Cantarin Os personagens e situações liesttí obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —

Preferiria que você estivesse viva e com saúde.



CAPÍTULO

Um Se vocês não soubessem grande coisa sobre os órfãos Baudelaire e os vissem sentados sobre suas malas no Cais de Dâmocles, poderiam pensar que eles estavam a ponto de iniciar uma emocionante aventura. Afinal, os três haviam acabado de saltar da barca que os conduzira através do Lago Lacrimoso para irem morar com sua tia Josephine, e, na maioria dos casos, uma situação como essa levaria a acontecimentos dos mais divertidos.

Mas, é claro, vocês estariam redondamente enganados. Porque, embora Violet, Klaus e Sunny estivessem prestes a passar por experiências emocionantes e memoráveis, estas não seriam emocionantes e memoráveis tipo ter a sorte lida por alguém ou assistir a um rodeio. Sua aventura seria emocionante e memorável tipo ser perseguido por um lobisomem num campo de arbustos com espinhos venenosos à meia-noite sem ninguém por perto para vir em socorro. Se vocês se interessam por ler histórias com acontecimentos divertidos, certamente estão lendo o livro errado, porque raras vezes os Baudelaire passam por experiências divertidas ao longo de suas melancólicas e desventuradas vidas. O infortúnio deles é algo de terrível, tao terrível que eu mal tenho coragem de escrever sobre o assunto. De modo que, se vocês não querem ler uma história que é só tragédia do início ao fim, esta é sua última chance de largar este livro, porque os tormentos dos órfãos Baudelaire começam já no próximo parágrafo. "Vejam só o que eu trouxe para vocês!", disse o sr. Poe com um largo sorriso, estendendo um saquinho de papel. "Balas de hortelã-pimenta!" O sr. Poe era um banqueiro a quem fora confiada a gestão dos negócios dos órfãos Baudelaire depois que os pais deles morreram. O sr. Poe era um homem de bons sentimentos, mas neste mundo não basta ter bons sentimentos, especialmente quando se é responsável por manter crianças a salvo de ameaças. O sr. Poe conhecia as três crianças desde que nasceram, e nunca lembrava que elas eram alérgicas a balas de hortelã-pimenta.

"Obrigada, sr. Poe", disse Violet, pegando o saco de papel e espiando o seu conteúdo. Como a maioria das meninas de catorze anos, Violet era muito bem-educada para mencionar que, se comesse balas de hortelã-pimenta, na mesma hora sua pele se cobriria de urticária, palavra que significa "placas vermelhas que coçam durante algumas horas". Além do mais, ela se achava justamente num de seus momentos de concentração inventiva, o que não lhe permitia dar muita atenção ao sr. Poe. Quem conhecia Violet, sabia que quando o cabelo dela estava preso com uma fita para não atrapalhar sua visão, como agora, era sinal de que roldanas, alavancas, engrenagens e outros acessórios necessários a invenções

ocupavam seus pensamentos. Naquele momento em particular, ela pensava como poderia aprimorar a barca do lago para que esta deixasse de soltar fumaça no céu cinzento.

"Muito agradecido", disse Klaus, o órfão do meio, sorrindo para o sr. Poe e pensando que bastaria uma lambidinha numa bala de hortelã-pimenta para que sua língua inchasse e ele mal conseguisse falar. Klaus tirou os óculos e desejou que em vez daquelas balas o sr. Poe houvesse comprado para ele um livro ou um jornal. Klaus era um leitor voraz, e quando ficou sabendo de sua alergia numa festa de aniversário aos oito anos, foi logo lendo todos os livros sobre alergia da biblioteca dos pais dele. Mesmo passados quatro anos, ele ainda era capaz de recitar as fórmulas químicas que causavam o inchaço de sua língua.

"Tói!", gritou Sunny. A mais jovem dos Baudelaire era pouco mais que um bebê e, como muitos bebês, expressava-se com palavras difíceis de entender. Com "Tói!" era provável que quisesse dizer: "Nunca comi balas de hortelã-pimenta porque desconfio que, como meus irmãos, eu seja alérgica a elas"; mas não dava para saber. Também podia ser que quisesse dizer: "Bem que eu desejaria morder uma bala de hortelã-pimenta, porque gosto de morder coisas com meus quatro dentes afiados, mas não quero me arriscar a ter uma reação alérgica".

"Vocês podem comer essas balas no táxi, durante o percurso até a casa da sra. Anwhistle", disse o sr. Poe, tossindo no seu lenço branco. O sr. Poe parecia estar sempre resfriado, e os órfãos Baudelaire se acostumaram a receber dele informações entre acessos de tosse. "Ela pediu desculpas por não ter ido recebê-los no cais, mas disse que tem medo."

"Mas por que ela teria medo de um cais?", perguntou Klaus, olhando para os embarcadouros de madeira e os barcos a vela.

"Ela tem medo de tudo o que tenha ligação com o Lago Lacrimoso", disse o sr. Poe, "mas não deu o motivo. Talvez esteja relacionado à morte do marido. Sua tia Josephine — na verdade, ela não é propriamente tia de vocês; é cunhada de sua prima em segundo grau, mas pediu que vocês a chamem de tia —, sua tia Josephine perdeu o marido recentemente, e é possível que ele tenha morrido afogado ou em conseqüência de um acidente de barco. Não me pareceu de bom-tom perguntar-lhe de que maneira ele morreu. Bem, vamos pô-los num táxi."

"O que significa essa palavra que o senhor usou?", perguntou Violet. O sr. Poe

olhou para Violet e ergueu as sobrancelhas. "Muito me surpreende, Violet", disse, "que uma garota de sua idade ainda não saiba que um táxi é um carro que nos leva a qualquer lugar mediante o pagamento de uma tarifa. Andem, peguem as malas e vamos para junto do meio-fio."

"'Bom-tom'", Klaus disse baixinho para Violet, "é o mesmo que boas maneiras, boa educação."

"Obrigada", respondeu ela baixinho, segurando a mala com uma das mãos e Sunny com a outra. O sr. Poe acenava o lenço no ar para chamar um táxi, e, num instante, o taxista já havia ajeitado toda a bagagem no porta-malas e o sr. Poe já conseguira ajeitar os órfãos Baudelaire no banco de trás.

"Aqui me despeço de vocês", disse o sr. Poe. "O expediente no banco já começou, e tenho impressão de que, se acompanhá-los até a casa da tia Josephine, não vou dar conta do meu serviço. Dêem a ela minhas recomendações e digam-lhe que manterei contato regularmente." O sr. Poe fez uma pausa para tossir no seu lenço antes de continuar. "Outra coisa. Sua tia está um pouco nervosa com a presença de três crianças na casa dela, mas eu lhe assegurei que vocês três são muito bem-educados. Portem-se direitinho e, como sempre, podem me telefonar ou passar um fax para mim no banco se surgir qualquer tipo de problema. Apesar de que eu imagine que nada vá dar errado desta vez."

Quando o sr. Poe disse "desta vez", olhou significativamente para as crianças, como se tivesse sido por culpa delas que o tio Monty havia morrido. Mas os Baudelaire estavam nervosos demais com a expectativa de conhecer sua nova tutora para pensar numa resposta ao sr. Poe que não fosse um simples "Até logo".

"Até logo", disse Violet, guardando o saco de balas de hortelã-pimenta no bolso.

"Até logo", disse Klaus, lançando um último olhar para o Cais de Dâmocles.

"Frul!", gritou Sunny, chupando a fivela do cinto de segurança.

"Até logo", respondeu o sr. Poe, "e boa sorte para vocês. Pensarei nos Baudelaire sempre que puder."

O sr. Poe deu algum dinheiro ao motorista do táxi, e se despediu das três crianças com um gesto enquanto o carro se afastava do cais para enveredar por

uma rua cinzenta de paralelepípedos. Havia uma pequena mercearia com barris de limas e beterrabas do lado de fora. Havia uma loja de roupas chamada Veja Só! É O Seu Tamanho! que parecia estar em reforma. Havia um restaurante de aparência horrível chamado Palhaço Ansioso, com luzes de néon e balões na janela. Mas, sobretudo, havia um grande número de lojas fechadas, com tábuas ou grades de metal nas portas e janelas.

"A cidade não parece muito povoada", observou Klaus. "E eu, que esperava que fizéssemos novos amigos aqui."

"Estamos fora da temporada", disse o taxista. Era um sujeito magrinho com um cigarro magrinho pendurado na boca, e falava com as crianças olhando-as pelo retrovisor. "A cidade do Lago Lacrimoso é uma estação de veraneio, e na temporada isto aqui fica repleto. Nesta época, no entanto, é tudo parado, não se vê vivalma. Para fazer amigos, vocês vão ter que esperar o tempo melhorar. Por falar nisso, o Furacão Hermano está sendo esperado na cidade para daqui a uma semana, por aí. Tratem de providenciar para que haja comida suficiente lá no alto, na casa de vocês."

"Um furacão num lago?", perguntou Klaus. "Pensei que só houvesse furacões perto do oceano."

"Numa massa d'água tão vasta como o Lago Lacrimoso", disse o motorista, "tudo pode acontecer. Para dizer a verdade, eu ficaria um pouco preocupado de morar no alto deste morro. Quando a tempestade chegar, vai ser muito difícil para um carro descer este caminho todo até a cidade."

Violet, Klaus e Sunny olharam pela janela e entenderam o que o motorista quisera dizer com "descer este caminho todo". O táxi tinha dobrado uma última curva e chegara ao estreito topo de um morro bem, bem alto, e as crianças puderam ver como a cidade ficava bem, bem longe, lá embaixo: a rua de paralelepípedos que avançava em volteios ao redor das construções mais parecia uma minúscula cobrinha cinzenta, e o Cais de Dâmocles, um pequeno quadrado com pontinhos — as pessoas — se movendo em torno. E, no espaço além do cais, estava a bolha escura que era o Lago Lacrimoso, bolha colossal e negra, como se um monstro se erguesse acima dos três órfãos, projetando sobre eles uma sombra gigantesca. Por alguns instantes as crianças olharam fixo para o lago, como se hipnotizadas pela enorme mancha na paisagem.

"O lago é tão enorme", disse Klaus, "e parece tão profundo. Eu quase consigo entender por que tia Josephine tem medo dele."

"A senhora que mora aqui em cima", perguntou o taxista, "tem medo do lago?"

"Foi o que nos disseram", disse Violet.

O taxista balançou a cabeça e freou o carro. "Não sei como ela agüenta, então."

"Como assim?", perguntou Violet.

"Vocês querem dizer que nunca estiveram nesta casa?", perguntou ele.

"Não, nunca", respondeu Klaus. "Nós nem sequer conhecemos tia Josephine."

"Bem, se sua tia Josephine tem medo da água", disse o taxista, "não acredito que ela more aqui nesta casa."

"O que o senhor quer dizer com isso?", perguntou Klaus.

"Bem, dê uma olhada", respondeu o motorista, e saiu do táxi. Os Baudelaire deram uma olhada. De início, os três garotos viram apenas algo semelhante a uma caixinha quadrada que tinha uma porta branca com a pintura descascando e que parecia ser um pouco maior do que o táxi que os levara até ali. Mas quando saíram do carro e se aproximaram da construção, viram que a caixinha quadrada era a única parte da casa situada no cume do morro. O resto dela — uma grande pilha de caixas quadradas grudadas umas nas outras como cubos de gelo — pendia das encostas, prendendo-se no morro por estacas metálicas que eram como patas de aranha. Ao olhar para seu novo lar, os três órfãos tiveram a impressão de que a casa inteira se agarrava ao morro como se ele fosse uma tábua de salvação. O motorista do táxi tirou a bagagem deles do porta-malas, depositou-a diante da porta branca com a pintura descascando, e desceu o morro com seu carro, dando um toque na buzina para se despedir. Houve um rangido suave quando a porta branca com a pintura descascando se abriu, e de trás da porta surgiu uma mulher pálida com os cabelos brancos presos num coque no alto da cabeça.

"Olá", disse ela, sorrindo contidamente. "Sou sua tia Josephine."

"Olá", disse Violet, cautelosa, e deu um passo em direção a sua nova tutora.

Klaus, logo atrás dela, também deu um passo, e Sunny, logo atrás dele, engatinhou para a tia, mas os três Baudelaire caminhavam com o máximo cuidado, como se seu peso fosse capaz de romper o precário equilíbrio da casa, fazendo-a despencar. Os órfãos não conseguiam deixar de pensar como uma mulher que tinha tanto medo do Lago Lacrimoso suportava viver numa casa que parecia prestes a se lançar em suas profundezas.

CAPÍTULO

Dois "Este é o aquecedor", disse tia Josephine, apontando com um dedo pálido e magricela para um aquecedor. "Por favor, nem cheguem perto. Pode ser que vocês sintam muito frio aqui dentro de casa. Eu nunca ligo o aquecedor porque tenho medo de que aconteça uma explosão, de modo que de noite, às vezes, fica meio gelado." Violet e Klaus se entreolharam por um breve instante, e Sunny olhou para os dois. Tia Josephine estava mostrando para eles sua nova casa, e a impressão que dava era de que tinha medo de tudo lá dentro, desde o capacho da entrada — no qual, tia Josephine explicou, alguém podia tropeçar, e em seguida levar um tombo e quebrar o pescoço — até o sofá na sala de estar, que, segundo ela, podia cair para trás e jogá-los no chão.

"Este é o telefone", disse tia Josephine, indicando com um gesto o telefone.

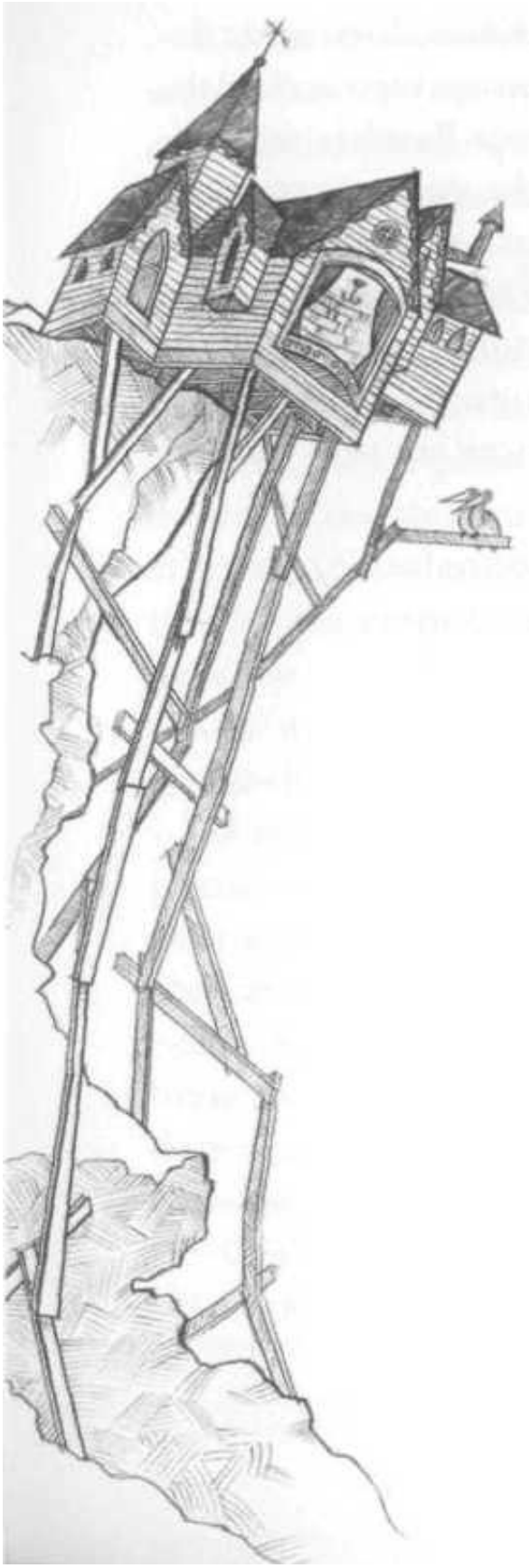
"É para ser usado somente em emergências, porque a pessoa que o usa corre o risco de ser eletrocutada."

"Eu li muito sobre eletricidade", disse Klaus. "E tenho certeza absoluta de que o telefone é perfeitamente seguro."

As mãos de tia Josephine se agitaram em torno dos cabelos como se alguma coisa tivesse saltado sobre sua cabeça. "Não dá para acreditar em tudo o que se lê", observou ela.

"Eu montei um telefone inteirinho, peça por peça", disse Violet. "Se você quiser, posso desmontar o seu telefone e lhe mostrar como ele funciona. Talvez com isso você se sinta mais tranqüila."

"Não sei não", disse tia Josephine, franzindo a testa.



"Delmo!", exclamou Sunny, o que provavelmente significava: "Se quiser, eu mordo o telefone para provar que é inofensivo", ou algo do gênero.

"Delmo?", perguntou tia Josephine, curvando-se para apanhar um fiapo de tecido no desbotado tapete decorado com motivos florais. "O que você quer dizer com 'delmo'? Considero-me uma especialista em nossa língua e não faço idéia do que signifique a palavra delmo. Ela está falando alguma outra língua?"

"É que Sunny ainda não fala fluentemente", disse Klaus, pegando a irmãzinha no colo. "A maior parte do que diz é em língua de bebê."

"Grum!", gritou Sunny, o que queria dizer mais ou menos: "Protesto! Você não tem o direito de chamar a minha fala de língua de bebê!".

"Bem, eu vou ter que ensinar a ela o idioma correto", disse tia Josephine em tom severo. "Tenho certeza de que todos vocês estão precisando dar uma retocada na sua gramática, forçosamente. A gramática é a maior alegria da vida, não acham?" Os três irmãos se entreolharam. Era mais provável que Violet achasse que a maior alegria da vida era inventar, Klaus diria que era ler, e Sunny, é claro, não sabia de prazer maior que o de morder coisas. O que os Baudelaire pensavam sobre gramática — todas aquelas regras sobre como escrever e falar a língua — era o mesmo que pensavam sobre, por exemplo, pudim de pão: legal, mas nada que merecesse muito estardalhaço. De qualquer modo, seria uma grosseria contradizer tia Josephine.

"Sim", disse Violet, finalmente. "Nós sempre adoramos gramática." Tia Josephine assentiu com a cabeça e deu um sorrisinho para os Baudelaire.

"Bem, vou levá-los para o seu quarto, e percorreremos o resto da casa após o jantar. Quando forem abrir a porta, basta que dêem um empurrãozinho na madeira, aqui. Nunca usem a maçaneta. Sempre fico com medo de que ela se parta em milhões de pedaços e um deles atinja o meu olho."

Os Baudelaire começavam a achar que não lhes seria permitido tocar em nenhum dos objetos da casa, mas sorriram para tia Josephine, empurraram a madeira, e a porta se abriu, revelando um quarto espaçoso e bem iluminado, com paredes brancas e um tapete liso azul no chão. Dentro havia duas camas de bom tamanho e um berço também de bom tamanho, obviamente para Sunny, cobertos, cada qual, por uma colcha lisa azul, e ao pé de cada cama havia um

baú para guardar objetos pessoais. No outro extremo do quarto, havia um armário grande para as roupas de todos eles, uma janelinha para olhar para fora e uma pilha não muito grande de latas sem finalidade aparente.

"Sinto muito que vocês três tenham que partilhar o quarto", disse tia Josephine, "mas esta casa não é das maiores. Fiz o possível para provê-los de tudo o que pudessem necessitar, e espero sinceramente que se sintam bem instalados."

"Tenho certeza que sim", disse Violet, levando sua mala para o quarto. "Muito obrigada, tia Josephine."

"Dentro de cada baú", disse tia Josephine, "há um presente." Presentes? Os Baudelaire não recebiam presentes fazia muito, muito tempo. Sorrindo, tia Josephine foi até o primeiro baú e o abriu. "Para Violet", disse, "uma bela boneca com sua coleção de roupas e adereços." Tia Josephine puxou do fundo do baú uma boneca de plástico com boquinha pequena e olhos desmesuradamente abertos. "Não é adorável? Chama-se Perfeita Fortuna."

"Oh, obrigada", disse Violet, que, aos catorze anos, tinha passado da idade de brincar com bonecas e que, aliás, nunca fora muito ligada em bonecas. Com um sorriso forçado, pegou Perfeita Fortuna dos braços de tia Josephine e acariciou sua cabecinha de plástico.

“E para Klaus", disse tia Josephine, "um trem de montar." Abriu o segundo baú e tirou dali um trenzinho em miniatura. "Você pode armar os trilhos naquele canto vazio do quarto."

"Que divertido", disse Klaus, tentando parecer fascinado. Klaus nunca se interessara por trens de montar, por causa do trabalho que dava juntar todas as partes e que, no fim, era compensado apenas por uma coisa que dava voltas e mais voltas em círculos intermináveis.

"E para a pequena Sunny", disse tia Josephine, procurando com o braço esticado dentro do baú menor, que ficava ao pé do berço, "um chocalho. Veja, Sunny, faz um barulhinho."

Sunny sorriu para tia Josephine, mostrando os quatro dentes afiados, mas seus irmãos mais velhos sabiam que Sunny desprezava chocalhos e os sons irritantes que eles produziam ao ser agitados. Sunny havia recebido de presente um chocalho quando era bem pequena, e foi a única coisa que ela não lamentou ter

perdido no incêndio devastador que destruiu a casa dos Baudelaire.

"Você é tão generosa", disse Violet, "em nos dar todas essas coisas." Porque era bem-educada, não acrescentou que aquelas coisas estavam longe de ser do agrado deles.

"Bem, estou muito feliz por tê-los aqui", disse tia Josephine. "Tenho um amor tão grande pela gramática! Fico radiante de poder partilhar meu amor pela gramática com três crianças tão interessantes como vocês. Bem, vocês dispõem de alguns minutos para se instalar e depois vamos jantar. Até daqui a pouco."

"Tia Josephine", perguntou Klaus, "essas latas servem para quê?"

"Essas latas? Para assaltantes, naturalmente", disse tia Josephine, ajeitando o coque no alto da cabeça. "Vocês devem ter tanto medo de assaltantes quanto eu. Assim, é só pôr essas latas bem perto da porta, todas as noites, que os assaltantes, ao entrar, vão tropeçar nas latas e vocês vão acordar."

"E o que vamos fazer, quando acordarmos num quarto com um assaltante furioso?", perguntou Violet. "Eu preferiria dormir durante o assalto." Tia Josephine esgazeou os olhos de medo. "Assaltantes furiosos?", repetiu ela. "Assaltantes furiosos? Por que você está falando em assaltantes furiosos? Está tentando apavorar mais ainda todos nós?"

"Claro que não", gaguejou Violet, sem sequer mencionar que tia Josephine é que havia puxado o assunto. "Desculpe-me. Não tive intenção de apavorá-la."

"Bom, nem mais uma palavra sobre isso", disse tia Josephine, olhando nervosamente para as latas como se um assaltante estivesse tropeçando nelas naquele exato momento. "Vejo-os no jantar daqui a alguns minutos." A nova tutora fechou a porta, e os órfãos Baudelaire ouviram seus passos se afastando rapidamente no corredor antes de eles falarem.

"Sunny pode ficar com Perfeita Fortuna", disse Violet, passando a boneca para a irmã. "O plástico é duro o bastante para ser mordido, acho eu."

"E você pode ficar com o trem de montar, Violet", disse Klaus. "Talvez você possa aproveitar as locomotivas e inventar alguma coisa."

"Mas aí a única coisa que sobra para você é o chocalho", disse Violet. "Não me

parece justo."

"Chu!", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: "Faz muito tempo que nada em nossas vidas tem sabor de justiça".

Os Baudelaire se entreolharam com sorrisos amargos. Sunny tinha razão. Não era justo que seus pais tivessem sido arrebatados deles. Não era justo que o perverso e revoltante conde Olaf os perseguisse aonde quer que fossem, movido unicamente pelo interesse em sua fortuna. Não era justo que eles se mudassem da casa de um parente para a de outro, com coisas terríveis acontecendo em cada um de seus novos lares, como se os Baudelaire viajassem em algum ônibus macabro que só parasse em estações de injustiça e desgraça. E, é claro, certamente não era justo que Klaus só tivesse um chocalho para brincar em sua nova casa.

"Tia Josephine deve ter feito um esforço danado para preparar este quarto para nós", disse Violet com tristeza. "Ela parece ser uma boa pessoa. Não deveríamos nos queixar, nem mesmo entre nós."

"Certo, Violet", disse Klaus, pegando seu chocalho e agitando-o sem muita convicção. "Não deveríamos nos queixar."

"Tuí!", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: "Vocês dois têm razão. Não deveríamos nos queixar".

Klaus foi até a janela e olhou para a paisagem; escurecia. O sol se punha nas sombrias profundezas do Lago Lacrimoso, e um frio vento noturno começava a soprar. Mesmo estando do lado protegido da vidraça, Klaus se sentiu tomado por um calafrio.

"Quero me queixar, não importa!", disse.

"O jantar está pronto!", disse tia Josephine, chamando-os da cozinha. "Por favor, venham para a mesa!

Violet pousou a mão no ombro de Klaus e lhe deu um apertãozinho em sinal de consolo; sem dizer mais nada, os três Baudelaire percorreram de volta o corredor e foram para a sala de jantar. Tia Josephine arrumara a mesa para quatro, providenciando um almofadão para Sunny e outra pilha de latas no canto da sala, para o caso de assaltantes tentarem roubar o jantar deles.

"Hoje teremos sopa", disse tia Josephine.

"Ótimo!", exclamou Violet. "Nada como uma sopa bem quentinha numa noite gelada."

"Na verdade, não é uma sopa quente", disse tia Josephine. "Nunca preparo nada quente porque tenho medo de acender o fogão; ele pode explodir e pegar fogo. Fiz um caldo frio de pepinos."

Os Baudelaire se entreolharam e tentaram disfarçar sua decepção. Como vocês provavelmente sabem, caldo frio de pepinos é um prato que cai muito bem num dia de extremo calor. Eu mesmo adorei uma vez em que tomei esse caldo no Egito, quando visitei um amigo que trabalha como encantador de serpentes. Se bem preparado, o caldo frio de pepinos tem um delicioso sabor de menta, que refresca como se fosse uma bebida. Mas num dia de temperatura baixa, numa sala varrida por correntes de ar, o efeito era tal qual o de um enxame de vespas empestando uma festa de aniversário. As três crianças, em silêncio mortal, permaneceram sentadas à mesa com tia Josephine e se esforçaram ao máximo para empurrar goela abaixo a receita fria e viscosa. O único som era o dos quatro dentes de Sunny trepidando na colher de sopa enquanto ela tomava o jantar gélido. Como vocês bem sabem, quando ninguém fala à mesa de jantar, a refeição parece durar horas, e, por assim dizer, uma eternidade de tempo havia passado quando tia Josephine finalmente rompeu o silêncio.

"Meu adorado marido e eu nunca tivemos filhos", disse ela, "porque era uma idéia que nos dava medo. Mas quero que saibam que fico muito feliz por vocês estarem aqui. Às vezes me sinto muito só no alto deste morro sem nenhuma companhia, e quando o sr. Poe me escreveu contando os desgostos por que vocês passaram, desejei que não se sentissem tão sós como eu me senti quando perdi meu adorado Belo."

"O nome do seu marido era Belo?", perguntou Violet. Tia Josephine sorriu, mas não olhava para Violet; era como se falasse mais para si própria do que para os Baudelaire. "Sim", disse com uma voz distante. "Belo era meu marido, mas era muito mais que isso. Era o meu melhor amigo, meu parceiro na gramática, e a única pessoa que conheci capaz de assobiar com bolachas na boca."

"Nossa mãe sabia fazer isso", disse Klaus, sorrindo. "Sua especialidade era a Sinfonia nº 14 de Mo-zart."

"A de Belo era o Quarteto nº 4 de Beethoven", replicou tia Josephine. "Pelo visto, é uma característica da família."

"Pena que nós não o conhecemos", disse Violet. "Parece que era uma pessoa maravilhosa."

"Ele era maravilhoso", disse tia Josephine, mexendo sua sopa e soprando-a apesar de estar gelada. "Fiquei tão triste quando ele morreu. Tive a sensação de perder as duas coisas mais especiais da minha vida."

"Duas?", perguntou Violet. "Como assim?"

"Perdi Belo", disse tia Josephine, "e perdi o Lago Lacrimoso. Quer dizer, claro que não perdi realmente o lago. Ele continua lá embaixo, no vale. Mas cresci nas suas margens, costumava nadar ali todos os dias. Sabia quais praias eram arenosas e quais eram rochosas. Conhecia todas as ilhas em meio às suas águas e todas as grutas ao longo de suas margens. Era como se o Lago Lacrimoso fosse um amigo meu. Mas quando arrebatou Belo de mim, senti muito medo de me aproximar dele novamente. Parei de nadar. Nunca mais voltei à praia. Cheguei até a evitar os livros que tratavam do lago. O único lugar de onde suporto olhar para ele é a janela ampla da biblioteca."

"Biblioteca?", perguntou Klaus, animando-se. "Você tem uma biblioteca?"

"Claro", disse tia Josephine. "Onde mais poderia guardar todos os meus livros de gramática? Se todos acabaram de tomar a sopa, vou mostrar-lhes a biblioteca."

"Não consigo tomar nem mais uma colherada", disse Violet, sem faltar à verdade.

"Irm!", gritou Sunny, concordando.

"Não, não, Sunny", disse tia Josephine. "'Irm' não é gramaticalmente correto. O que você quer dizer é: 'Eu também terminei minha sopa'."

"Irm", insistiu Sunny.

"Minha nossa, você de fato precisa de umas aulas de gramática", disse tia Josephine. "Mais uma razão para irmos à biblioteca. Vamos, crianças." Deixando para trás suas tigelas cheias pela metade, os Baudelaire seguiram tia Josephine

pelo corredor, tendo o cuidado de não tocar em nenhuma das maçanetas pelas quais passavam. No final do corredor, tia Josephine se deteve e abriu uma porta que parecia das mais comuns, mas quando as crianças a transpuseram, entraram numa sala que era tudo menos comum.

A biblioteca não era quadrada nem retangular, como a maioria das salas, mas curva, num formato oval. Uma das paredes dessa sala oval estava dedicada a livros — fileiras e fileiras e fileiras deles, e não havia um só que não fosse de gramática. Havia uma enciclopédia de substantivos colocada numa série de estantes simples de madeira, curvas para se amoldar à parede. Havia volumes muito grossos sobre a história dos verbos, alinhados numa estante metálica que brilhava de tão bem polida. E havia estantes envidraçadas que continham manuais de adjetivos dispostos como se estivessem à venda na vitrine de uma loja e não na casa de alguém. No meio da sala achavam-se poltronas de aparência muito confortável, cada qual com seu respectivo pufe, de modo a permitir que a pessoa esticasse as pernas enquanto lia. Mas foi a outra parede, ao fundo da sala oval, que despertou a atenção das crianças. Do chão ao teto a parede era uma janela, uma enorme vidraça em curva, e, além da vidraça, tinha-se uma vista espetacular do Lago Lacrimoso. Quando as crianças avançaram para ver mais de perto, sentiram-se como se estivessem voando muito acima do lago, e não apenas olhando para ele de dentro da casa.

"Este é o único lugar de onde suporto olhar para o lago", disse tia Josephine em voz baixa. "Daqui, de longe. Se chego muito mais perto, lembro-me do último piquenique na praia com meu adorado Belo. Avisei-o de que devia esperar uma hora depois de comer para entrar no lago, mas ele só esperou quarenta e cinco minutos. Achou que era o suficiente."

"Ele teve cãibras?", perguntou Klaus. "É o que pode acontecer quando não se espera uma hora para nadar."

"Esse é um dos riscos", disse tia Josephine, "mas no Lago Lacrimoso há outro. Se você não espera uma hora depois de comer, as sanguessugas do lago sentem o cheiro da comida em você e atacam."

"Sanguessugas?", perguntou Violet.

"Sanguessugas", explicou Klaus, "são algo assim como vermes. São cegas, vivem em meios aquáticos, e para se alimentar, grudam-se na pessoa e sugam

seu sangue."

Violet estremeceu. "Que horrível."

"Suó!", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: "Por que cargas-d'água alguém iria nadar num lago repleto de sanguessugas?".

"As sanguessugas do Lago Lacrimoso", disse tia Josephine, "são muito diferentes das sanguessugas comuns. Cada uma tem seis fileiras de dentes muito afiados, e um nariz com olfato apuradíssimo — conseguem sentir a presença de um pedacinho de comida a grandes distâncias. As sanguessugas do lago são em geral bastante inofensivas, atacando somente peixes miúdos. Mas se elas sentem cheiro de comida num humano, juntam-se em volta dele e... e..." Os olhos de tia Josephine se encheram de lágrimas; ela puxou um lenço rosa-claro e as enxugou. "Desculpem-me, crianças. Não é gramaticalmente correto terminar uma frase com a palavra e, mas fico tão transtornada quando penso em Belo que não consigo falar na morte dele."

"Sentimos muito ter puxado o assunto", disse Klaus na mesma hora. "Não era nossa intenção transtorná-la."

"Tudo bem", disse tia Josephine, assoando o nariz. "Só que eu prefiro pensar em Belo de outras maneiras. Belo sempre adorou os raios do sol, e eu gosto de imaginar que onde ele está agora, seja onde for, é o lugar mais ensolarado possível. É

claro que ninguém sabe o que acontece conosco depois que morremos, mas é lindo pensar que o meu marido está num lugar muito, muito quente, vocês não acham?"

"Eu acho sim", disse Violet. "É lindo, sem dúvida nenhuma." Ela ia dizer mais alguma coisa para tia Josephine, mas engoliu em seco: quando acabamos de conhecer alguém, é difícil saber o que essa pessoa gostaria de ouvir. "Tia Josephine", disse ela timidamente, "você já pensou em se mudar para algum outro lugar? Se você morasse longe do Lago Lacrimoso, quem sabe não se sentiria melhor?"

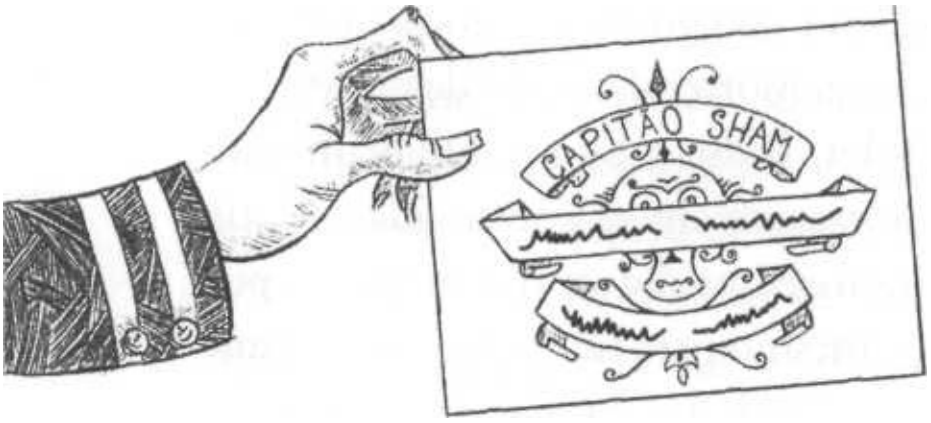
"Nós iríamos com você", disse Klaus de repente.

"Oh, eu jamais conseguiria vender esta casa", disse tia Josephine. "Morro de

medo de corretores."

Os três jovens Baudelaire se entreolharam sub-repticiamente, palavra que aqui significa "enquanto tia Josephine não estava olhando". Nenhum deles nunca ouvira falar de alguém que tivesse medo de corretores.

Há dois tipos de medo: racional e irracional — ou, em termos mais simples, medos que têm sentido e medos que não têm sentido. Por exemplo, o medo que os órfãos Baudelaire sentem do conde Olaf tem todo o sentido, porque ele é um homem perverso que quer destruí-los. Mas se eles tivessem medo de torta de limão, esse seria um medo irracional, porque torta de limão é uma delícia e nunca feriu ninguém. Ter medo de que haja um monstro debaixo da cama é perfeitamente racional, porque de fato um monstro pode ir parar um dia debaixo da sua cama e estar pronto para devorá-lo, mas ter medo de corretores é um medo irracional. Corretores, como vocês bem sabem, são pessoas que dão assistência na compra e venda de casas. Além de às vezes se apresentar com um feio paletó amarelo, um corretor pode, na pior das hipóteses, mostrar-lhe uma casa de que você não goste, de modo que é inteiramente irracional morrer de medo de corretores. Enquanto Violet, Klaus e Sunny olhavam para o lago escuro e pensavam em sua nova vida com tia Josephine, sentiram-se invadidos, eles próprios, por um certo medo, e mesmo para um especialista mundial em medo seria difícil determinar se esse era um medo racional ou irracional. O medo dos Baudelaire era que a desgraça não tardaria a atingi-los. Por um lado, esse era um medo irracional, uma vez que tia Josephine parecia uma boa pessoa e o conde Olaf não estava visível em parte alguma. Mas, por outro, os Baudelaire haviam passado por tantas coisas terríveis que parecia racional pensar que outra catástrofe estava a caminho.



CAPÍTULO

Três

Há uma maneira de olhar a vida que consiste em "considerar as coisas de uma perspectiva determinada". Isso significa simplesmente "sentir-se melhor ao comparar o que está acontecendo a você neste momento com outras coisas que aconteceram numa época diferente ou a pessoas diferentes". Por exemplo, se você estivesse aborrecido por causa de uma espinha medonha que surgiu na ponta do seu nariz, poderia tentar se sentir melhor examinando sua espinha de uma perspectiva determinada. Você poderia comparar o seu sofrimento por causa da espinha com o de alguém que estivesse sendo comido por um urso, e quando você olhasse no espelho para sua espinha medonha, poderia dizer a si próprio: "Bem, pelo menos não estou sendo comido por um urso".

Não é preciso grande esforço para perceber que considerar as coisas de uma perspectiva determinada é algo que raramente funciona cem por cento, porque é difícil se concentrar em alguma outra pessoa sendo comida por um urso quando se está de olho na própria espinha medonha. E foi o que aconteceu com os órfãos Baudelaire nos dias que se seguiram. De manhã, quando as crianças se reuniam com tia Josephine para a primeira refeição — suco de laranja e pão sem torrar —, Violet pensava: "Bem, pelo menos não estamos sendo forçados a cozinhar para a repulsiva companhia teatral do conde Olaf". À tarde, quando tia Josephine os levava para a biblioteca e lhes ensinava tudo sobre gramática, Klaus pensava: "Bem, pelo menos o conde Olaf não está prestes a nos carregar para o Peru". E à noite, quando as crianças se reuniam com tia Josephine para o jantar — suco de laranja e pão sem torrar —, Sunny pensava: "Zax!", que significava: "Bem, pelo menos não há sinal do conde Olaf em parte alguma!", ou algo do gênero.

Mas, por mais que os três irmãos comparassem a vida na casa de tia Josephine com os tristes episódios por que haviam passado, não podiam deixar de se sentir insatisfeitos com o que viviam. Nas horas livres, Violet desmontava engrenagens e interruptores do trem de brinquedo, na esperança de inventar algo que permitisse preparar comida quente sem causar medo a tia Josephine, mas nem por isso deixava de desejar que tia Josephine simplesmente acendesse o fogão. Klaus ficava sentado numa das poltronas da biblioteca, com os pés no pufe, lendo sobre gramática até o sol se pôr, mas quando olhava para o lago melancólico, não tinha como afastar o desejo de que ainda estivessem morando com o tio Monty e todos os seus répteis. E Sunny saía da rotina mordendo a cabeça da boneca Perfeita Fortuna, mas, mesmo assim, não conseguia deixar de desejar que seus pais ainda estivessem vivos, e que ela e os irmãos estivessem

sãos e salvos no lar dos Baudelaire.

Tia Josephine não gostava muito de sair de casa, tantas eram as coisas lá fora que a amedrontavam, mas um dia as crianças lhe contaram o que o taxista havia dito sobre a aproximação do Furacão Hermano, e ela concordou em levá-los à cidade para comprar mantimentos. Tia Josephine tinha medo de andar de carro porque as portas podiam emperrar, deixando-a presa lá dentro. Assim, eles tiveram que descer todo o morro a pé. Quando chegaram ao mercado, suas pernas estavam doloridas por causa da caminhada.

"Tem certeza que não nos deixa cozinhar para você?", perguntou Violet, quando tia Josephine chegou perto do barril de limas. "Quando morávamos com o conde Olaf, aprendemos a fazer molho puttanesca. Era muito fácil e absolutamente seguro."

Tia Josephine balançou a cabeça. "Como sua tutora, é minha responsabilidade cozinhar para vocês, e estou ansiosa para experimentar uma receita de caldo frio de limas. O conde Olaf me parece muito perverso. Imaginem só, forçar crianças a ficarem junto de um fogão!"

"Ele foi muito cruel conosco", concordou Klaus, sem acrescentar que ser forçados a cozinhar havia sido o menor de seus problemas quando moraram com o conde Olaf. "Às vezes ainda tenho pesadelos com a terrível tatuagem no seu tornozelo. Sempre me deu medo."

Tia Josephine franziu a testa e ajeitou o coque. "Você cometeu um erro gramatical, Klaus", disse em tom severo. "Ao dizer: 'Sempre me deu medo', pareceu querer dizer que o tornozelo dele sempre lhe deu medo, mas você estava se referindo à tatuagem. Então, deveria ter dito: 'A tatuagem sempre me deu medo'. Entendeu?"

"Entendi sim", disse Klaus com um suspiro. "Obrigado por ter assinalado isso, tia Josephine."

"Nicu!", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: "Não foi legal ter apontado o erro gramatical de Klaus quando ele falava de uma coisa que o afligia".

"Não, não, Sunny", disse tia Josephine com firmeza, erguendo os olhos de sua lista de compras. "'Nicu' não é uma palavra. Lembre-se do que dissemos sobre

falar corretamente o idioma. Violet, por favor, pegue alguns pepinos. Estou pensando em repetir o caldo frio de pepinos na próxima semana." Violet resmungou interiormente — frase que aqui quer dizer "não disse nada, mas se sentiu decepcionada ante a perspectiva de outro jantar gelado" —, mas sorriu para tia Josephine e saiu caminhando pelo mercado à procura dos pepinos. Olhou muito desejosa para todos os alimentos deliciosos nas prateleiras, os quais exigiam que se acendesse o fogão para prepará-los. Violet tinha a esperança de um dia poder fazer uma boa refeição quente para tia Josephine e os irmãos, usando a invenção em que trabalhava com as peças do trem de montar. Por alguns momentos ficou tão entregue aos seus pensamentos de inventora que nem olhou por onde andava, até esbarrar em alguém.

"Desc...", começou Violet a dizer, mas quando ergueu os olhos, não conseguiu terminar a frase. Diante dela estava um homem alto e magro, com um gorro azul de marinheiro na cabeça e uma venda negra cobrindo o olho esquerdo. Sorria encantado para ela, como se ela fosse um presente de aniversário envolto numa embalagem luxuosa que ele se continha para não rasgar. Seus dedos eram compridos e ossudos, e ele estava meio desajeitadamente tombado para um lado, um pouco como a casa de tia Josephine, que se equilibrava no alto do morro. Ao olhar para baixo, Violet entendeu por quê: havia um grosso bloco de madeira no lugar onde deveria estar sua perna esquerda, e, como a maioria dos que usam perna de pau, o homem se apoiava na perna boa, o que o levava a se inclinar. Mas embora Violet jamais tivesse visto alguém com uma perna de pau, não foi por isso que ela não conseguiu terminar a frase. O motivo se relacionava com algo que ela já tinha visto — o brilho intenso, muito intenso, no único olho daquele homem, e, acima do olho, uma única sobrancelha comprida.

Quando o disfarce de alguém não é muito bom, pode-se descrevê-lo como um disfarce transparente. Isso não quer dizer que a pessoa esteja usando material (vidro, plástico) transparente. Significa apenas que os outros conseguem ver através do disfarce — ou seja, o disfarce não os engana nem sequer por um instante. Violet não se deixou enganar nem mesmo por um segundo ao erguer os olhos para o homem em quem esbarrara. Ela percebeu na mesma hora que era o conde Olaf.

"Violet, o que você está fazendo neste setor?", disse tia Josephine atrás dela.

"Este setor é o de alimentos que precisam ser aquecidos, e como você sabe..." Quando ela viu o conde Olaf, parou de falar, e por um momento Violet pensou

que tia Josephine o havia reconhecido também. Mas tia Josephine sorriu, e as esperanças de Violet ficaram em frangalhos, expressão que quer dizer "se despedaçaram".

"Olá", disse o conde Olaf, sorrindo para tia Josephine. "Eu estava justamente me desculpando de ter esbarrado em sua irmã."

O rosto de tia Josephine enrubesceu vivamente, o rubor parecendo ainda mais intenso por causa dos cabelos brancos. "Oh, não", disse ela, enquanto Klaus e Sunny se aproximavam para ver o que estava acontecendo. "Violet não é minha irmã, senhor. Sou sua tutora legal."

O conde Olaf levou uma das mãos ao rosto, como se tia Josephine tivesse acabado de lhe dizer que era a rainha de Sabá. "Não posso acreditar", disse ele. "A senhora não parece ter idade para ser tutora de ninguém." Tia Josephine corou novamente. "Bem, caro senhor, vivi a vida inteira à beira do lago, e algumas pessoas me disseram que isso me mantém jovem."

"Ficaria muito feliz de travar relações com uma personagem do lugar", disse o conde Olaf, tocando com a ponta dos dedos o seu gorro azul de marinheiro e usando tolamente uma palavra que aqui significa "pessoa". "Sou novo na cidade e estou justamente começando um novo negócio, de forma que desejo muito travar novas relações. Permita-me que me apresente."

"Klaus e eu temos o maior prazer de apresentá-lo", disse Violet, com mais coragem do que eu teria se me visse novamente cara a cara com o conde Olaf. "Tia Josephine, este é o conde..."

"Não, não, Violet", interrompeu tia Josephine. "Observe a sua gramática. Você deveria ter dito: 'Klaus e eu teremos o maior prazer de apresentá-lo', porque vocês ainda não o apresentaram."

"Mas...", começou Violet a dizer.

"Escute aqui, Verônica", disse o conde Olaf, com seu olho único brilhando intensamente quando ele olhou para ela. "Sua tutora tem razão. E antes que você cometa outros enganos, permita-me que me apresente. Meu nome é capitão Sham, e estou à frente de um novo negócio: alugo barcos no Cais de Dâmocles. Prazer em conhecê-la, senhorita...?"

"Sou Josephine Anwhistle", disse tia Josephine. "E estes são Violet, Klaus e a pequena Sunny Baudelaire."

"Pequena Sunny", repetiu o capitão Sham, num tom que parecia que ele estava comendo Sunny em vez de estar cumprimentando-a. "É um prazer conhecer todos vocês. Quem sabe um dia não os levo para dar um passeiozinho de barco no lago?"

"Ging!", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer algo como: "Antes magra no mato do que gorda no papo do gato".

"Nós não vamos a lugar nenhum com você", disse Klaus. Tia Josephine corou mais uma vez, e encarou com firmeza as três crianças.

"As crianças parecem ter esquecido não só a gramática, mas também as boas maneiras", disse. "Por favor, peçam desculpas ao capitão Sham, imediatamente."

"Ele não é o capitão Sham", disse Violet, já sem paciência. "Ele é o conde Olaf."

Tia Josephine prendeu a respiração, e olhou primeiro para os rostos ansiosos dos Baudelaire e depois para a fisionomia calma do capitão Sham. Ele tinha um sorriso estampado no rosto, mas esse sorriso se tornava menos confiante à medida que o farsante esperava para ver se tia Josephine percebia que ele era de fato o conde Olaf disfarçado.

Tia Josephine olhou para ele da cabeça aos pés, e franziu a testa. "O sr. Poe avisou-me que deveria ficar alerta para qualquer sinal da presença do conde Olaf", disse finalmente, "mas disse também que vocês, crianças, tinham uma tendência a vê-lo em toda parte."

"Nós o vemos em toda parte", disse Klaus, aborrecido, "porque ele está em toda parte."

"Quem é esse tal de conde Omar?", perguntou o capitão Sham.

"O conde Olaf", disse tia Josephine, "é um homem terrível que..."

"... está bem diante de nós", concluiu Violet. "Pouco me importa o nome que ele dá a si mesmo. Ele tem os mesmos olhos brilhantes, a mesma sobrancelha única..."

"Mas uma porção de gente tem essas características", disse tia Josephine.

"Meu Deus, minha sogra tem não apenas uma sobrancelha única como também uma única orelha."

"A tatuagem!", disse Klaus. "Procure a tatuagem! O conde Olaf tem um olho tatuado no tornozelo esquerdo."

O capitão Sham suspirou e, com dificuldade, ergueu a perna de pau para que todos pudessem vê-la com clareza. Era feita de madeira escura, envernizada para brilhar com a mesma intensidade que o seu olho, e fixada no joelho esquerdo por uma dobradiça curva de metal. "Mas eu nem sequer tenho um tornozelo esquerdo", disse ele com voz queixosa. "As sanguessugas do lago o comeram." Os olhos de tia Josephine se encheram de lágrimas, e ela pousou uma das mãos no ombro do capitão Sham. "Oh, pobre homem", disse, e no mesmo instante as crianças entenderam que estavam perdidas. "Vocês ouviram o que o capitão Sham disse?", ela lhes perguntou.

Violet tentou mais uma vez, sabendo que provavelmente seria em vão. "Ele não é o capitão Sham", disse. Ele é...

"Você não pode achar que ele permitiria que as sanguessugas do lago comessem sua perna", disse tia Josephine, "só para pregar uma peça em vocês. Conte-nos, capitão Sham. Conte-nos como foi que aconteceu."

"Bem, eu estava sentado no meu barco, poucas semanas atrás", disse o capitão Sham. "Comia macarrão à puttanesca, e deixei cair um pouco em minha perna. Antes que eu percebesse o que acontecera, as sanguessugas se lançaram ao ataque."

"Exatamente como aconteceu ao meu marido", disse tia Josephine, mordendo o lábio. Os Baudelaire, todos os três, cerraram os punhos, frustrados. Sabiam que a história do capitão Sham sobre o molho puttanesca era tão falsa quanto o seu nome, mas não tinham como prová-lo.

"Olhe aqui", disse o capitão Sham, tirando do bolso um cartãozinho e o estendendo a tia Josephine. "Fique com meu cartão, e a próxima vez que a senhora vier à cidade, quem sabe não tomamos uma xícara de chá?"

"Acho ótimo", disse tia Josephine, lendo o cartão. "'Barcos a vela do capitão

Sham. Cada barco tem sua própia vela.' Ah, capitão, há um erro muito grave aqui."

"Quê?", disse o capitão, erguendo a sobrancelha.

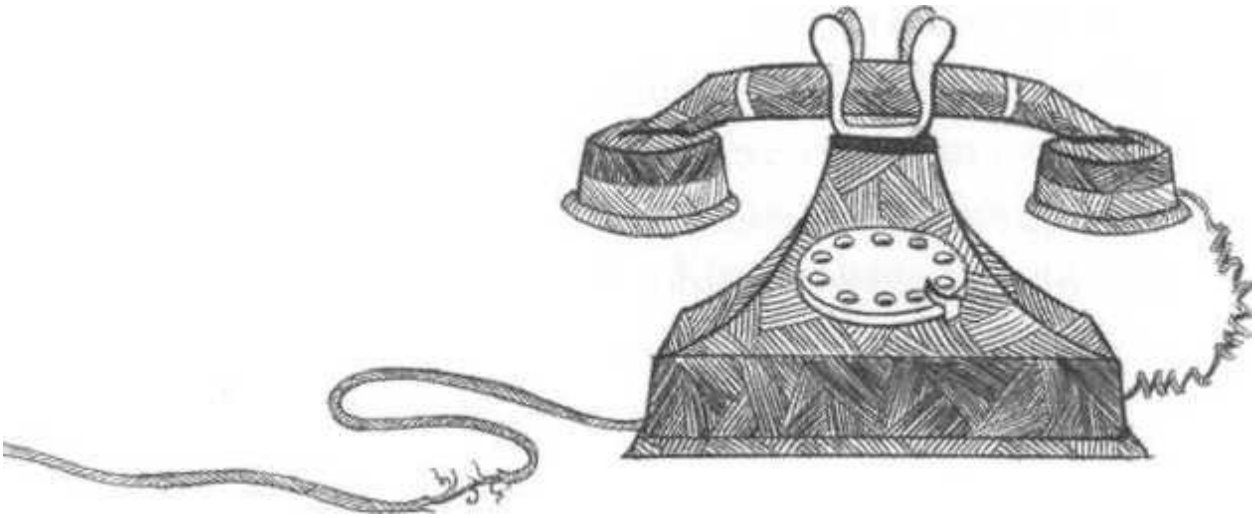
"Neste cartão está escrito própia, em vez de própria. É um erro muito comum, mas pavoroso."

O rosto do capitão Sham se ensombreceu, e por um instante pareceu que ele iria levantar sua perna de pau novamente e acertar um pontapé em tia Josephine com toda a força. Mas, em vez disso, ele sorriu e seu rosto clareou. "Obrigado por ter apontado o erro", disse afinal.

"Por nada", disse tia Josephine. "Vamos, crianças, está na hora de pagar nossas compras. Espero vê-lo em breve, capitão Sham."

O capitão Sham sorriu e lhe acenou em despedida, mas os Baudelaire viram como seu sorriso se transformou num riso escarninho assim que tia Josephine lhe deu as costas. Ele a havia enganado, e os Baudelaire não podiam fazer nada a respeito disso. Passaram o resto da tarde se arrastando morro acima com as compras, mas o peso dos pepinos e das limas não era nada se comparado ao peso no coração dos órfãos. Em todo o trajeto de volta ao alto do morro, tia Josephine falou do capitão Sham, do homem bom que ele era, e de quanto ela esperava que tornassem a vê-lo, ao passo que as crianças sabiam que ele era na verdade o conde Olaf, um homem terrível, e esperavam nunca mais vê-lo na vida.

Há uma expressão que, lamento dizer, se aplica muito bem a esta parte da história. A expressão é "morder a isca, com linha, anzol e tudo", e vem do universo da pesca. A isca, a linha e o anzol são partes da vara de pescar, e trabalham juntos com



o objetivo de atrair o peixe para fora do oceano e rumo à sua desventura. Dizer que alguém morde a isca, com linha, anzol e tudo, é dizer que esse alguém acredita numa porção de mentiras e, em conseqüência, pode acabar em desgraça. Tia Josephine estava mordendo a isca do capitão Sham com linha, anzol e tudo, mas eram Violet, Klaus e Sunny que se sentiam ameaçados pela desgraça. Enquanto subiam o morro em silêncio, as crianças olhavam para o Lago Lacrimoso e sentiam o calafrio da desgraça se abater sobre o coração delas. Ao frio, juntava-se a sensação de estarem perdidas, como se não estivessem simplesmente olhando para o lago sombrio, mas houvessem sido mergulhadas bem no meio de suas profundezas.

CAPÍTULO

Quatro Naquela noite, as crianças Baudelaire sentaram à mesa com tia Josephine e jantaram com um buraco frio no estômago. Metade do buraco se devia ao caldo de lima gelado preparado por tia Josephine. Mas a outra metade — se é que era apenas metade — se devia ao fato de saberem que o conde Olaf voltara a fazer parte da vida delas.

"Aquele capitão Sham é sem dúvida uma pessoa encantadora", disse tia Josephine, pondo um pedaço de casca de lima na boca. "Deve se sentir muito só, tendo se mudado para uma nova cidade e depois perdendo uma perna. Poderíamos convidá-lo para um jantar."

"Nós já lhe dissemos mais de uma vez, tia Josephine", disse Violet. "Ele não é o capitão Sham. É o conde Olaf disfarçado."

"Basta dessas asneiras", disse tia Josephine. "O sr. Poe me contou que o conde Olaf tem uma tatuagem no tornozelo esquerdo e uma única sobrancelha acima dos olhos. O capitão Sham não tem o tornozelo esquerdo e só tem um olho. Não posso acreditar que vocês ousem duvidar de um homem com problemas na vista."

"Eu tenho problemas na vista", disse Klaus, apontando para os seus óculos, "e você está duvidando de mim."

"Agradeceria se você não fosse impertinente", disse tia Josephine, usando uma expressão que aqui quer dizer "ficasse me mostrando que estou errada, pois isso me aborrece". "É muito aborrecido. Vocês têm que aceitar, de uma vez por todas, que o capitão Sham não é o conde Olaf." Enfiou a mão no bolso e tirou o cartão. "Vejam este cartão. Aqui está escrito conde Olaf? Não. É capitão Sham que está escrito. Está certo que o cartão tem um erro ortográfico grave, mas não deixa de ser uma prova de que o capitão Sham é quem ele diz que é."

Tia Josephine pôs o cartão na mesa de jantar, e os Baudelaire olharam para ele e suspiraram. Cartões evidentemente não provam coisa alguma. Qualquer um pode ir a uma gráfica e mandar imprimir cartões com os dizeres que bem entender. O

rei da Dinamarca pode encomendar cartões onde esteja escrito que ele vende bolas de golfe. Sua dentista pode encomendar cartões onde esteja escrito que ela é sua avó. A fim de escapar do castelo de um inimigo meu, mandei imprimir certa vez cartões em que eu aparecia como almirante da marinha francesa. O fato de uma coisa estar impressa — ou em cartão, ou em jornal, ou em livro — não significa que essa coisa seja verdadeira. Os três irmãos não tinham a menor dúvida sobre isso, mas não encontravam palavras capazes de convencer tia Josephine. Assim, simplesmente olharam para ela, suspiraram, e em silêncio fingiram comer o prato que ela havia preparado.

O sossego era tão grande na sala de jantar que todos pularam — Violet, Klaus, Sunny e até mesmo tia Josephine — quando o telefone tocou. "Meu Deus!", disse tia Josephine. "Que faremos?"

"Minca!", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer: "Vamos atender, é claro!".

Tia Josephine se levantou, mas não fez nenhum movimento, nem quando o telefone tocou uma segunda vez. "Talvez seja importante", disse, "mas não sei se

vale correr o risco de ser eletrocutada."

"Se com isso você se sentir mais aliviada", disse Violet, limpando os lábios com o guardanapo, "eu atendo o telefone." Violet se levantou e andou até o telefone, ainda em tempo de atendê-lo no terceiro toque.

"Alô?", disse ela.

"É a sra. Anwhistle?", perguntou uma voz ofegante.

"Não", respondeu Violet. "Aqui fala Violet Baudelaire. Em que posso ajudá-lo?"

"Ponha a velha no aparelho, órfã", disse a voz, e Violet ficou gelada ao perceber que era o capitão Sham. Mais que depressa, ela olhou para a tia Josephine, que agora observava Violet nervosamente.

"Sinto muito", disse Violet no telefone. "Houve engano."

"Não me venha com brincadeiras, sua infeliz...", começou o capitão a dizer, mas Violet desligou o telefone, com o coração batendo, e se virou para tia Josephine.

"Era alguém que queria ligar para a Escola de Dança Hopalong", disse ela, sem titubear na mentira.

"Que menina corajosa!", murmurou tia Josephine. "Pegou o telefone sem hesitar!"

"Na verdade, é absolutamente seguro", disse Violet.

"Você nunca atendeu o telefone, tia Josephine?", perguntou Klaus.

"Belo quase sempre atendia", disse tia Josephine, "e ele usava uma luva especial de segurança. Mas agora que vi sua irmã atender, posso fazer uma tentativa a próxima vez que alguém ligar."

O telefone tocou, e tia Josephine tornou a pular. "Minha nossa!", disse. "Não pensei que fosse tocar de novo tão cedo. Que noite mais cheia de aventuras!" Violet olhou fixo para o telefone, sabendo que era o capitão Sham novamente.

"Quer que eu atenda outra vez?", perguntou.

"Não, não", disse tia Josephine, caminhando na direção do aparelhinho sonante como se este fosse um Cachorrão a latir ameaçadoramente. "Eu disse que ia tentar, e é o que vou fazer." Respirou fundo, estendeu uma das mãos, nervosa, e pegou o telefone.

"Alô?", disse ela. "Sim, é ela. Oh, olá, capitão Sham. Que prazer ouvir sua voz." Tia Josephine ouviu por um momento, depois enrubesceu vivamente. "Ora, é muita delicadeza sua dizer isso, capitão Sham, mas... o quê? Oh, está bem. É muita delicadeza sua dizer isso, Julio. O quê? O quê? Ah! é uma idéia adorável. Espere um instante, por favor."

Tia Josephine tapou o fone e se dirigiu às três crianças. "Violet, Klaus, Sunny, vão para o seu quarto, por favor", disse. "O capitão Sham, quero dizer, Julio — ele me pediu que o chamasse pelo primeiro nome —, está preparando uma surpresa para vocês, crianças, e quer conversar comigo sobre isso."

"Nós não queremos uma surpresa", disse Klaus.

"Claro que querem", disse tia Josephine. "Saiam um pouco, para que eu possa conversar sobre o assunto sem vocês ficarem bisbilhotando."

"Não estamos bisbilhotando", disse Violet, "mas acho que seria melhor ficarmos aqui."

"Talvez vocês estejam confundindo o sentido da palavra bisbilhotando', disse tia Josephine. "Significa 'escutando a conversa dos outros'. Se ficarem aqui, estarão bisbilhotando. Por favor, vão para o quarto."

"Nós sabemos o que significa bisbilhotando', disse Klaus, mas seguiu suas irmãs pelo corredor até o quarto. Uma vez lá dentro, entreolharam-se em silenciosa frustração. Violet tirou da sua cama o trem de brinquedo que havia planejado examinar à noite, para que os três pudessem se deitar um ao lado do outro e franzir a testa para o teto.

"Pensei que estivéssemos em segurança aqui", disse Violet melancolicamente. "Pensei que alguém que tem medo até de corretores fosse a última pessoa capaz de fazer amizade com o conde Olaf, qualquer que fosse o disfarce usado por ele."

"Vocês acham que ele realmente deixou as sanguessugas arrancarem sua perna",

perguntou Klaus, estremecendo, "só para esconder a tatuagem?"

"Chói!", gritou Sunny, o que provavelmente queria dizer: "Acho um pouco drástico demais, mesmo para o conde Olaf".

"Concordo com Sunny", disse Violet. "Acho que ele contou aquela história das sanguessugas só para a tia Josephine ficar com pena dele."

"E funcionou", disse Klaus com um suspiro. "Depois que ele contou para ela essa história de cortar o coração, ela mordeu a isca, com linha, anzol e tudo."

"Pelo menos ela não é tão confiante quanto o tio Monty", observou Violet. "Ele deixou que o conde Olaf se mudasse para dentro de casa."

"Pelo menos assim nós podíamos ficar de olho nele", replicou Klaus.

"Ôber!", assinalou Sunny, querendo dizer: "Apesar de que nem assim tenhamos conseguido salvar o tio Monty", ou algo do gênero.

"O que vocês acham que ele está querendo aprontar desta vez?", perguntou Violet. "Talvez planeje sair conosco num de seus barcos e nos afogar no lago."

"Talvez esteja querendo fazer esta casa inteira rolar morro abaixo", disse Klaus; "ele empurra, e põe a culpa no Furacão Hermano."

"Hatfu!", disse Sunny, melancólica, provavelmente querendo dizer algo como: "Talvez ele queira pôr as sanguessugas do lago em nossas camas".

"Talvez, talvez, talvez", disse Violet. "Isso tudo não vai nos levar a parte alguma."

"Poderíamos ligar para o sr. Poe e contar a ele que o conde Olaf está aqui", disse Klaus. "Talvez ele viesse nos buscar."

"Esse é o maior talvez de todos", disse Violet. "É sempre impossível convencer o sr. Poe de qualquer coisa, e tia Josephine não acredita em nós, apesar de ter visto o conde Olaf com seus próprios olhos."

"Ela nem sequer acha que viu o conde Olaf", concordou Klaus tristemente.

"Ela acha que viu o capitão Sham."

Sunny mordiscou sem entusiasmo a cabeça da boneca Perfeita Fortuna e murmurou: "Poch!", o que provavelmente queria dizer: "Você quer dizer Julio".

"Então não sei o que podemos fazer", disse Klaus, "a não ser ficarmos com os olhos e os ouvidos bem abertos."

"Doma", concordou Sunny.

"Vocês dois têm razão", disse Violet. "Só nos resta ficar atentos, vigiando tudo."

Os órfãos Baudelaire assentiram com a cabeça, solenemente, mas o buraco frio no estômago deles não havia desaparecido. Todos sentiam que ficar atento não era realmente um grande plano para se defender do capitão Sham, e, à medida que o tempo foi passando, sua preocupação aumentou cada vez mais. Violet prendeu o cabelo com uma fita, para não atrapalhar sua visão, como se estivesse inventando alguma coisa, mas pensou e pensou horas a fio, e nenhum outro plano lhe veio à cabeça. Klaus olhava para o teto em absoluta concentração, como se houvesse algo muito interessante escrito ali, mas não lhe ocorreu nenhuma idéia útil, e o tempo foi passando, passando... E Sunny mordeu a cabeça de Perfeita Fortuna uma porção de vezes, mas por mais que se demorasse em cada mordida, não conseguia encontrar solução para o pesadelo dos Baudelaire.

Tenho uma amiga chamada Gina-Sue que é socialista, e Gina-Sue tem um ditado favorito: "Casa arrombada, trancas à porta" (com o sentido crítico de "roubada ou arrombada a casa, é tarde demais para trancar a porta"). Às vezes o melhor dos planos pode nos ocorrer quando já é tarde demais. É o caso, lamento dizer, dos órfãos Baudelaire e seu plano de vigiar atentamente o capitão Sham, já que depois das muitas horas de preocupação ouviram um enorme estrondo de vidros se partindo e no mesmo instante se convenceram de que seu plano de vigilância não tinha sido satisfatório.

"Que barulho foi esse?", disse Violet, levantando-se da cama.

"Pareciam vidros se quebrando", disse Klaus, preocupado, indo para a porta do quarto.

"Vestu!", gritou Sunny, mas seus irmãos não tiveram tempo para decifrar o que

ela queria dizer, pois dispararam corredor afora.

"Tia Josephine! Tia Josephine!", chamou Violet, mas não houve resposta. Ela percorreu o corredor de ponta a ponta, mas estava tudo em silêncio. "Tia Josephine" tornou a chamar. Violet foi na frente, seguida pelos dois outros órfãos, e os três entraram correndo na sala de jantar, mas sua tutora tampouco estava lá. As velas sobre a mesa continuavam acesas, lançando um brilho trêmulo sobre o cartão e as tigelas com o caldo de lima gelado.

"Tia Josephine!", chamou Violet mais uma vez, e as crianças voltaram depressa para o corredor, seguindo em direção à porta da biblioteca. No meio da correria, Violet não pôde deixar de lembrar como ela e os irmãos haviam chamado pelo nome do tio Monty, certa manhã bem cedo, pouco antes de tomarem conhecimento da tragédia que lhe acontecera. "Tia Josephine!", chamou. "Tia Josephine!" Não pôde deixar de lembrar de todas as vezes que acordara no meio da noite chamando pelos nomes de seus pais, sempre que sonhava com o terrível incêndio que acabara com eles. "Tia Josephine!", disse, chegando à porta da biblioteca. Violet tinha medo de que tia Josephine já não pudesse ouvi-la chamar por seu nome.

"Olhe", disse Klaus, e apontou para a porta. Um pedaço de papel, dobrado ao meio, estava pregado à madeira com uma tachinha. Klaus pegou o papel e o desdobrou.

"O que é?", perguntou Violet, e Sunny esticou o pescocinho para ver.

"É um bilhete", disse Klaus, e leu em voz alta: Violet, Klaus e Sunny: Quando vocês lerem este bilhete, minha vida terá chegado a seu própio fim. Meu coração está frio como Belo, e a vida para mim tornou-se repussiva. Sei que, como crianças, não podem compreender o coração urlulante de uma tristre viúva, pois não conhecem as razões que me levaram a um acto tão desesperado, mas saibam que me sinto muito mais feliz assim. Como minha última vontade, deixo vocês três sob a guarda do capitão Sham, homem honrado e de bom coração. Por favor, pensem em mim com carinho apesar de eu ter feito essa coisa terrível. Sua tia Josephine "Oh, não!", disse Klaus em voz baixa, ao terminar a leitura. Depois examinou o papel várias vezes, como se o tivesse lido incorretamente, como se ali estivesse escrito algo diferente. "Oh, não!", tornou a dizer, com a voz tão sumida que era como se ele nem sequer soubesse que falava em voz alta.

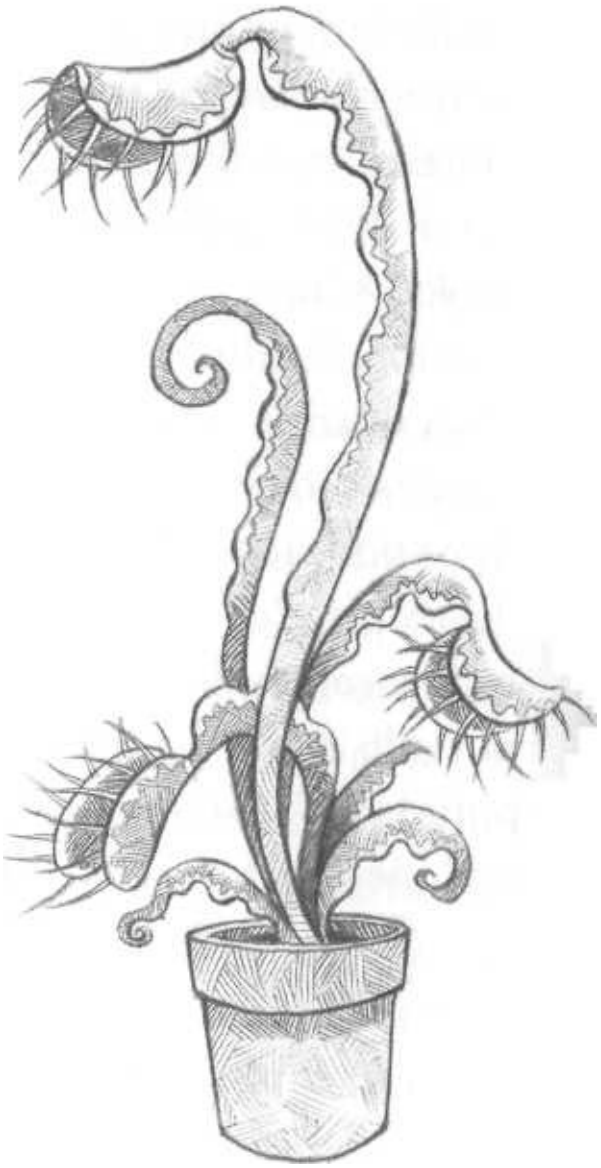
Sem dizer nada, Violet abriu a porta da biblioteca, e os Baudelaire entraram, sentindo-se tomados no mesmo instante por fortes calafrios. Na sala estava um frio de rachar, e um primeiro olhar bastou para que os órfãos compreendessem por quê. A ampla janela que dava para o lago se partira. A não ser por alguns fragmentos que ainda aderiam à moldura da janela, a enorme vidraça sumira, deixando um buraco vazio voltado para o imóvel negrume da noite.

O ar frio noturno entrava com ímpeto pelo buraco, causando um matraquear ininterrupto das folhas dos livros nas estantes e levando os Baudelaire a se abraçar para melhor resistir aos arrepios. Apesar do frio, os órfãos caminharam com cuidado até o espaço vazio onde antes era a janela e olharam para baixo. A noite estava tão negra que parecia não haver absolutamente nada do outro lado da janela. Violet, Klaus e Sunny ficaram ali em pé por um momento e lembraram do medo que sentiram, dias atrás, quando se achavam no mesmo lugar e na mesma posição. Agora constatavam que o medo deles tinha sido racional. Grudados uns nos outros, olhando na direção do abismo negro, os Baudelaire se convenceram de que seu plano de vigilância surgira tarde demais. Quando pensaram em trancar a porta, esta já havia sido arrombada e a pobre tia Josephine já se fora.

CAPÍTULO

Cinco Violet, Klaus e Sunny: Quando vocês lerem este bilhete, minha vida terá chegado a seu própio fim. Meu coração está frio como Belo, e a vida para mim tornou-se repussiva. Sei que, como crianças, não podem compreender o coração urlulante de uma tristre viúva, pois não conhecem as razões que me levaram a um acto tao desesperado, mas saibam que me sinto muito mais feliz assim. Como minha última vontade, deixo vocês três sob a guarda do capitão Sham, homem honrado e de bom coração. Por favor, pensem em mim com carinho apesar de eu ter feito essa coisa terrível. Sua tia Josephine "Pare!", gritou Violet. "Pare de ler isso em voz alta! Já sabemos o que está escrito aí."

"Eu simplesmente não posso acreditar", disse Klaus, percorrendo o papel com os olhos pela enésima vez. Os órfãos Baudelaire estavam sentados melancolicamente em volta da mesa da sala de jantar com o caldo frio de limas nas tigelas e terror no coração. Violet ligara para o sr. Poe e lhe contara o que tinha acontecido, e os Baudelaire, ansiosos demais para dormir, passaram a noite inteira em claro, esperando-o chegar na primeira barca do dia. As velas já



haviam quase se



apagado por completo, e Klaus tivera que se inclinar para a frente a fim de ler o bilhete de Josephine. "Este bilhete tem qualquer coisa de engraçado, mas eu não consigo descobrir exatamente o que é."

"Como é que você pode dizer uma coisa dessas?", perguntou Violet. "Tia Josephine se atirou pela janela. Não há absolutamente nada de engraçado nisso."

"Não estou dizendo engraçado como numa piada engraçada", disse Klaus.

"Estou dizendo engraçado como num cheiro engraçado. Vejam, logo na primeira frase ela diz 'minha vida terá chegado a seu própio fim'."

"E chegou", disse Violet, estremecendo.

"Não é isso que eu quero dizer", disse Klaus, impaciente. "É que ela escreve própio em vez de próprio." Ele pegou o cartão do capitão Sham, que continuava em cima da mesa. "Lembram quando ela viu este cartão? 'Cada barco tem sua própia vela.' Ela disse que esse era um erro ortográfico muito grave."

"Ora, quem está ligando para erros ortográficos?", perguntou Violet. "Tia Josephine pulou da janela!"

"Mas tia Josephine teria ligado", observou Klaus. "Era para isso que ela mais ligava, para a gramática. Lembra que ela dizia que 'a gramática é a maior alegria da vida'?"

"Tudo bem, mas não foi suficiente", disse Violet com tristeza. "Por mais que ela gostasse de gramática, no bilhete está escrito que ela achava a vida repulsiva."

"Mas esse é outro erro que tem no bilhete", disse Klaus. "Não está escrito repulsiva, com L antes do S, e sim repussiva, com dois SS."

"Você está sendo repulsivo sem dois SS", gritou Violet.

"E você está sendo idiota sem dois ii", revidou Klaus.

"Aget!", gritou Sunny, o que queria dizer: "Parem de brigar!", ou algo do gênero. Violet e Klaus olharam para a irmãzinha e depois um para o outro. É comum as pessoas, quando estão infelizes, quererem fazer outras pessoas infelizes também. Mas isso nunca ajuda.

"Desculpe, Klaus", disse Violet mansamente. "Você não está sendo repulsivo. Nossa situação é que é repulsiva."

"Eu sei", disse Klaus com tristeza. "Também peço desculpas. Você não está sendo idiota, Violet. Você é muito inteligente. Na verdade, acho que inteligente o bastante para nos tirar desta situação. Tia Josephine pulou da janela e nos deixou

aos cuidados do capitão Sham, e não sei o que podemos fazer a respeito disso."

"Bem, o sr. Poe está a caminho", disse Violet. "Ele disse no telefone que estaria aqui de manhã bem cedo, de modo que não vamos ter que esperar muito. Talvez o sr. Poe possa nos dar alguma ajuda."

"Imagino que sim", disse Klaus, mas ele e as irmãs se entreolharam e deram um suspiro. Eles sabiam que as chances de o sr. Poe ajudá-los para valer eram bem reduzidas. Na ocasião em que os Baudelaire moravam com o conde Olaf, o sr. Poe não ajudou em nada quando as crianças lhe contaram sobre a crueldade do conde Olaf. Na ocasião em que os Baudelaire moravam com o tio Monty, o sr. Poe não ajudou em nada quando as crianças lhe contaram sobre a perfídia do conde Olaf. Parecia claro que o sr. Poe também não ajudaria em nada na situação em que se achavam agora.

Uma das velas se apagou, exalando como que um suspiro de fumaça, e as crianças afundaram ainda mais em suas cadeiras. Vocês provavelmente já ouviram falar da dionéia, uma planta carnívora que cresce nos trópicos. O alto dessa planta tem a forma de uma boca aberta em cujos cantos há espinhos que lembram dentes. Quando uma mosca, atraída pelo perfume da flor, pousa na dionéia, a boca da planta começa a se fechar, prendendo a mosca. A mosca, aterrorizada, zumbe, agitando-se dentro da boca fechada da planta, mas não há nada que possa fazer, e aos poucos, lentamente, a planta acaba com sua presa. Quando a escuridão da casa se abateu sobre eles, os jovens Baudelaire se sentiram como a mosca nessa situação. Era como se o incêndio catastrófico que tirara a vida de seus pais houvesse sido o começo de uma armadilha e eles nem sequer tivessem se dado conta disso. Zumbiram de um lugar para outro — da casa do conde Olaf, na cidade, para a casa do tio Monty, no campo, e, agora, na casa de tia Josephine, com vista para o lago —, mas sua infelicidade ia envolvendo-os, apertando-os cada vez mais, e os três irmãos tinham a impressão de que essa infelicidade não demoraria muito a acabar com eles.

"Nós poderíamos rasgar o bilhete", disse Klaus, finalmente. "Assim, o sr. Poe não ficaria sabendo das vontades de tia Josephine, e nós não seríamos confiados à guarda do capitão Sham."

"Mas eu já contei ao sr. Poe que tia Josephine deixou um bilhete", disse Violet.

"Bem, nós poderíamos forjar um bilhete", disse Klaus, usando um verbo que

aqui significa "escrever alguma coisa pelo próprio punho e fingir que outra pessoa a escreveu". "Escrevemos tudo o que ela escreveu, menos a parte que fala sobre o capitão Sham."

"Ah-ah!", gritou Sunny. Essa palavra era uma das favoritas de Sunny, e diversamente do que acontecia com a maioria de suas palavras, não precisava de tradução. O que Sunny queria dizer era "Ah-ah!" mesmo, uma expressão de descoberta.

"Claro!", exclamou Violet. "Foi isso que o capitão fez! Ele escreveu essa carta, e não tia Josephine!"

Os olhos de Klaus brilharam atrás dos óculos. "Isso explica o própio!"

"Isso explica o repussiva!", disse Violet.

"Liip!", gritou Sunny, o que provavelmente queria dizer: "O capitão Sham atirou tia Josephine pela janela e depois escreveu o bilhete para ocultar o seu crime".

"Que coisa terrível!", disse Klaus, estremecendo só de pensar em tia Josephine caindo no lago de que ela sentia tanto medo.

"Imagine só as coisas terríveis que ele fará conosco", disse Violet, "se não denunciarmos o seu crime. Não vejo a hora do sr. Poe chegar, para nós podermos lhe contar o que aconteceu."

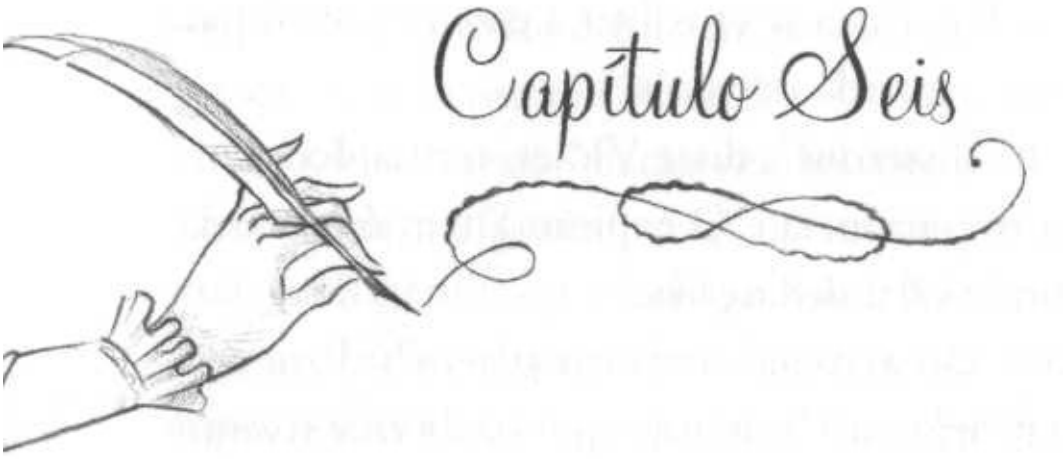
Assim que Violet terminou de falar, a campainha tocou, e os Baudelaire correram para atendê-la. Violet, seguida dos irmãos, avançou pelo corredor, olhando pesarosamente para o aquecedor enquanto lembrava do medo que tia Josephine tinha dele. Klaus ia logo atrás, tocando suavemente em cada maçaneta de porta, numa homenagem às advertências de tia Josephine sobre como elas poderiam se partir em milhões de pedaços. E quando chegaram à porta, Sunny olhou tristemente para o capacho da entrada, no qual, segundo tia Josephine, alguém podia tropeçar, e em seguida levar um tombo e quebrar o pescoço. Tia Josephine se esmerara para evitar qualquer coisa que ela achava que pudesse vir a lhe fazer mal, e, no entanto, mesmo assim o mal acabou por lhe ser feito.

Violet abriu a porta branca com a pintura descascando, e lá estava o sr. Poe, sob a luz melancólica do alvorecer. "Sr. Poe", disse Violet. Ela pretendia lhe contar imediatamente a teoria deles sobre a falsificação, mas tão logo o viu, de pé na

entrada, com um lenço branco numa das mãos e uma maleta preta na outra, as palavras morreram em sua garganta. As lágrimas são uma coisa curiosa, pois, assim como os terremotos e os camelôs, podem surgir em qualquer momento, sem nenhum aviso e sem um bom motivo. "Sr. Poe" voltou a dizer Violet, e sem nenhum aviso ela e os irmãos se desmancharam em lágrimas. Violet chorou, os soluços sacudindo os ombros; Klaus chorou, as lágrimas fazendo seus óculos escorregarem nariz abaixo, e Sunny chorou, com a boca aberta, exibindo os quatro dentes. O sr. Poe pousou a maleta no chão e se livrou do lenço. Ele não era muito bom em consolar pessoas, mas abraçou as crianças o melhor que pôde e murmurou: "Pronto, pronto", palavra que algumas pessoas murmuram para consolar outras pessoas.

O sr. Poe não conseguiu imaginar outra fórmula capaz de consolar os órfãos Baudelaire, mas eu agora gostaria de ter o poder de recuar no tempo e falar a essas três crianças em pranto. Se isso me fosse possível, iria dizer aos Baudelaire que, como os terremotos e os camelôs, suas lágrimas estavam aparecendo não apenas sem aviso mas também sem um bom motivo. Os garotos estavam chorando, é claro, porque pensavam que sua tia Josephine havia morrido, e eu gostaria de ter o poder de recuar no tempo para lhes dizer que eles estavam enganados. Mas, evidentemente, isso não me é possível. Eu não estou no alto do morro, olhando para o Lago Lacrimoso, naquela manhã melancólica. Estou sentado em meu quarto, no meio da noite, escrevendo esta história e olhando pela janela para o cemitério que fica atrás de minha casa. Não posso dizer aos órfãos Baudelaire que eles estão enganados, mas posso contar para vocês, enquanto os órfãos choram nos braços do sr. Poe, que tia Josephine não morreu.

Pelo menos por enquanto.



O sr. Poe franziu a testa, sentou-se à mesa e puxou o lenço do bolso.

"Falsificação?", repetiu. Os órfãos Baudelaire tinham lhe mostrado a janela espatifada na biblioteca. Tinham lhe mostrado o bilhete que fora pregado à porta com uma tachinha. Tinham lhe mostrado o cartão com o erro ortográfico. "Falsificação é uma acusação muito grave", disse com severidade, e assoou o nariz.

"Não tão grave quanto assassinato", observou Klaus. "E foi isso que o capitão Sham fez. Ele assassinou tia Josephine e falsificou um bilhete."

"Mas por que esse tal de capitão Sham", perguntou o sr. Poe, "iria se envolver a esse ponto só para ficar com a guarda de vocês?"

"Já lhe dissemos", disse Violet, tentando esconder sua impaciência. "O

capitão Sham é na verdade o conde Olaf disfarçado."

"Essas são acusações muito graves", disse o sr. Poe com firmeza. "Entendo que vocês três viveram experiências terríveis, mas espero que não deixem sua imaginação passar por cima do seu bom senso. Lembram-se quando moraram com o tio Monty? Estavam convencidos de que o seu assistente, Stephano, era na verdade o conde Olaf disfarçado."

"Mas Stephano era o conde Olaf disfarçado!", exclamou Klaus.

"Não é isso que interessa", disse o sr. Poe. "O que interessa é que vocês não

podem tirar conclusões precipitadas. Se realmente acham que o bilhete é uma falsificação, temos que parar de falar em disfarces e proceder a uma investigação. Em algum lugar desta casa, tenho certeza de que encontraremos algo escrito por sua tia Josephine. Então poderemos comparar a letra com a deste bilhete e verificar se são iguais."

Os órfãos Baudelaire se entreolharam. "É claro", disse Klaus. "Se a letra do bilhete que encontramos na biblioteca não corresponder à letra de tia Josephine, obviamente o bilhete foi escrito por outra pessoa. Não pensamos nisso." O sr. Poe sorriu. "Estão vendo? Vocês são crianças muito inteligentes, mas até mesmo as pessoas mais inteligentes do mundo muitas vezes precisam da ajuda de um banqueiro. Então, onde podemos encontrar uma amostra da letra de tia Josephine?"

"Na cozinha", disse Violet prontamente. "Ela deixou sua lista de compras na cozinha quando voltamos do mercado."

"Chuni!", gritou Sunny, o que provavelmente queria dizer: "Vamos até a cozinha pegá-la", e foi exatamente o que fizeram. A cozinha de tia Josephine era muito pequena e tinha um enorme lençol branco cobrindo o forno e o fogão — por medida de segurança, tia Josephine explicara, quando mostrou a casa para eles. Havia um balcão, onde ela preparava a comida, uma geladeira, onde a comida era armazenada, e uma pia, em cujo ralo era jogada a comida que ninguém houvesse comido. Num dos lados do balcão estava um pedacinho de papel em que tia Josephine tinha feito sua lista, e Violet atravessou a cozinha para ir buscá-lo. O sr. Poe acendeu as luzes, e Violet ergueu a lista de compras à altura do bilhete para ver se as letras eram iguais. Há homens e mulheres que são especialistas em analisar letras. São chamados de grafólogos, e freqüentam escolas de grafologia para obter seu diploma de especialistas. Vocês podem pensar que essa situação exigiria a opinião de um grafólogo, mas há ocasiões em que a opinião de um especialista é desnecessária. Por exemplo, se uma amiga de vocês traz o cachorrinho dela e diz que está preocupada porque ele não põe ovos, vocês não precisam ser veterinários para lhe explicar que cachorros não põem ovos e, portanto, não há motivo para preocupação. Pois é, há perguntas que são tão simples que qualquer um pode responder a elas, e assim o sr. Poe e os órfãos Baudelaire não precisaram pensar nem um instante para saber a resposta à pergunta "A letra na lista de compras é a mesma do bilhete?". A resposta era sim. Quando tia Josephine escreveu "Vinagre" na lista de compras, ela curvou as pontas do V, fazendo minúsculas espirais — as mesmas espirais que

ornamentavam as pontas do V em "Violet", no bilhete. A ligação entre o P e o I em "Pepino", na lista, era igualzinha à que fora feita entre o P e o I em "capitão Sham", no bilhete. E o pingo do I, numa palavra e noutra, era uma oval, e não um círculo. Não havia a menor dúvida que era de tia Josephine a letra que se via nos dois pedaços de papel que o sr. Poe e os Baudelaire examinavam.

"Indubitavelmente", disse o sr. Poe, "a letra, em ambos os papéis, é a de tia Josephine."

"Mas...", começou Violet.

"Não cabe nenhum 'mas' neste assunto", disse o sr. Poe. "Vejam as curvas nas pontas dos W. Vejam como os PP se ligam aos II. Vejam os pingos ovais nos II. Não sou nenhum grafólogo, mas posso afirmar com toda a certeza que foi a mesma pessoa que escreveu nos dois papéis."

"Tem razão", disse Klaus, desolado. "Sei que de alguma maneira o capitão Sham está por trás disto, mas decididamente foi a tia Josephine quem escreveu este bilhete."

"E isso", disse o sr. Poe, "o torna um documento legal."

"Quer dizer que teremos que morar com o capitão Sham?", perguntou Violet, arrasada.

"Isso", disse o sr. Poe. "A última vontade de alguém, assim como seu testamento, é uma declaração oficial dos desejos do morto. Vocês foram confiados à guarda de tia Josephine, o que deu a ela o direito de apontar outro tutor para vocês, antes de pular da janela. É bastante chocante, concordo, mas inteiramente legal."

"Nós não vamos morar com ele", disse Klaus veementemente. "Ele é a pior pessoa que existe no mundo."

"Ele fará qualquer coisa de terrível, sei disso", disse Violet. "Só está interessado na fortuna Baudelaire."

"Gind!", gritou Sunny, querendo dizer algo como: "Por favor, não nos obrigue a ir morar com esse homem malvado!".

"Sei que vocês não gostam desse tal de capitão Sham", disse o sr. Poe, "mas não

há muita coisa que eu possa fazer a respeito disso. Infelizmente, a lei determina que vocês morem com ele."

"Nós vamos fugir", disse Klaus.

"Vocês não vão fazer nada disso", disse o sr. Poe com firmeza. "Seus pais me incumbiram de entregá-los a quem cuidaria direito dos três. Vocês querem honrar o compromisso com a vontade de seus pais, não querem?"

"Sim, é claro", disse Violet, "mas..."

"Por favor, não arranjem encrencas", disse o sr. Poe. "Pensem no que diriam sua mãe e seu pai se soubessem que vocês ameaçam fugir do seu tutor." Naturalmente, os pais dos Baudelaire ficariam horrorizados se soubessem que seus filhos seriam confiados à guarda do capitão Sham, mas antes que as crianças pudessem dizer isso ao sr. Poe, ele já havia mudado de assunto. "Acho que o mais simples a fazer é ir ao encontro do capitão Sham e discutir alguns detalhes. Onde está o cartão dele? Vou telefonar para ele já."

"Na mesa da sala de jantar", disse Klaus, desconsolado, e o sr. Poe saiu da cozinha para ir telefonar. Os Baudelaire olharam para a lista de compras de tia Josephine e para o bilhete de suicídio.

"Não dá para acreditar", disse Violet. "Tenho certeza que estávamos na pista certa com a teoria da falsificação."

"Eu também", disse Klaus. "Alguma o capitão Sham aprontou aqui — eu sei que aprontou —, mas foi ainda mais esperto que de costume."

"O jeito é nós também sermos mais espertos que de costume", disse Violet, "porque temos que convencer o sr. Poe antes que seja tarde demais."

"Bem, o sr. Poe disse que precisaríamos discutir alguns detalhes", disse Klaus. "Talvez isso leve bastante tempo."

"Consegui falar com o capitão Sham", disse o sr. Poe, de volta à cozinha. "Ele ficou chocado ao saber da morte de tia Josephine, mas exultou com a perspectiva de cuidar de vocês, crianças. Vamos encontrá-lo daqui a meia hora para almoçar num restaurante da cidade, e depois do almoço discutiremos os detalhes da adoção. A noite vocês já deverão estar na casa dele. Tenho certeza de que para

vocês é um alívio resolver tão depressa essa questão."

Violet e Sunny encararam o sr. Poe, desanimadas demais para falar. Klaus também estava em silêncio, mas olhava fixo noutra direção. Olhava para o bilhete de tia Josephine. Seus olhos mostravam uma atenção concentrada, atrás dos óculos, enquanto ele olhava e olhava para o bilhete, sem piscar. O sr. Poe tirou do bolso seu lenço branco e tossiu nele por um bom tempo, eu diria até que com muito gosto e entusiasmo. Mas nenhum dos Baudelaire abriu a boca para dizer nada.

"Bem", disse finalmente o sr. Poe, "chamarei um táxi. Não tem sentido descermos a pé este morro enorme. Crianças, penteiem o cabelo e ponham um casaco. Está ventando muito lá fora, e esfriou. Acho que uma tempestade se aproxima."

O sr. Poe foi telefonar, e os Baudelaire se arrastaram em direção ao seu quarto. Em vez de pentear o cabelo, entretanto, Sunny e Violet se viraram no mesmo instante para Klaus. "E então?", perguntou Violet.

"Então o quê?", disse Klaus.

"Não me venha com isso de então o quê!", respondeu Violet. "Você descobriu alguma coisa, é esse o então o quê. Sei que descobriu. Você releu o bilhete de tia Josephine pela enésima vez, e ficou com a expressão de quem acabou de descobrir alguma coisa. Vamos, diga logo o que é."

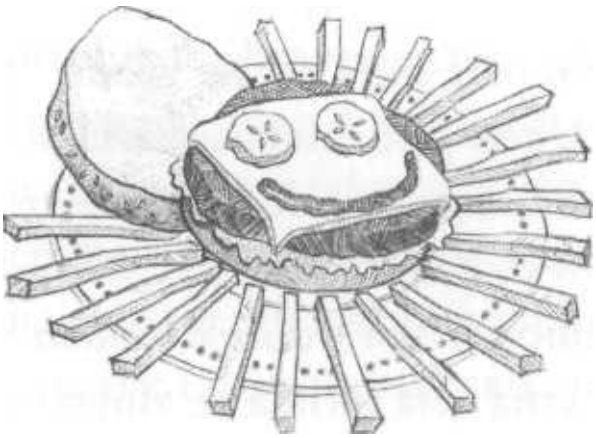
"Não tenho certeza", disse Klaus, passando os olhos no bilhete mais uma vez.

"Pode ser que eu tenha começado a descobrir alguma coisa. Alguma coisa capaz de nos ajudar. Mas preciso de mais tempo."

"Mas nós não temos mais tempo!", exclamou Violet. "Vamos almoçar com o capitão Sham agora!"

"Então nós vamos ter que fabricar mais tempo, de algum jeito", disse Klaus, determinado.

"Venham, crianças!", chamou o sr. Poe do corredor. "O táxi chegará a qualquer momento! Peguem seus casacos e vamos indo!"



Violet suspirou, mas foi até o armário e pegou os casacos dos três Baudelaire. Estendeu a Klaus o casaco dele, enfiou Sunny no dela e o abotoou enquanto conversava com o irmão. "Como é que se faz para fabricar mais tempo?", perguntou.

"Não é você a inventora?", disse Klaus, abotoando o casaco.

"Mas não dá para inventar coisas como o tempo", disse Violet. "Dá para inventar coisas como pipoqueiras automáticas, ou como limpadores de vidraças a vapor. Mas não dá para inventar mais tempo." Violet estava tão convencida de que não poderia inventar mais tempo, que nem sequer prendeu o cabelo com uma fita para não atrapalhar sua visão. Limitou-se a lançar um olhar de frustração e confusão para Klaus, e começou a vestir o casaco. Mas à medida que o abotoava de baixo para cima, entendeu que não havia necessidade de prender o cabelo, porque já tinha a resposta na palma da mão.

CAPÍTULO

Sete "Olá! Sou Larry, o seu garçom!", disse Larry, o garçom dos órfãos Baudelaire. Era um homem baixo-te, magrinho, metido numa ridícula roupa de palhaço com uma etiqueta que trazia o nome LARRY pregada no peito. "Bem-vindos ao restaurante Palhaço Ansioso, onde todos se divertem, gostem ou não. Vejo que temos uma família inteira reunida para almoçar hoje, de modo que me permitam recomendar-lhes a Entrada Familiar Especial Superdivertida. É um monte de coisas fritas juntas e servidas com um molho."

"Que idéia maravilhosa!", disse o capitão Sham, sorrindo de uma forma que deixava à mostra todos os seus dentes amarelos. "Uma Entrada Familiar Especial Superdivertida para uma família especial superdivertida: a minha."

"Eu vou querer apenas água, obrigada", disse Violet.

"O mesmo para mim", disse Klaus. "E um copo com cubos de gelo para minha irmãzinha, por favor."

"Eu aceito uma xícara de café com creme desnatado", disse o sr. Poe.

"Não, senhor, sr. Poe", disse o capitão Sham. "Vamos dividir uma bela garrafa de vinho tinto."

"Não, obrigado, capitão Sham", disse o sr. Poe. "Não gosto de beber durante o expediente bancário."

"Mas este é um almoço comemorativo!", exclamou o capitão Sham.

"Faríamos um brinde a meus três novos filhos. Não é todo dia que um homem se torna pai."

"Por favor, capitão", disse o sr. Poe. "É animador ver que o senhor está feliz porque vai cuidar dos Baudelaire, mas deve entender que as crianças ficaram sentidas com a morte de tia Josephine."

Há um lagarto chamado camaleão que, como vocês provavelmente sabem, muda de cor de um instante para outro a fim de se harmonizar com o ambiente e dele não se diferenciar. Além de ser escorregadio e ter um sangue-frio notável, o capitão Sham também podia se dizer camaleônico, por sua capacidade de se harmonizar com qualquer situação. Desde que o sr. Poe e os Baudelaire entraram

no Palhaço Ansioso, o capitão Sham não conseguira disfarçar a emoção de ter as crianças praticamente nas suas garras. Mas bastou o sr. Poe mencionar que a ocasião era na verdade triste, para que imediatamente o capitão Sham começasse a falar com voz compungida.

"Também fiquei sentido", disse, enxugando uma lágrima debaixo da venda que tinha num dos olhos. "Josephine era uma das minhas mais antigas e queridas amigas."

"Mas você a conheceu ontem", disse Klaus, "na mercearia."

"É como se tivesse sido ontem", disse o capitão Sham, "mas na verdade foi há muitos anos. Ela e eu nos conhecemos numa escola de culinária. Éramos colegas no Curso Avançado de Utilização do Forno."

"Vocês não foram colegas no Curso Avançado de Utilização do Forno coisa nenhuma", disse Violet, enojada das mentiras do capitão Sham. "Tia Josephine morria de medo de acender o forno. Ela jamais teria freqüentado uma escola de culinária."

"Logo nos tornamos amigos", disse o capitão Sham, continuando com a história como se ninguém o houvesse interrompido, "e certa vez ela me disse: 'Se algum dia eu adotar órfãos e em seguida vier a ter uma morte prematura, prometa-me que cuidará deles por mim'. Disse-lhe que assim faria, mas, é claro, jamais imaginei que teria que cumprir minha promessa."

"Que história triste", disse Larry, e todos se voltaram e viram que o seu garçom ainda estava ali, diante deles. "Não percebi que era uma ocasião triste. Nesse caso, permitam-me recomendar-lhes os Cheesebúrgueres Chistosos. Os picles, a mostarda e o ketchup compõem um rosto sorridente no alto do sanduíche, que, com toda a certeza, há de arrancar um sorriso de vocês também."

"Parece uma ótima idéia", disse o capitão Sham. "Traga Cheesebúrgueres Chistosos para todos, Larry."

"É pra já!", prometeu o garçom, e finalmente se retirou.

"Muito bem, muito bem", disse o sr. Poe, "mas uma vez terminados os cheesebúrgueres, capitão Sham, há alguns papéis importantes que o senhor deve assinar. Estão na minha maleta, e depois que almoçarmos cuidaremos disso."

"E então as crianças serão minhas?", perguntou o capitão Sham.

"Bem, ficarão sob sua guarda sim", disse o sr. Poe. "Está claro que a fortuna dos Baudelaire continuará sob minha supervisão até Violet atingir a maioridade."

"Que fortuna?", perguntou o capitão Sham, franzindo a sobrancelha. "Não sei de fortuna nenhuma."

"Duna!", gritou Sunny, querendo dizer: "Claro que sabe!", ou algo do gênero.

"Os pais dos Baudelaire", explicou o sr. Poe, "deixaram uma enorme fortuna, e os filhos a herdarão assim que Violet atingir a maioridade."

"Bem, não estou interessado em fortunas", disse o capitão Sham. "Tenho meus barcos a vela. Não preciso mexer num centavo desse dinheiro."

"Ainda bem", disse o sr. Poe, "pois não poderá mesmo mexer em nenhum centavo desse dinheiro."

"Veremos", disse o capitão Sham.

"Como?", perguntou o sr. Poe.

"Aqui estão os seus Cheesebúrgueres Chistosos!", anunciou Larry, como se estivesse entoando uma melodia, ao surgir diante da mesa com uma bandeja cheia de comida de aparência supergordurosa. "Bom apetite!" Como a maioria dos restaurantes decorados com luzes de néon e balões, o Palhaço Ansioso servia uma comida muito ruim. Mas os três órfãos não tinham comido nada naquele dia, e não comiam nada quente fazia um bom tempo; assim, embora estivessem tristes e ansiosos, mostravam bastante apetite. Depois de poucos minutos sem conversa, o sr. Poe começou a contar uma história muito chata sobre algo que acontecera no banco. O sr. Poe estava tão entretido em falar, Klaus e Sunny tão preocupados em fingir que estavam interessados, e o capitão Sham tão absorvido em devorar sua refeição, que ninguém prestou atenção no que Violet estava aprontando. Quando Violet vestira o casaco para sair e enfrentar o vento e o frio, sentira um volume no bolso. O volume era o saquinho de balas de hortelã-pimenta que o sr. Poe havia dado aos Baudelaire no dia em que chegaram ao Lago Lacrimoso, e isso lhe inspirou uma idéia. Enquanto o sr. Poe continuava com sua lengalenga, ela, cuidadosamente e bem devagarinho, puxou do bolso do casaco o saquinho de balas de hortelã-pimenta e o abriu. Para seu desânimo, as

balas eram do tipo que vêm embrulhadas, cada uma, num pedaço de celofane. Com as mãos debaixo da mesa, desembrulhou três balas com o máximo cuidado para evitar fazer aquele barulho que tanto incomoda nas salas de cinema. Tendo, afinal, as três balas de hortelã-pimenta desembrulhadas sobre o guardanapo no seu colo, sem chamar atenção pôs uma no colo de Klaus e outra no de Sunny. Quando seus irmãos mais novos sentiram que alguma coisa pousara no colo deles e olharam para baixo e viram as balas de hortelã-pimenta, a primeira coisa que lhes veio à cabeça foi que a mais velha dos órfãos Baudelaire tinha ficado maluca. Mas, passado um momento, entenderam. Se alguém é alérgico a alguma coisa, o melhor que tem a fazer é jamais colocar essa coisa na boca, especialmente se se tratar de gatos. Mas Violet, Klaus e Sunny sabiam que estavam numa emergência. Precisavam ganhar tempo antes de mais nada para descobrir qual era o plano do capitão Sham, e, em seguida, para impedir que o plano se realizasse; ora, ainda que provocar reações alérgicas seja uma forma bastante drástica de ganhar tempo, foi a única coisa que eles conseguiram imaginar. Assim, aproveitando um momento em que nenhum dos adultos à mesa estava olhando, as três crianças puseram as balas de hortelã-pimenta na boca e ficaram aguardando.

As alergias dos Baudelaire são famosas por agir rapidamente, de modo que os órfãos não precisaram aguardar muito. Em alguns minutos, Violet começou a ficar coberta de placas vermelhas, Klaus começou a ficar com a língua inchada, e Sunny, que evidentemente jamais comera balas de hortelã-pimenta, começou a ficar coberta de placas vermelhas e com a língua inchada.

O sr. Poe terminou de contar sua história e então percebeu o estado em que se achavam os órfãos. "Mas, crianças", disse, "vocês estão com uma aparência horrível! Violet, você está com placas vermelhas na pele. Klaus, sua língua está pendurada na boca. Sunny, com você estão acontecendo as duas coisas!"

"Deve ser alergia a alguma substância que tem na comida", disse Violet.

"Minha nossa!", disse o sr. Poe, constatando que uma das irritações no braço de Violet estava do tamanho de um ovo cozido.

"Respirem fundo", disse o capitão Sham, mal se dando o trabalho de erguer os olhos do seu cheesebúrguer.

"Estou passando mal", disse Violet, e Sunny começou a choramingar. "Acho que

devíamos ir para casa deitar, sr. Poe."

"É só vocês se recostarem na cadeira", disse o capitão Sham bruscamente.

"Não há razão para irmos embora no meio do almoço."

"Mas, capitão Sham", disse o sr. Poe, "as crianças estão bem doentes. Violet tem razão. Vamos, eu pago a conta e nós levamos as crianças para casa."

"Nada disso", disse Violet prontamente. "Nós pegamos um táxi. Vocês ficam aqui e acertam todos os detalhes."

O capitão Sham lançou um olhar penetrante para Violet. "Nem em sonhos eu deixaria que vocês fossem sozinhos", disse com voz sombria.

"Bem, a papelada que precisamos examinar é considerável", disse o sr. Poe. Olhou para o seu prato, e os Baudelaire viram que ele não estava muito entusiasmado para deixar o restaurante e ir cuidar de crianças doentes. "Não os deixaríamos sozinhos por muito tempo."

"Nossas alergias são de um tipo moderado", disse Violet, sem faltar à verdade e coçando uma de suas placas. Levantou-se e conduziu os irmãos de língua inchada até a porta do restaurante. "Nós só vamos deitar por uma hora ou duas enquanto vocês dois almoçam sossegados. Depois de assinar todos os papéis, capitão Sham, você vai nos buscar."

O único olho visível do capitão Sham brilhou com uma intensidade que Violet jamais tinha visto. "Farei isso", respondeu. "Vou apanhá-los já, já."

"Adeus, crianças", disse o sr. Poe. "Espero que melhorem logo. Sabe, capitão Sham, há uma pessoa no meu banco que sofre de alergias terríveis. Lembro-me de uma vez..."

"Já vão embora?", perguntou Larry às três crianças, ao vê-las abotoar seus casacos. Do lado de fora, o vento soprava ainda mais forte, e começara a chuviscar, já que o Furacão Hermano estava cada vez mais próximo do Lago Lacrimoso. Apesar disso, as três crianças só pensavam em sair do Palhaço Ansioso, e não propriamente por causa de sua decoração de mau gosto, seus balões, suas luzes de néon e seus garçons chatos. Os Baudelaire sabiam que tinham inventado um pouco de tempo a favor deles, e não podiam desperdiçar

nem mais um segundo.



CAPÍTULO

Oito Quando a língua de alguém está inchada por causa de uma reação alérgica, muitas vezes é difícil entender o que ele diz.

"Blá blá blá blá blá", disse Klaus, quando as três crianças saíram do táxi e se dirigiram para a porta branca com a pintura descascando da casa de tia Josephine.

"Não consigo entender o que você diz", disse Violet, coçando o pescoço, que tinha uma placa cujo formato era idêntico ao do estado do Amazonas.

"Blá blá blá blá blá", repetiu Klaus, ou talvez já estivesse dizendo outra coisa; não tenho a menor idéia.

"Deixa pra lá, deixa pra lá", disse Violet, abrindo a porta e introduzindo os irmãos na casa. "Agora você tem o tempo que precisa para descobrir o que quer que esteja descobrindo."

"Blá blá blá", blablablou Klaus.

"Continuo sem conseguir entender o que você diz", disse Violet. Tirou o casaco de Sunny, depois o dela, e jogou ambos no chão. Normalmente, é claro, devemos pendurar o casaco num cabide ou num armário, mas placas que coçam são muito irritantes e tendem a nos fazer desistir desses procedimentos. "Vou fazer de conta, Klaus, que você concordou comigo. Agora, se você não precisa da nossa ajuda, vou preparar um banho com bicarbonato de sódio para Sunny e para mim a fim de dar um jeito nestas placas."

"Blá!", gritou Sunny. Mas o que queria gritar mesmo era "Gans!", que queria dizer: "Ainda bem, porque minhas placas estão me deixando maluca!", ou algo do gênero.

"Blá!", disse Klaus, assentindo com a cabeça vigorosamente, e disparou pelo corredor. Klaus não tinha tirado o casaco, mas não era por causa do seu estado alérgico, e sim porque estava indo para um lugar frio.

Quando Klaus abriu a porta da biblioteca, surpreendeu-se com as mudanças que ela havia sofrido. O vento provocado pela aproximação do furacão arrancara o que tinha sobrado do vidro da janela, e a chuva encharcara algumas das confortáveis poltronas de tia Josephine, deixando nelas manchas escuras que

continuavam a crescer. Alguns livros haviam caído das estantes, e o vento os arrastara para a janela, onde foram engolidos pelo aguaceiro. Poucas visões são tão entristecedoras quanto a de um livro estragado, mas Klaus não tinha tempo para ficar triste. Sabia que o capitão Sham viria buscar os Baudelaire o mais depressa possível, portanto precisava entrar em ação rapidamente. Primeiro tirou do bolso o bilhete de tia Josephine e o pôs em cima da mesa, firmando-o sob o peso de alguns livros para que não fosse levado pelo vento. Depois foi até as estantes e procurou entre os volumes dispostos nas prateleiras. Escolheu três: Reflexões sobre a língua, Novas reflexões sobre a língua e Grafia correta de toda e qualquer palavra existente na língua em todos os tempos. Cada um dos livros era grande como uma melancia, e Klaus cambaleou ao carregar os três. Com um estrondoso tump!, deixou-os cair sobre a mesa. "Blá blá blá, blá blá blá blá", murmurou consigo mesmo, e logo descobriu uma caneta e se pôs a trabalhar. Uma biblioteca é normalmente um ótimo lugar para se trabalhar à tarde, mas não se a vidraça da janela tiver sido arrebentada e um furacão estiver para chegar. O

vento soprava cada vez mais frio, e chovia cada vez mais forte, e a sala se tornava cada vez mais desagradável. Mas Klaus não se importava com nada disso. Abriu todos os livros e fez copiosas — a palavra copiosas significa aqui "uma porção de" — anotações, detendo-se vez por outra para traçar um círculo em torno de alguma parte do que tia Josephine havia escrito. Lá fora começou a trovejar, e a cada série de trovoadas a casa inteira tremia, no entanto Klaus continuava folheando os livros e escrevendo coisas. Até que os raios começaram a riscar o céu, e ele olhou fixo para o bilhete por um bom tempo, franzindo a testa deliberadamente. Por fim, escreveu uma palavra na parte de baixo do bilhete de tia Josephine, de tal modo concentrado em seus pensamentos, que quando Violet e Sunny entraram na biblioteca e o chamaram, faltou pouco para ele pular da cadeira.

"Blá susto!", gritou ele, com o coração batendo forte e a língua um pouco menos inchada.

"Desculpe", disse Violet. "Não queria assustá-lo."

"Blá blá banho com bicarbonato blá?", perguntou ele.

"Não", respondeu Violet. "Não conseguimos tomar banho com bicarbonato de sódio. Tia Josephine não tinha bicarbonato de sódio, porque ela nunca assava bolo. Tomamos um banho simples mesmo. Mas isso não importa, Klaus. O que

foi que você ficou fazendo nesta sala depois que ela se transformou num congelador? Por que traçou todos esses círculos no bilhete de tia Josephine?"

"Blablando ortografia", respondeu ele, apontando para os livros.

"Blá?", gritou Sunny, provavelmente querendo dizer: "Glá?", que significava: "Por que você perde esse tempo valioso estudando ortografia?", ou algo do gênero.

"Blorque", explicou Klaus, impaciente, "acho que blá Josephine deixou uma mensagem para nós no blá bilhete."

"Ela estava infeliz e se atirou pela janela", disse Violet, tremendo por causa do vento frio. "Que outra mensagem poderia haver no bilhete?"

"Há muitos erros de ortografia no blá", disse Klaus. "E tia Josephine adorava gramática, não seria capaz de cometer tantos erros nunca, a não ser que tivesse um blá motivo. Foi por isso que anotei blá os erros de ortografia."

"Blá", disse Sunny, querendo dizer: "Por favor, continue, Klaus", ou algo do gênero.

Klaus enxugou uns pingos de chuva que haviam caído nos óculos dele e baixou os olhos para ler suas anotações. "Bem, já sabemos que blá na primeira frase tem aquele erro — própio em vez de próprio. Acho que isso foi para chamar nossa atenção. Mas vejam a segunda blase: 'Meu coração está frio como Belo, e a vida para mim tornou-se repussiva'."

"O correto é repulsiva com L e S", disse Violet. "Isso você já disse."

"Blá acho que tem mais uma coisa nessa frase", disse Klaus. "'Meu coração está frio como Belo' não me soa bem. Lembram que tia Josephine contou para blá que gostava de pensar que o marido dela estava num lugar muito quente?"

"É verdade", disse Violet, lembrando. "Ela disse isso aqui mesmo, nesta sala. Ela disse que Belo gostava dos raios do sol e que por isso o imaginava em algum lugar ensolarado."

"É por isso que eu acho que tia Blosephine quis dizer 'frio como gelo", disse Klaus.

"Tudo bem. Então, temos próprio, gelo e repulsiva. Para mim, isso não quer dizer nada", disse Violet.

"Para mim também não", disse Klaus. "Mas veja o que blá depois: 'Sei que, como crianças, não podem compreender o coração urlulante...' Vi no Grafia correta de toda e qualquer palavra *etc. etc.* que o certo é ululante, e significa 'que grita de aflição e de dor'."

"Seu próprio fim, frio como gelo", disse Violet, contando nos dedos, "vida repulsiva, coração ululante. Meio insatisfatório como mensagem, Klaus."

"Deixe-me terminar", disse Klaus. "Descobri outros erros de ortoblafia. Logo depois de 'coração urlulante', vem 'tristre viúva'. Nem é preciso consultar um livro para saber que o correto é triste. E, quanto a 'um acto tão desesperado', Reflexões sobre a língua diz que já se escreveu assim mas não se escreve mais: agora se escreve ato."

"Cói!", gritou Sunny, o que queria dizer: "Estou ficando tonta de pensar em tudo isso!".

"Eu também, Sunny", disse Violet, erguendo a irmã para que ela pudesse sentar na mesa. "Mas vamos deixar que ele termine."

"Blá terminei", disse Klaus.

"Mas e daí?", perguntou Violet. "O que significam todos esses erros?" Klaus sorriu e mostrou para as irmãs a palavra que ele havia escrito na parte de baixo do bilhete. "PGRUTA", leu em voz alta.

"Uquim?", perguntou Sunny, querendo dizer: "O que?".

"PGRUTA", repetiu Klaus. "Se juntarem todas as letras iniciais das palavras que contêm erros de ortografia, elas formam esse nome. Vejam: P de próprio, própio no bilhete; G de gelo, Belo no bilhete; R de repulsiva, repussiva no bilhete; U de ululante, urlulante no bilhete; T de triste, tristre no bilhete; A de ato, acto no bilhete. Essas letras formam PGRUTA. Percebem? Tia Josephine sabia que estava cometendo erros de ortografia e que nós iríamos descobri-los. Ela estava deixando uma mensagem, e a mensagem é PGRU..."

Uma forte rajada de vento interrompeu Klaus, penetrando pela janela

arrebentada, sacudindo a biblioteca e fazendo portas e portinholas matraquearem sob seu impacto devastador. Poltronas e pufes foram revirados, ficando de pernas para o ar. As estantes balançaram tanto que alguns dos livros mais pesados da coleção de tia Josephine giraram no ar e se precipitaram nas poças d'água formadas pela chuva no assoalho. Os próprios Baudelaire foram atirados violentamente no chão quando um raio riscou o céu quase escuro.

"Vamos sair daqui!", gritou Violet, mais alto que as trovoadas, e puxou Klaus e Sunny pelas mãos. O vento soprava com tal furor que parecia que os Baudelaire estavam escalando uma enorme montanha, em vez de estarem simplesmente andando até a porta da biblioteca. Os órfãos tinham perdido completamente o fôlego quando conseguiram fechar a porta e encararam, trêmulos, o corredor.

"Coitada da tia Josephine", disse Violet. "Sua biblioteca desmoronou."

"Mas eu tenho que voltar lá", disse Klaus, mostrando o bilhete. "Acabamos de descobrir o código usado por tia Josephine em sua mensagem e a palavra que ela quis formar; agora precisamos procurar o significado de PGRUTA, e isso só consultando livros na biblioteca."

"Não nessa biblioteca", observou Violet. "Tudo o que havia nessa biblioteca eram livros de gramática. Temos que procurar nos livros da tia Josephine sobre o Lago Lacrimoso."

"Por quê?", perguntou Klaus.

"Porque sou capaz de apostar qualquer coisa que essa PGRUTA tem a ver com o Lago Lacrimoso", disse Violet. "Lembram quando ela disse que conhecia todas as ilhas em meio às suas águas e todas as grutas ao longo de suas margens? Aposto que essa PGRUTA é uma das tais grutas."

"Mas por que sua mensagem secreta seria sobre uma gruta?", perguntou Klaus.

"Você ficou tão absorvido em decifrar a mensagem", disse Violet, "que não parou para pensar no que ela significa. Tia Josephine não morreu. Apenas quer que as pessoas pensem que ela morreu. Mas para nós, especial e exclusivamente, ela quis contar que estava escondida. Temos que encontrar seus livros sobre o Lago Lacrimoso e descobrir onde fica essa PGRUTA."

"Mas primeiro precisamos saber onde estão os livros", disse Klaus. "Ela nos

contou que tinha resolvido evitá-los, lembram?"

Sunny gritou qualquer coisa para dizer que estava de acordo, mas seus irmãos não conseguiram escutá-la por causa de uma forte trovoada.

"Vejamos", disse Violet. "Onde vocês esconderiam uma coisa que não quisessem ver nunca mais?"

Os órfãos ficaram em silêncio, pensando nos lugares onde haviam escondido coisas que não queriam mais ver, no tempo em que moravam com os pais no lar dos Baudelaire. Violet pensou numa gaita automática que tinha inventado e que produzia sons tao detestáveis que ela precisou escondê-la para esquecer seu fracasso. Klaus pensou num livro sobre a Guerra Franco-Prussiana que era tão difícil, mas tão difícil, que só mesmo o escondendo ele apagaria da lembrança o fato de ainda não ter idade para lê-lo. E Sunny pensou numa lasca de pedra que, por ser dura demais até para o mais afiado de seus dentes, teve de esconder para não sentir mais as dores no queixo que sentia toda vez (e foram muitas) que tentava derrotá-la. E todos os três órfãos Baudelaire lembravam muito bem o lugar que escolheram para esconderijo.

"Debaixo da cama", disse Violet.

"Debaixo da cama", concordou Klaus.

"Sicsic", concordou Sunny, e sem mais nenhuma palavra as três crianças saíram em disparada pelo corredor em direção ao quarto de tia Josephine. A boa educação determina que não se deve entrar no quarto de uma pessoa sem bater na porta, mas pode-se abrir uma exceção no caso de a pessoa ter morrido ou ter fingido que morreu, e foi o que os Baudelaire fizeram. O quarto de tia Josephine era semelhante ao dos órfãos, com uma colcha azul-marinho na cama e uma pilha de latas num canto. Havia uma janelinha que dava para o morro alagado pela chuva e, junto à cabeceira da cama, uma pilha de livros novos de gramática que tia Josephine ainda não tinha começado a ler e que, lamento dizer, não leria nunca. Mas a única parte do quarto que interessava às crianças era debaixo da cama, e as três ajoelharam no chão para dar uma espiada.

Aparentemente, tia Josephine tinha uma porção de coisas que desejara nunca mais ver. Debaixo da cama havia panelas e caçarolas que ela não queria mais ver porque lhe lembravam o fogão. Havia meias feias demais que alguém lhe dera de presente e que desafiavam o senso estético de qualquer olho humano. E os

Baudelaire ficaram tristes ao olhar para uma fotografia emoldurada de um homem simpático com um punhado de bolachas numa das mãos e os lábios franzidos e espichados como se ele estivesse assobiando. Era Belo, e os Baudelaire entenderam que ela pusera o retrato ali porque olhar para ele lhe dava uma tristeza muito grande. Por fim, atrás de uma das panelas maiores, havia uma pilha de livros, e os órfãos imediatamente a trouxeram para junto de si.

"Fluxos e refluxos do Lago Lacrimoso', disse Violet, lendo o título do volume que estava em cima de todos. "Este não vai ajudar."

"O fundo do Lago Lacrimoso', disse Klaus, lendo a lombada logo abaixo.

"Também não serve."

"A truta do Lago Lacrimoso', leu Violet.

"História da região do Cais de Dâmocles", leu Klaus.

"Ivan Lacrimoso, o Explorador do Lago", leu Violet.

"Do que é feita a água', leu Klaus.

"Atlas do Lago Lacrimoso', disse Violet.

"Atlas? Perfeito!", exclamou Klaus. "Um atlas é um livro com uma coleção de mapas."

Houve um clarão do lado de fora da janela, e a chuva apertou: os pingos pareciam bolas de gude caindo no telhado. Sem dizer nada, os Baudelaire abriram o atlas e começaram a folheá-lo. Percorreram vários mapas do lago e não conseguiram encontrar a PGRUTA.

"Este livro tem quatrocentas e setenta e oito páginas!", exclamou Klaus, dando uma olhada na última página do atlas. "Vai levar uma eternidade para localizarmos a PGRUTA."

"Não temos uma eternidade à nossa disposição", disse Violet. "O capitão Sham já deve estar vindo para cá. Procure pela letra P no índice do final do livro. Olhe bem, porque esse P pode ser uma abreviatura, e então estará escrito P. GRUTA." Klaus foi direto ao índice, que, tenho certeza, vocês sabem que é uma lista de

todas as coisas que o livro contém, com as páginas em que aparecem. Com a ponta do dedo ele começou a percorrer, de alto a baixo, a lista de palavras iniciadas por P, e logo topou com "'P', Gruta do". "Achei! Gruta do 'P', página 104." Mais que depressa, Klaus folheou o livro até a página indicada e examinou o mapa detalhado. "Gruta do 'P', Gruta do 'P', vejamos... Onde está?"

"Aqui, olha!" Violet mostrou com um dedo no mapa um pontinho onde estava escrito GRUTA DO "P". "Atravessando diretamente para o outro lado do Cais de Dâmocles e bem a oeste do Farol Lavanda. Vamos lá."

"Vamos lá?", repetiu Klaus, estranhando. "Mas como vamos atravessar o lago?"

"A barca nos leva", disse Violet, indicando uma linha pontilhada no mapa.

"Veja, a barca nos deixa no Farol Lavanda, e de lá podemos ir a pé."

"E vamos andando até o Cais de Dâmocles com essa chuva?", perguntou Klaus.

"Não temos escolha", respondeu Violet. "Precisamos provar que tia Josephine continua viva, do contrário o capitão Sham vai nos levar com ele."

"Espero que ela realmente continue...", começou Klaus a dizer, mas se interrompeu e apontou para a janela. "Olhem!"

Violet e Sunny olharam. A janela do quarto de tia Josephine dava vista para o morro, e os órfãos viram uma das estacas metálicas com formato de patas de aranha que impediam a casa de tia Josephine de despencar e cair no lago. Mas também viram que aquela estaca tinha sofrido um sério impacto com a tempestade que acabara de se desencadear. Havia uma enorme marca de queimadura, sem dúvida produzida pelos raios, e o vento dobrara a estaca a ponto de ela se curvar de maneira pouco segura. Em meio à fúria da tempestade, os órfãos assistiam à luta da estaca para se manter presa ao morro.

"Tafca!", gritou Sunny, querendo dizer: "Precisamos sair daqui já!".

"Sunny tem razão", disse Violet. "Pegue o atlas e vamos." Klaus pegou o Atlas do Lago Lacrimoso, sem querer nem imaginar o que estaria acontecendo se ainda estivessem folheando o livro e não houvessem olhado para a janela. Quando os garotos se levantaram, o vento alcançou seu auge, o que aqui quer dizer "balançou a casa e atirou com os três órfãos no chão". Violet se chocou

com um dos pés da cama e machucou o joelho. Klaus se chocou com o aquecedor frio e machucou o pé. E Sunny se chocou contra a pilha de latas e se machucou toda. O quarto parecia estar meio cambado quando os órfãos conseguiram se reerguer.

"Vamos!", gritou Violet, e agarrou Sunny. Os órfãos dispararam pelo corredor em direção à porta da frente. Um pedaço do teto tinha desabado, e a água da chuva se derramava sobre o tapete, batendo em cheio nos órfãos quando eles passaram correndo. A casa foi sacudida mais uma vez, e as crianças tornaram a ir ao chão. A casa de tia Josephine começava a se desprender do morro. "Vamos!", gritou Violet novamente, e os órfãos aos trancos e barrancos seguiram até a porta pelo corredor inclinado, escorregando em poças e também por conta de seus próprios pés amedrontados. Klaus foi o primeiro a alcançar a porta da frente, e a abriu com um safanão no exato momento em que a casa teve outro estremecimento, acompanhado de um rangido apavorador. "Vamos!", gritou Violet mais uma vez, e os Baudelaire saíram se arrastando para o morro, bem abraçados para se proteger da chuva gelada. Tinham muito frio. Muito medo. Mas haviam escapado.

Vi muitas coisas surpreendentes ao longo da tumultuada história de minha vida. Vi séries de corredores construídos inteiramente de crânios humanos. Vi um vulcão entrar em erupção e despejar um mar de lava que avançava lentamente sobre uma pequena aldeia. Vi uma mulher que eu amava ser apanhada por uma águia enorme e ser levada para o ninho dessa ave no alto de uma montanha. Mesmo assim, não consigo imaginar o efeito da visão da casa de tia Josephine despencando e caindo no Lago Lacrimoso. Por minha pesquisa fiquei sabendo que as crianças olharam em pasmo silêncio a porta branca com a pintura descascando se fechar com estrondo e em seguida começar a se encolher, tal qual um pedaço de papel que amassássemos até fazer dele uma bola. Contaram-me que as crianças se abraçaram ainda mais forte depois que ouviram o ruído violento, de romper os tímpanos, de sua casa se soltando da encosta do morro. Mas não dá para dizer o que sentiram ao ver a construção inteira se precipitar morro abaixo, caindo e caindo, até ir se chocar com as águas escuras e tormentosas do lago.





CAPITULO

Nove O Correio dos Estados Unidos tem um lema: "Nem chuva, nem granizo, nem nevasca justificam a suspensão da entrega de correspondência". Isso quer dizer que, mesmo quando o tempo está horrível e o carteiro quer ficar em casa tomando uma xícara de chocolate, ele tem obrigação de enfrentar o que der e vier e entregar suas cartas de qualquer maneira. O Correio não aceita que tempestades falem mais alto que os seus deveres.

Os órfãos Baudelaire tiveram a maior decepção ao saber que a barca do Lago Lacrimoso não seguia essa política. Violet, Klaus e Sunny desceram o morro com enorme dificuldade. A tempestade aumentava, e dava para as crianças perceberem que tudo o que o vento e a chuva mais queriam era pegá-los e jogá-los nas águas turbulentas do Lago Lacrimoso. Violet e Sunny não tiveram tempo de pegar seus casacos ao escapar da casa, assim os três se revezaram no uso do casaco de Klaus ao avançarem aos trambolhões pelo caminho alagado. Uma ou duas vezes um carro passou por eles, e os Baudelaire tiveram que correr a se esconder nos arbustos lamacentos, na dúvida se era o capitão Sham que tinha vindo buscá-los. Quando os órfãos finalmente chegaram ao Cais de Dâmocles, seus dentes batiam e seus pés estavam tão frios que eles mal conseguiam sentir os dedos, e ver na bilheteria da barca a placa que dizia FECHADO foi demais para eles.

"Está fechado', gritou Klaus, levantando a voz com desespero e a fim de soar mais alto que o Furacão Hermano. "E agora, como faremos para chegar à Gruta do 'P'?"

"Teremos que esperar até que abra", respondeu Violet.

"Mas não abrirá antes da tempestade passar", observou Klaus, "e então o capitão Sham já terá nos achado e levado para longe. Temos que ir ao encontro de tia Josephine o mais rápido possível."

"Não sei como", disse Violet, trêmula de frio. "O atlas diz que a gruta fica do outro lado do lago, e não dá para atravessarmos nadando toda essa distância com este tempo."

"Entro!", gritou Sunny, o que queria dizer: "E também não temos tempo para caminhar toda a volta do lago", ou algo do gênero.

"Deve haver outros barcos nesse lago", disse Klaus. "Lanchas motorizadas, ou

barcos de pesca, ou..." Hesitou em concluir, e seus olhos encontraram os das irmãs. Os três órfãos estavam pensando a mesma coisa.

"Ou barcos a vela", completou Violet para ele. "Os Barcos a Vela do Capitão Sham. Ele disse que os alugava justamente no Cais de Dâmocles." Os Baudelaire ficaram sob a marquise da bilheteria da barca e dali perscrutaram o cais deserto até enxergarem um portão de ferro que era bastante alto e tinha proteções pontiagudas e reluzentes na parte de cima. Pendurada no portão havia uma placa com dizeres que eles não conseguiram ler, e junto à placa um casebre quase invisível sob a chuva, com uma luz trêmula na janela. As crianças olharam para aquele casebre com o coração tomado de terror. Caminhar até o posto de aluguel dos Barcos a Vela do Capitão Sham para encontrar tia Josephine seria o mesmo que caminhar até a cova de um leão para escapar de um leão.

"Não podemos ir lá", disse Klaus.

"Temos que ir", disse Violet. "Sabemos que o capitão Sham não está lá, porque ou está a caminho da casa de tia Josephine ou continua no Palhaço Ansioso."

"Mas quem quer que esteja lá", disse Klaus, apontando para a luz trêmula, "não alugará um barco para nós."

"Não sabem que somos os Baudelaire", replicou Violet. "Diremos a quem quer que esteja lá que somos os filhos dos Jones, e que queremos dar uma volta de barco a vela."

"No meio de um furacão?", replicou Klaus, por sua vez. "Não vão acreditar."

"Vão ter que acreditar", disse Violet resolutamente — palavra que aqui significa "como se acreditasse no que dizia, embora não estivesse tão certa disso" —, e foi em frente, seguida pelos irmãos, rumo ao casebre. Klaus apertava o atlas contra o peito, e Sunny, a quem cabia a vez de usar o casaco de Klaus, envolveu-se toda nele, até que pouco depois os Baudelaire chegaram, na maior tremedeira, debaixo da placa que dizia: BARCOS A VELA DO CAPITÃO SHAM — CADA BARCO TEM SUA PRÓPIA VELA. Mas o alto portão de ferro estava fechado a sete chaves, e os Baudelaire tiveram que parar por ali, apreensivos quanto à maneira de entrar no casebre.

"Vamos dar uma olhada", sussurrou Klaus, apontando para uma janela que, entretanto, ficava muito no alto para ele ou Sunny poderem espiar por ela.

Pondo-se na ponta dos pés, Violet olhou pela janela do casebre, e um único olhar bastou para ela perceber que não haveria jeito de conseguirem alugar um barco. O casebre era muito pequeno, com espaço apenas para uma escrivaninha mínima e uma lâmpada, que era de onde partia a luz trêmula. Mas diante da escrivaninha, dormindo numa cadeira, achava-se uma pessoa tão maciça que era como se uma imensa bolha ocupasse todo o casebre, roncando a sono solto, com uma garrafa de cerveja numa das mãos e um molho de chaves na outra. O ronco da criatura fazia a garrafa balançar, as chaves tilintarem e a porta do casebre se entreabrir poucos centímetros, mas embora esses ruídos fossem meio fantasmagóricos, não foram eles que amedrontaram Violet. O que amedrontou Violet foi que não dava para saber se essa pessoa era homem ou mulher. Não existem muitas pessoas assim no mundo, e Violet logo reconheceu aquela criatura singular. Talvez vocês já tenham esquecido dos amigos perversos do conde Olaf, mas os Baudelaire os conheceram em carne e osso — muita carne, no caso desse amigo em particular —, e retinham na memória suas imagens chocantes, detalhe por detalhe. Eram uma gente brutal, sorrateira, e faziam tudo o que o conde Olaf— ou, na presente situação, o capitão Sham — mandava, e os órfãos nunca sabiam quando eles iam surgir. E, agora, um deles tinha surgido bem ali no casebre, perigoso, traiçoeiro e roncando.

Violet deve ter demonstrado seu desapontamento na expressão do rosto, porque assim que ela deu uma olhada, Klaus perguntou: "Qual é o problema, além do Furacão Hermano, de tia Josephine forjar sua própria morte, do capitão Sham estar atrás de nós, e de tudo o mais, claro?".

"Um dos amigos do conde Olaf está no casebre", disse Violet.

"Qual deles?", perguntou Klaus.

"Aquele que não parece nem homem nem mulher", respondeu Violet. Klaus estremeceu. "É o mais assustador."

"Discordo", disse Violet. "Acho que o careca é mais assustador."

"Vass!", sussurrou Sunny, querendo provavelmente dizer: "Vamos deixar essa discussão para outra hora".

"Ele ou ela chegou a vê-la?", perguntou Klaus.

"Não", disse Violet. "Ele ou ela está dormindo. Mas ele ou ela está segurando

um molho de chaves. Vamos precisar delas, tenho certeza, para destrancar o portão e pegar um barco."

"Você está querendo dizer que nós vamos roubar um barco?", perguntou Klaus.

"Não temos escolha", disse Violet. Roubar, não resta dúvida, é um crime, e é próprio de quem não tem nenhuma educação. Mas como a maioria das coisas que faz quem não tem nenhuma educação, é desculpável dependendo das circunstâncias. Roubar não é desculpável, por exemplo, se a pessoa está num museu, resolve que um determinado quadro ficaria melhor em sua casa e simplesmente leva o quadro para casa. Mas se a pessoa está morrendo de fome e não tem outro meio de conseguir dinheiro, é desculpável que ela leve o quadro para casa e o coma. "Temos que chegar à Gruta do 'P' o mais rápido possível", continuou Violet, "e só há um jeito de fazermos isso: roubando o barco."

"Eu sei", disse Klaus, "mas como vamos fazer para pegar as chaves?"

"Não sei", admitiu Violet. "A porta do casebre range, e tenho medo que, se a abrirmos um pouco mais, ele ou ela acorde."

"Você pode entrar pela janela", disse Klaus, "subindo nos meus ombros. Sunny podia ficar vigiando."

"Onde está Sunny?", perguntou Violet, nervosa.

Violet e Klaus olharam para o chão e viram o casaco de Klaus abandonado logo adiante, formando um montinho. Olharam para o cais, mas viram apenas a bilheteria da barca e as águas espumantes do lago, escurecendo na melancolia do fim de tarde.

"Ela sumiu!", gritou Klaus, mas Violet pôs o dedo indicador nos lábios e ficou na ponta dos pés para olhar pela janela mais uma vez. Sunny estava se esgueirando pela porta aberta do casebre, achatando seu corpinho o suficiente para não abrir mais a porta.

"Ela está lá dentro", murmurou Violet.

"No casebre?", disse Klaus, sufocando um grito de horror. "Isso não, temos que impedi-la."

"Ela está se arrastando bem devagarinho na direção da pessoa", disse Violet, com medo até de piscar.

"Prometemos a nossos pais que cuidaríamos dela", disse Klaus. "Não podemos deixar que faça isso."

"Ela está estendendo a mão para alcançar o molho de chaves", disse Violet, sem respirar. "Está tentando bem de leve fazer o molho se soltar da mão da pessoa."

"Não me conte mais nada", disse Klaus, ao mesmo tempo que um raio riscou o céu. "Não, vai, conta. O que está acontecendo?"

"Ela pegou as chaves", disse Violet. "Pôs as chaves na boca para poder traze-las. Está se arrastando de volta para a porta, achatando o corpo e se esgueirando."

"Ela conseguiu", disse Klaus, espantado. Sunny veio se arrastando triunfantemente até os órfãos, com as chaves na boca. "Violet, ela conseguiu", disse Klaus, dando um abraço em Sunny no mesmo instante em que o bum! de um trovão ecoava pelo céu.

Violet sorriu para Sunny, mas parou de sorrir assim que olhou de novo para dentro do casebre. A trovoada tinha despertado o (a) amigo (a) do conde Olaf, e Violet observou aflita a pessoa encarando a mão vazia onde antes havia estado o molho de chaves, e depois seguindo no chão o rastro de Sunny, que estava ensopada, e depois erguendo os olhos até a janela, onde cruzaram com os de Violet.

"Ela acordou!", gritou Violet. "Ele acordou! A pessoa acordou! Depressa, Klaus, abra o portão, enquanto eu tento distrair a criatura." Sem dizer mais nada, Klaus pegou o molho de chaves na boca de Sunny e correu para o alto portão de ferro. Havia três chaves no molho — uma fininha, outra mais grossa e uma terceira denteada que lembrava as intimidantes proteções pontiagudas no alto do portão. Ele pôs o atlas no chão e começou a experimentar a chave fininha na fechadura; nesse mesmo instante, o(a) pesado(a) e modorrento(a) amigo(a) do conde Olaf saiu do casebre.

Com o coração na mão, Violet se viu frente a frente com a criatura e lhe deu um sorriso falso. "Boa tarde", disse, não sabendo se acrescentava "senhor" ou "senhora". "Acontece que me perdi neste cais. Será que poderia me dizer como chego na barca?"

O(A) amigo(a) do conde Olaf não respondeu, mas continuou indo na direção dos órfãos, sem levantar os pés do chão. A chave fininha coube na fechadura, mas não se moveu, e Klaus experimentou a mais grossa.

"Perdão", disse Violet, "mas não escutei o que disse. Será que poderia me dizer..."

Sem dizer nada, aquela montanha de pessoa agarrou Violet pelos cabelos e, com um único impulso do braço, ergueu-a em cima de seus ombros fedorentos com a mesma facilidade com que alguém jogaria uma mochila nas costas. Klaus não conseguiu fazer a chave mais grossa entrar na fechadura e experimentou a denteada; nesse mesmo instante, a pessoa, com a mão que lhe sobrava, pegou Sunny e a suspendeu no ar como se segurasse uma casquinha de sorvete.

"Klaus!", gritou Violet. "Klaus!"

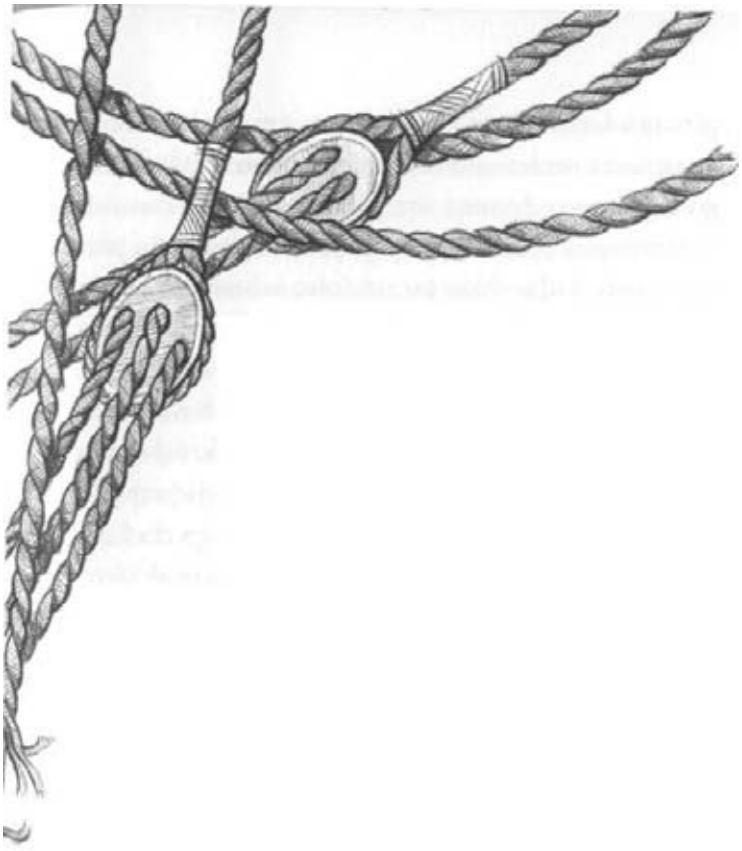
A chave denteada tampouco entrou na fechadura. Klaus, frustrado, sacudiu repetidamente o portão de ferro. Violet dava pontapés nas costas da criatura e Sunny mordia o seu pulso, mas a pessoa era tão encouraçada — termo que aqui quer dizer "incrivelmente vigorosa e resistente" — que as crianças não conseguiam lhe causar dor nenhuma. Com seu andar arrastado, o(a) amigo(a) do conde Olaf avançou em direção a Klaus, sem soltar as duas outras órfãs. Em desespero, Klaus voltou a experimentar a chave fininha na fechadura, e, para sua surpresa e alívio, ela girou e o alto portão de ferro se abriu. A dois, três metros de distância, estavam seis barcos a vela amarrados ao final do cais com uma corda grossa — barcos que poderiam levá-los até tia Josephine. Mas Klaus chegara tarde demais. Sentiu algo agarrando a parte de trás de sua camisa e levantando-o no ar. Algo viscoso se deslocava pelas suas costas, e Klaus percebeu com horror que a pessoa o segurava na boca.

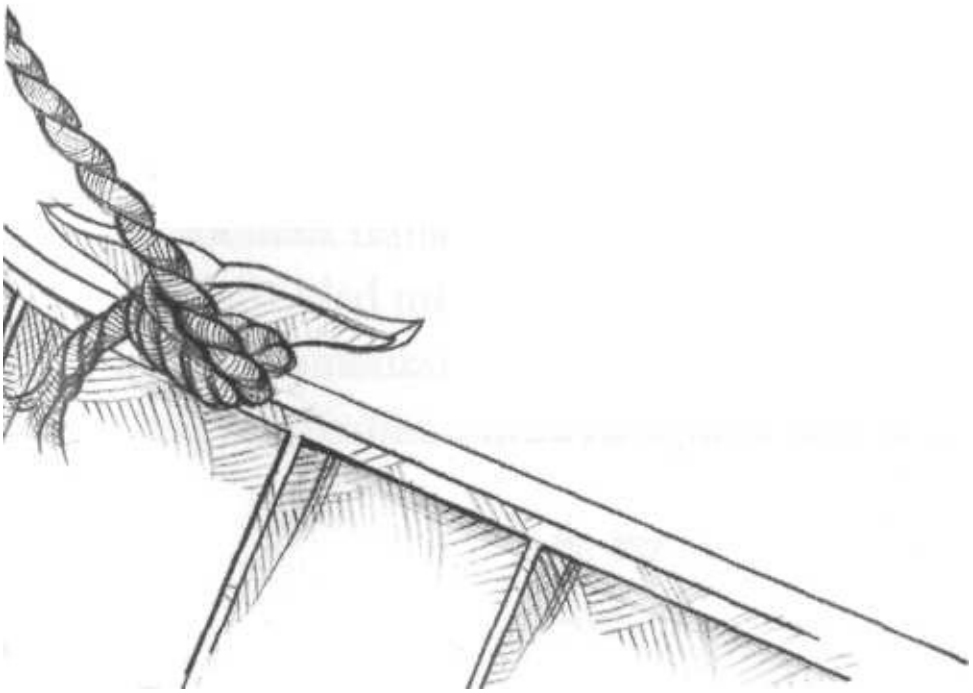
"Ponha-me no chão!", gritou Klaus. "Ponha-me no chão!"

"Ponha-me no chão!", berrou Violet. "Ponha-me no chão!"

"Poda riche!", esgoelou Sunny. "Poda riche!" Mas a criatura de andar arrastado não ligava a mínima para os desejos dos órfãos Baudelaire. Com grandes passos pausados deu meia-volta e começou a carregar os garotos de volta ao casebre. As crianças ouviram o som pegajoso de suas patas de elefante chapinhando na água da chuva, plash, plash, plash, plash. Mas, de repente, em vez de um plash, surgiu um esquitlauás: a pessoa pisou no atlas de tia Josephine, e este deslizou embaixo

dos seus pés. O(A) amigo(a) do conde Olaf agitou os braços para se equilibrar, derrubando Violet e Sunny; em seguida caiu ele (a) próprio (a), abrindo a boca, espantado(a), e derrubando Klaus. Os órfãos, que estavam razoavelmente em forma, levantaram-se mais rápido que a desprezível criatura e, atravessando em disparada o portão aberto, dirigiram-se ao barco mais próximo. A criatura se ergueu com enorme esforço e saiu atrás deles, mas a essa altura Sunny já havia mordido e rompido a corda que amarrava o barco ao cais. Quando a criatura chegou ao portão de ferro, os órfãos já se achavam em plenas águas tormentosas do Lago Lacrimoso. Na escassa luz do fim de tarde, Klaus removeu a marca de sujeira deixada pelo pé da criatura na capa do atlas e começou a lê-lo. O livro de mapas de tia Josephine os salvara uma primeira vez, ao lhes mostrar a localização da Gruta do "P", e agora os salvava novamente.





CAPÍTULO

Dez As boas pessoas que editam este livro estão preocupadas, e me disseram por quê. Estão preocupadas com a possibilidade de que leitores como vocês leiam a minha história dos órfãos Baudelaire e tentem imitar algumas das coisas que eles fazem. Assim, tendo chegado a esta altura da história, e a fim de tranqüilizar os editores — isto é, de fazer com que parem de arrancar os cabelos de preocupação —, permitam-me, por favor, dar-lhes um conselho, mesmo sem saber nada sobre vocês. O conselho é o seguinte: se alguma vez vocês precisarem chegar com urgência à Gruta do "P", não devem em nenhuma circunstância roubar um barco e tentar atravessar o Lago Lacrimoso durante um furacão, porque é muito perigoso e as chances de vocês sobreviverem são praticamente nulas. Não façam isso, sobretudo se vocês, como os órfãos Baudelaire, tiverem apenas uma vaga idéia de como funciona um barco a vela.

O (A) amigo(a) do conde Olaf, de pé no cais e brandindo um dos punhos cerrado no ar, foi diminuindo, diminuindo mais e mais, à medida que o vento empurrava o barco a vela para longe do Cais de Dâmocles. Com o Furacão Hermano se abatendo sobre eles, Violet, Klaus e Sunny procederam a um exame do barco a vela que tinham acabado de roubar. Era bem pequeno, com bancos de madeira e coletes salva-vidas laranja fosforescente para cinco pessoas. No topo do mastro, que é o nome dado ao "alto poste de madeira erguido no meio dos barcos", havia uma vela branca muito encardida que era controlada por uma série de cordas, e no chão ficava um par de remos de madeira para o caso de não haver vento. Na parte de trás, havia uma espécie de alavanca de madeira que servia para realizar manobras, e debaixo de um dos bancos ficava um balde de alumínio para tirar água se houvesse vazamento. Havia também uma vara comprida com uma rede de pesca na ponta, uma vara curta terminada por um anzol afiado, e uma enferrujada luneta, que é usada como uma espécie de telescópio por quem navega. Os três irmãos fizeram força para vestir os coletes salva-vidas, enquanto as ondas tormentosas do Lago Lacrimoso os afastavam cada vez mais do cais.

"Li uma vez um livro sobre como manejar um barco a vela", disse Klaus aos berros, para se sobrepor à barulheira do furacão. "Temos que usar a vela para pegar o vento. Então ele nos empurrará para onde quisermos ir."

"E a alavanca se chama cana do leme", berrou Violet. "Lembro disso porque estudei algumas plantas de engenharia naval. É essa alavanca que comanda o leme, que fica embaixo da água governando a embarcação. Sunny, sente-se aí atrás e fique manobrando a cana do leme. Klaus, pegue o atlas para podermos

saber a direção em que estamos indo. Eu vou tentar manejar a vela. Acho que se puxar por esta corda, o controle da vela está garantido."

Klaus virou as folhas do atlas até a página 104. "Temos que ir nesta direção", disse, apontando para a direita. "O sol está se pondo lá, logo deve ser o oeste." Sunny correu para a parte de trás do barco e pôs suas mãozinhas na cana do leme bem no momento em que uma onda bateu no casco e jogou espuma sobre ela.

"Cargu teim", avisou, querendo dizer: "Vou mover a cana do leme nesta direção, para governar o barco de acordo com a recomendação de Klaus", ou algo do gênero. Chovia forte, o vento uivava, e uma pequena onda se esparramou sobre um dos flancos, mas, para surpresa dos órfãos, o barco seguia na direção exata em que eles queriam ir. Se vocês topassem com os três Baudelaire nesse instante, pensariam que a vida deles era pura alegria e felicidade, porque, mesmo estando exaustos e encharcados, e correndo um perigo muito grande, começaram a rir por estar tudo dando certo. Era um tal alívio constatar que finalmente alguma coisa tinha dado certo, que eles riram como se estivessem no circo, e não no meio de um lago, no meio de um furacão, no meio da maior encrenca.

Com a tempestade esgotando sua força à custa de jogar ondas sobre o barco e riscar raios no céu sobre a cabeça deles, os Baudelaire fizeram a travessia do vasto e escuro lago em seu pequeno barco a vela. Violet puxava as cordas ora para cá ora para lá a fim de pegar o vento, que mudava incessantemente de direção, o que é normal os ventos fazerem. Klaus ficou de olho no atlas o tempo todo, atento para que não se desviassem do rumo e fossem dar na Correnteza Cruel ou nas Rochas Rancorosas. E Sunny manteve o barco em equilíbrio manobrando a cana do leme sempre que recebia um sinal de Violet. E justo quando o entardecer virou noite, e ficou escuro demais para ler o atlas, os Baudelaire viram um pisca-pisca cuja luz era de um tom claro de púrpura. Os órfãos sempre haviam considerado a chamada cor de lavanda uma cor doentia, e pela primeira vez na vida se sentiram contentes por vê-la. Era um indício de que o barco se aproximava do Farol Lavanda, e dali a pouco chegariam à Gruta do "P". A tempestade finalmente cedeu — palavra que aqui quer dizer "se tornou branda" —, e as nuvens se separaram, revelando uma lua quase cheia. As crianças, sentindo calafrios sob as roupas encharcadas, contemplavam as ondas do lago em calmaria e acompanhavam os redemoinhos que se desenhavam na camada mais profunda de suas águas.

"O Lago Lacrimoso é na verdade muito lindo", disse Klaus, pensativo. "Nunca

tinha reparado."

"Cind", concordou Sunny, ajustando de leve a cana do leme.

"Imagino que nunca reparamos nisso por causa de tia Josephine", disse Violet.

"Nós nos acostumamos a ver o lago pelos olhos dela." Pegou a luneta e encaixou nela o seu olho: foi o bastante para que enxergasse terra firme. "Acho que estou conseguindo ver o farol lá adiante. Há um buraco negro no rochedo que fica logo à sua direita. Deve ser a entrada da Gruta do 'P'."

De fato, à medida que o barco foi chegando cada vez mais perto, as crianças puderam distinguir o Farol Lavanda e a entrada da gruta vizinha, mas quando tentaram olhar para as profundezas da gruta, não perceberam sinal algum da presença de tia Josephine, nem de qualquer outra coisa, diga-se de passagem. Pedras começaram a arranhar o fundo do barco, o que significava que eles estavam em águas muito rasas; Violet, então, pulou do barco para empurrá-lo até a beira escarpada do rochedo. Klaus e Sunny também saltaram, e retiraram seus coletes salva-vidas. E os três se postaram na entrada da Gruta do "P", imóveis e ansiosos. Diante da gruta havia uma placa que dizia que ela estava à venda, e os órfãos não foram capazes de imaginar quem quereria comprar um lugar tão fantasmagórico — e a



palavra fantasmagórico está valendo aqui por todas as palavras com o sentido de "assustador" e "horripilante" que vocês possam juntar. A entrada da gruta tinha em sua orla como que uma coroa de pedras pontudas e recortadas tal qual os dentes na boca de um tubarão. Transposta a entrada, os garotos deram com estranhas formações de rocha branca, configuradas de um jeito que lembrava

leite talhado. O chão da gruta era esbranquiçado e soltava pó como se fosse de giz. Mas não foram essas coisas que imobilizaram as crianças. Foi o som que vinha lá de dentro. Era um lamento agudo, trêmulo, um som que expressava desterro e desesperança, tão estranho e lúgubre como a própria Gruta do "P".

"Que barulho é esse?", perguntou Violet nervosamente.

"Deve ser só o vento", respondeu Klaus. "Li em algum lugar que quando o vento penetra em espaços pequenos, como grutas, pode produzir sons misteriosos. Não é caso para ter medo."

Os órfãos não se mexeram. O som não cessou.

"De qualquer maneira, isso me dá medo", disse Violet.

"A mim também", disse Klaus.

"Geni", disse Sunny, e começou a engatinhar para dentro da gruta. Provavelmente o que quis dizer foi: "Não atravessamos o Lago Lacrimoso num barco a vela roubado, em pleno Furacão Hermano, para ficarmos parados, nervosos, na entrada de uma gruta", ou algo do gênero, e seus irmãos tiveram que concordar com ela e segui-la até lá dentro. O lamento estava mais alto, ecoando pelas paredes e formações rochosas, e deu para os Baudelaire perceberem que não era o vento. Era tia Josephine, sentada num canto da gruta e soluçando com a cabeça entre as mãos. Chorava tão desesperadamente que nem sequer havia notado a chegada dos Baudelaire.

"Tia Josephine", disse Klaus, hesitante, "aqui estamos." Tia Josephine ergueu os olhos, e as crianças viram que seu rosto estava molhado de lágrimas e coberto da poeira de giz da gruta. "Vocês descobriram", disse ela, enxugando as lágrimas e se levantando. "Eu sabia que vocês iriam descobrir", disse, e abraçou os Baudelaire um por um. Olhou para Violet, depois para Klaus e depois para Sunny, e os órfãos olharam para ela com lágrimas nos olhos, lágrimas de alegria por reencontrar sua tutora. Era como se eles não tivessem acreditado inteiramente que a morte de tia Josephine havia sido forjada até que viram com seus próprios olhos que ela estava viva.

"Eu sabia que vocês eram crianças inteligentes", disse tia Josephine. "Eu sabia que iriam decifrar minha mensagem."

"Na verdade, foi Klaus que conseguiu decifrá-la", disse Violet.

"Mas Violet conseguiu manejar o barco a vela", disse Klaus. "Sem Violet nunca teríamos chegado aqui."

"E foi Sunny que roubou as chaves", disse Violet, "e controlou a cana do leme."

"Bem, estou feliz por vocês todos terem conseguido chegar até aqui", disse tia Josephine. "Deixem-me só retomar o fôlego, e vou ajudá-los a trazer suas coisas aqui para dentro."

As crianças se entreolharam. "Que coisas?", perguntou Violet.

"Ué, sua bagagem, é claro", respondeu tia Josephine. "E espero que tenham trazido alguma comida, porque os mantimentos que eu trouxe estão quase terminando."

"Não trouxemos comida", disse Klaus.

"Não trouxeram comida?", disse tia Josephine. "Mas como, Deus do céu, vocês vão morar comigo nesta gruta se não trouxeram comida?"

"Nós não viemos aqui para morar com você", disse Violet. As mãos de tia Josephine voaram para o alto da cabeça, e ela nervosamente ajeitou seu coque. "Então, por que estão aqui?", perguntou.

"Stim!", gritou Sunny, querendo dizer: "Porque estávamos preocupados com você!".

"'Stim' não é uma frase, Sunny", disse tia Josephine, implacável. "Talvez um de seus irmãos mais velhos possa me explicar em linguagem correta por que vocês estão aqui."

"Porque por um triz não caímos nas garras do capitão Sham!", gritou Violet.

"Todos pensaram que você tivesse morrido, e você escreveu no seu bilhete-testamento que nós deveríamos ficar sob a guarda do capitão Sham."

"Mas ele me forçou a fazer isso", disse tia Josephine, choramingando.

"Naquela noite, quando ligou para mim, ele disse que era mesmo o conde Olaf. Disse que eu devia escrever um testamento declarando que vocês ficariam sob sua guarda. Disse que se eu não escrevesse o que estava mandando, ele iria me afogar no lago. Tive tanto medo, que concordei imediatamente."

"Por que não chamou a polícia?", perguntou Violet. "Por que não ligou para o sr. Poe? Por que não chamou alguém que pudesse ajudar?"

"Vocês sabem por quê", disse tia Josephine, aborrecida. "Tenho medo de usar o telefone. Estava apenas começando a me acostumar a atender o aparelho, mas ainda não sabia mexer nas teclas numeradas. De qualquer maneira, não precisei chamar ninguém. Atirei um pufe pela janela e saí sorrateiramente de casa. Deixei o bilhete para que vocês descobrissem que na verdade eu não tinha morrido, mas encobri seu conteúdo secreto para que o capitão Sham não ficasse sabendo que eu havia escapado dele."

"Por que não nos trouxe com você? Por que nos deixou sozinhos à nossa própria sorte? Por que não nos protegeu do capitão Sham?", perguntou Klaus.

"Não é gramaticalmente correto", disse tia Josephine, "dizer 'nos deixou sozinhos à nossa própria sorte'. Deve-se dizer 'nos deixou sozinhos entregues à nossa própria sorte'. Entendeu?"

Os Baudelaire se entreolharam num misto de raiva e tristeza. Eles tinham entendido. Tinham entendido que tia Josephine estava mais interessada em erros gramaticais do que em salvar a vida das três crianças. Tinham entendido que ela estava tão envolvida nos seus próprios medos que nem sequer pensara no que poderia ter acontecido a eles. Tinham entendido que tia Josephine havia falhado completamente como tutora ao deixar as crianças sozinhas numa situação de tamanho perigo. Tinham entendido, e desejaram mais do que nunca que seus pais — que jamais teriam fugido e jamais os teriam deixado sozinhos — não houvessem morrido naquele incêndio terrível que foi o ponto de partida de todas as desventuras na vida dos Baudelaire.

"Bem, por hoje basta de aulas de gramática", disse tia Josephine. "Fico feliz em vê-los, e só quero que se sintam bem dividindo esta gruta comigo. Creio que o capitão Sham jamais nos descobrirá aqui."

"Nós não vamos ficar morando aqui", disse Violet, impaciente. "Vamos voltar para a cidade, e você vem conosco."

"No dia de são Nunca!", disse tia Josephine, usando uma expressão que significa "de jeito nenhum". "Morro de medo do capitão Sham para encará-lo. Depois de tudo o que ele fez com vocês, imagino que também morram de medo dele."

"Nós morremos de medo dele, sim", disse Klaus, "mas se provarmos que ele é na verdade o conde Olaf, irá para a cadeia. Você é a prova. Se contar ao sr. Poe o que aconteceu, o conde Olaf será trancafiado e nós estaremos salvos."

"Contem vocês, se quiserem", disse tia Josephine. "Daqui eu não saio."

"Ele não vai acreditar em nós, a menos que você venha conosco e prove que está viva", disse Violet.

"Não, não e não", disse tia Josephine. "Tenho medo demais." Violet respirou fundo e encarou sua amedrontada tutora. " Todos nós temos medo", disse com firmeza. "Tivemos medo quando encontramos o capitão Sham na mercearia. Tivemos medo quando achamos que você tinha pulado da janela. Tivemos medo de provocar reações alérgicas em nós mesmos, tivemos medo de roubar um barco e tivemos medo de atravessar esse lago no meio de um furacão. Mas nem por isso desistimos."

Os olhos de tia Josephine se encheram de lágrimas. "Não tenho culpa se vocês são mais corajosos do que eu", disse. "Não vou atravessar esse lago num barco a vela. Não vou fazer ligações telefônicas. Vou ficar aqui o resto da vida, e nada do que vocês disserem me fará mudar de idéia."

Klaus deu um passo para a frente e jogou a última cartada — expressão que aqui significa "lançou mão do último recurso, que considerava extremamente convincente". "A Gruta do 'P' está à venda", disse.

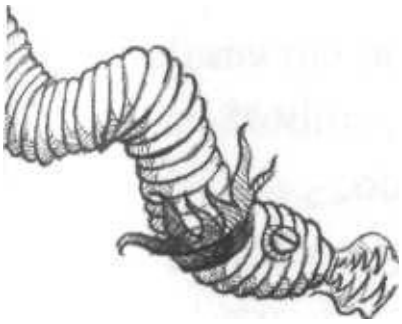
"E daí?", perguntou tia Josephine.

"Daí que muito em breve", disse Klaus, "certas pessoas virão visitar a gruta. E

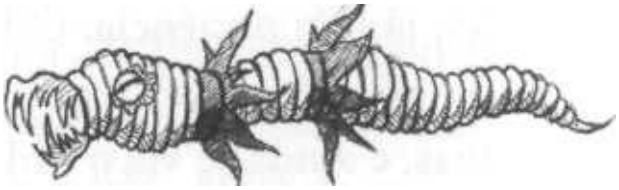
entre essas pessoas", aqui ele fez uma pausa dramática, "estarão corretores." Tia Josephine ficou boquiaberta, e os órfãos viram a pálida criatura engolir em seco de medo. "Tudo bem", disse finalmente, olhando ansiosa para os quatro cantos da gruta, como se algum corretor já estivesse escondido nas sombras. "Eu vou."















CAPÍTULO

Onze "Oh, não", disse tia Josephine.

As crianças nem prestaram atenção. O pior do Furacão Hermano já havia passado, e a travessia do lago escuro no barco a vela não parecia oferecer grande perigo. Violet movimentava a vela com facilidade, agora que o vento se acalmara. Klaus, olhando para trás, orientava-se pela luz lavanda do farol e guiava Confiantemente o barco de volta ao Cais de Dâmocles. E Sunny movia a cana do leme com a mestria de quem não havia feito outra coisa na vida. Só tia Josephine estava apavorada. Ela usava dois coletes salva-vidas em vez de um, e a cada instante gemia: "Oh, não", embora nada de atemorizador estivesse acontecendo.

"Oh, não", disse tia Josephine, "e agora estou falando sério."

"Qual é o problema, tia Josephine?", disse Violet, já sem paciência. O barco estava quase no meio do lago. As águas continuavam razoavelmente calmas, e ainda se via o brilho do farol, como uma cabeça de alfinete cor de púrpura clara. Não parecia haver motivo para alarme.

"Estamos prestes a entrar no território das sanguessugas", disse tia Josephine.

"Tenho certeza que vamos passar sem problemas", disse Klaus, olhando pela luneta para ver se já dava para enxergar o Cais de Dâmocles. "Você disse para nós que as sanguessugas eram inofensivas e só atacavam peixes miúdos."

"A não ser que a pessoa tenha comido recentemente", disse tia Josephine.

"Mas faz horas que comemos", disse Violet, tranqüilizadora. "A última coisa que mastigamos foram balas de hortelã-pimenta.no Palhaço Ansioso. Isso foi de tarde, e agora já estamos no meio da noite."

Tia Josephine baixou os olhos e se afastou do flanco do barco. "Mas eu comi uma banana", sussurrou, "pouco antes de vocês chegarem."

"Oh, não", disse Violet. Sunny parou de manobrar a cana do leme e ficou olhando aflita para a água.

"Tenho certeza que não há nenhum motivo para nos preocuparmos", disse Klaus. "Sanguessugas são animais muito pequenos. Se estivéssemos dentro d'água,

haveria o que temer, mas não acredito que elas ataquem um barco a vela. Além do mais, é bem possível que o Furacão Hermano as tenha afugentado para longe de seu território. Aposto como as sanguessugas do lago não vão nem aparecer." Klaus pensou que não teria mais o que dizer depois disso, mas no instante seguinte acrescentou outra frase: "É falar do diabo...". Usa-se essa expressão quando se está falando de alguma coisa e, em seguida, essa coisa aparece (a expressão completa é: "É falar do diabo, que ele aparece"). Por exemplo, se você estivesse num piquenique e dissesse: "Espero que não chova", e logo depois caísse a maior chuva, seria o caso de você dizer: "É falar do diabo..." antes de recolher a toalha e a salada de batatas, pôr tudo no carro e se mandar para um bom restaurante. No caso dos órfãos Baudelaire, tenho certeza de que vocês podem adivinhar o que aconteceu e levou Klaus a usar essa expressão.

"É falar do diabo...", disse Klaus, olhando para dentro das águas do lago. Das obscuras profundezas, irromperam umas formas magrinhas se agitando para o alto; quase não dava para vê-las ao luar. As formas eram pouco maiores que um dedo, e à primeira vista se podia supor que alguém que nadava no lago estava tamborilando com os dedos na superfície da água. Mas a maioria das pessoas tem apenas dez dedos, e nos poucos minutos que se seguiram havia centenas dessas formas minúsculas, agitando-se famintas para o alto, de todos os lados do barco. As sanguessugas do lago produziam sussurros em surdina na água quando nadavam, como se os órfãos Baudelaire estivessem cercados por pessoas que murmurassem segredos terríveis. As crianças olhavam em silêncio o bando se aproximar do barco, cada sanguessuga marcando sua presença com leves esbarrões no casco. As minibocas das sanguessugas se contraíam de decepção a cada tentativa de provar o sabor do barco. Sanguessugas são cegas, mas não são idiotas, e as sanguessugas do lago sabiam muito bem que não estavam comendo banana.

"Estão vendo?", disse Klaus, nervoso, enquanto prosseguiam os leves impactos no casco. "Não há o menor risco."

"É", disse Violet. Ela não tinha tanta certeza de que não havia o menor risco, mas parecia que o melhor era dizer a tia Josephine que não havia o menor risco. "Não há o menor risco", disse.

O som continuado dos esbarrões foi se tornando mais pesado e mais alto. A frustração é um estado emocional interessante, porque tende a fazer surgir o que há de pior no frustrado. Bebês frustrados tendem a atirar comida e fazer sujeira.

Cidadãos frustrados tendem a executar reis e rainhas e criar uma democracia. E mariposas frustradas tendem a se jogar contra as lâmpadas e empoeirar os acessórios de iluminação. Mas, diversamente dos bebês, dos cidadãos e das mariposas, as sanguessugas já são por si sós desagradáveis. E agora que as sanguessugas do lago estavam ficando frustradas, todos a bordo do barco estavam ansiosos para ver o que aconteceria quando a frustração fizesse surgir o que havia de pior nas sanguessugas. Por algum tempo, as criaturinhas tentaram e tentaram comer a madeira, mas o máximo que seus dentes minúsculos conseguiam era produzir aquele som desagradável dos impactos no casco. Até que de repente, todas de uma vez, as sanguessugas desistiram, e os Baudelaire viram o bando se contorcer para se afastar do barco.

"Estão indo embora", disse Klaus, esperançoso, mas elas não estavam indo embora. Assim que as sanguessugas alcançaram uma distância considerável, subitamente deram meia-volta e arremeteram com todo o ímpeto contra o barco. Com um violento tuac!, chocaram-se todas mais ou menos ao mesmo tempo no casco, fazendo o barco balançar perigosamente, isto é, de um modo que quase levou a vida de tia Josephine e dos jovens Baudelaire a um desfecho cruel. Os quatro passageiros foram sacudidos para a frente e para trás, e faltou pouco para caírem nas águas do lago, onde as sanguessugas mais uma vez se contorciam, preparando-se para um novo ataque.

"Iadec!", gritou Sunny, e apontou para um dos flancos do barco. "Iadec", é claro, não é gramaticalmente correto, mas até mesmo tia Josephine entendeu que a caçula dos Baudelaire queria dizer: "Vejam só a rachadura que as sanguessugas fizeram no barco!". A rachadura era pequena, do comprimento de um lápis e da largura de um fio de cabelo humano, e se curvava para baixo de tal maneira que parecia que o barco franzia a cara para eles. Se as sanguessugas continuassem batendo naquele flanco do barco, o franzimento ia se alastrar cada vez mais.

"Temos que velejar muito mais depressa", disse Klaus, "ou este barco vai se desmantelar."

"Mas velejar depende do vento", observou Violet. "Não temos como fazer o vento ir mais depressa."

"Estou com medo!", gritou tia Josephine. "Por favor, não me joguem do barco!"

"Ninguém vai jogá-la do barco!", disse Violet, impaciente, embora eu lamente

ter que dizer a vocês que Violet estava enganada a esse respeito. "Pegue um remo, tia Josephine. Klaus, pegue o outro. Se usarmos a vela, a cana do leme e os remos, certamente iremos mais depressa."

Tuac! As sanguessugas do lago acertaram um dos flancos do barco, aumentando a rachadura e balançando outra vez a embarcação. Uma das sanguessugas foi lançada, com o impacto, por cima de uma das bordas, e ficou se mexendo de um lado para outro no chão, exibindo seus dentinhos enquanto procurava por comida. Com uma careta, Klaus foi cautelosamente até onde ela estava e tentou atirá-la do barco com um pontapé, mas ela se grudou no sapato dele e começou a devorar o couro. Com um grito de repugnância, Klaus sacudiu a perna, e a sanguessuga foi atirada ao chão do barco novamente, esticando seu mínimo pescoço e abrindo e fechando a boca. Violet pegou a vara comprida com a rede de pesca na ponta, recolheu a sanguessuga e a arremessou no lago.

Tuac! A rachadura aumentou o suficiente para que um pouco de água começasse a escorrer para dentro do barco, formando uma pequena poça no chão.

"Sunny", disse Violet, "fique de olho nessa poça. Quando ela crescer, use o balde para despejar a água de volta no lago."

"Mofi!", gritou Sunny, querendo dizer: "Farei isso com certeza!". Seguiu-se o som de sussurros das sanguessugas tomando distância do barco para uma nova investida. Klaus e tia Josephine começaram a remar com toda a força que tinham, enquanto Violet controlava a vela com uma das mãos e mantinha a rede de pesca na outra para o caso de mais sanguessugas entrarem na embarcação. Tuac! Tuac!Agora eram dois sons fortes, um num dos flancos do barco e outro no fundo, que rachou imediatamente. As sanguessugas estavam divididas em dois grupos, o que é bom quando se está a fim de jogar futebol, mas ruim quando se está sendo atacado. Tia Josephine soltou um grito de terror. Agora, a água estava penetrando no barco por dois lugares, e Sunny abandonou a cana do leme para baldear a água para o lago. Klaus parou de remar e levantou o remo com a pá para cima, sem dizer nada. A pá estava coberta de marcas de pequenas dentadas, efeito da ação das sanguessugas do lago.

"Remar não vai mais adiantar", comunicou ele a Violet, solenemente. "Se continuarmos, esses remos serão inteiramente comidos." Violet olhou para Sunny, que se arrastava para lá e para cá com o balde cheio d'água. "De qualquer maneira, nem é mais o caso", disse. "Este barco está afundando. Precisamos de

ajuda."

Klaus olhou para as águas escuras e calmas em volta, desertas, a não ser pelo barco a vela e o bando de sanguessugas. "Onde vamos conseguir ajuda no meio de um lago?", perguntou.

"Vamos ter que fazer sinais pedindo socorro", disse Violet, e enfiou a mão no bolso, de onde tirou uma fita. Estendendo a Klaus a rede de pesca, prendeu o cabelo com a fita, para não atrapalhar sua visão. Klaus e Sunny ficaram olhando para ela na maior expectativa, pois sabiam que Violet só prendia o cabelo dessa maneira quando estava pensando em alguma invenção, e naquele exato momento eles precisavam desesperadamente de uma invenção.

"É isso mesmo", disse tia Josephine para Violet, "feche os olhos. É o que eu faço quando estou com medo, e pôr o medo para fora sempre me ajuda a me sentir melhor."

"Ela não está querendo pôr nada para fora", disse Klaus, contrariado. "Ela está se concentrando."

Klaus tinha razão. Violet se concentrou o máximo possível, escavando o cérebro atrás de uma boa maneira de sinalizar um pedido de socorro. Lembrou dos alarmes de incêndio. Com suas luzes piscando e sirenes estridentes, os alarmes de incêndio eram uma forma excelente de sinalizar um pedido de socorro. Ainda que, é claro, os órfãos Baudelaire soubessem tristemente que às vezes os carros de bombeiros chegavam tarde demais para salvar a vida das pessoas, o alarme de incêndio não deixava de ser uma boa invenção, e Violet tentou pensar como poderia imitá-lo usando os materiais que tinha à sua volta. Precisava produzir um som forte para chamar a atenção de alguém. E precisava produzir uma luz intensa para que esse alguém soubesse onde eles estavam.

Tuac! Tuac! Os dois grupos de sanguessugas voltaram a se chocar contra o barco, e o som de mais água se infiltrando nas rachaduras se fez ouvir. Sunny começou a encher o balde, mas Violet se abaixou e o tomou das mãos dela. "Biro?", gritou Sunny, querendo dizer: "Está maluca?", mas Violet não teve tempo de responder: "Não, na verdade, não". Por isso, respondeu apenas: "Não", e segurando o balde numa das mãos, começou a subir no mastro. Já é bastante difícil subir no mastro de um barco, mas fica três vezes mais difícil se o barco está sendo balançado por um bando de sanguessugas famintas, de modo que,

permitam-me avisá-los, esta é outra coisa que não devem tentar fazer em nenhuma circunstância. Mas Violet Baudelaire era uma Wunderkind, palavra alemã que aqui quer dizer "alguém capaz de subir rapidamente em mastros de barcos que estão sendo atacados por sanguessugas", e em pouco tempo ela estava no topo do mastro oscilante do barco. Pegou o balde e o pendurou pela alça na ponta do mastro, e o balde ficou balançando para lá e para cá, como faria um sino numa torre.

"Não quero interrompê-la, Violet", gritou Klaus, recolhendo na rede de pesca uma sanguessuga furiosa e atirando-a o mais longe que pôde, "mas este barco está afundando mesmo. Por favor, apresse-se."

Violet se apressou. Mais que depressa, agarrou-se a um canto da vela e, respirando fundo para se preparar, pulou para o chão do barco. Como ela esperava, a vela se rasgou com o pulo, amortecendo sua queda e deixando-a com um grande pedaço de pano rasgado nas mãos. A essa altura, a embarcação estava inundada, e Violet abriu caminho na água para chegar até tia Josephine, desviando-se das muitas sanguessugas que Klaus expulsava do barco com a máxima presteza possível.

"Preciso do seu remo", disse Violet, fazendo uma bola com o pedaço da vela, "e da sua rede de cabelo."

"Pode ficar com o remo", disse tia Josephine, estendendo-o. "Mas a rede vai me fazer falta. Sem ela, o meu coque despenca."

"Dê logo a rede para ela!", gritou Klaus, ficando numa perna só sobre um dos bancos, para fugir de uma sanguessuga que tentava morder seu joelho.

"Mas tenho medo que o cabelo cubra meu rosto!", choramingou tia Josephine, bem no momento em que outro par de tuacs atingiu o barco.

"Não tenho tempo para discutir com você!", gritou Violet. "Estou tentando salvar nossas vidas! Me dê essa rede imediatamente!"

"O correto", disse tia Josephine, "é dizer 'dê-me', e não 'me dê'", mas Violet já não tinha paciência para ouvi-la. Esparramando água para todo lado e evitando um par de sanguessugas agitadas, a mais velha dos Baudelaire estendeu a mão e arrancou a rede da cabeça de tia Josephine. Envolveu com a rede o pedaço amarrotado da vela, pegou a vara de pescar e prendeu a bola de pano no anzol

afiado. Parecia que ela ia tentar pescar algum tipo de peixe que gostava de se alimentar de barcos a vela e acessórios para o cabelo.

Tuac! Tuad! O barco adernou para um lado, depois para o outro. As sanguessugas quase haviam conseguido destruir o que restava da madeira do flanco do barco. Violet pegou o remo e começou a esfregá-lo para cima e para baixo na borda da embarcação, com o máximo possível de força e velocidade.

"O que está fazendo?", perguntou Klaus, apanhando três sanguessugas com um único movimento da rede.

"Estou tentando criar atrito", disse Violet. "Se conseguir esfregar um pedaço de madeira em outro com força e rapidez suficientes, criarei atrito. O atrito cria centelhas. Assim que obtiver uma centelha, vou pôr fogo no pano e na rede de cabelo, e usar isso como sinal."

"Você quer provocar um incêndio?", gritou Klaus. "Mas um incêndio significa ainda mais perigo."

"Não se eu acenar com o fogo acima de minha cabeça, usando a vara de pescar", disse Violet. "Farei isso e baterei no balde como se fosse um sino: é um sinal de alarme que deve funcionar para conseguirmos socorro." Esfregou insistentemente o remo no flanco do barco, mas não surgiu nenhuma centelha. A triste realidade é que a madeira ficara úmida demais sob a ação do Furacão Hermano e do Lago Lacrimoso, e não permitia que se criasse atrito suficiente para o fogo começar. Era uma boa idéia, mas Violet se convenceu, à medida que esfregava sem resultado, de que era a idéia errada. Tuac! Tuac! Violet olhou de relance para tia Josephine e para os irmãos apavorados, e sentiu a esperança se escoar de seu coração tão rapidamente quanto a água penetrava no barco. "Não está funcionando", disse, na maior tristeza, e lágrimas rolaram no rosto dela. Pensou na promessa que havia feito aos pais, pouco antes de eles morrerem na catástrofe, de que sempre cuidaria de seus irmãos menores. Sanguessugas aos montes invadiam o barco que naufragava, e Violet temia não ter sido capaz de cumprir a promessa. "Não está funcionando", repetiu, e, desesperada, deixou o remo cair. "Precisamos de fogo, mas não dá para inventar um jeito de consegui-lo."

"Tudo bem", disse Klaus, embora nada estivesse bem. "Vamos pensar num jeito."

"Tintet", disse Sunny, querendo dizer: "Não chore, você se esforçou ao máximo", ou algo no gênero, mas Violet chorou assim mesmo. É muito fácil dizer que o importante é se esforçar ao máximo, mas quando se está numa situação de perigo, o mais importante não é se esforçar ao máximo, e sim salvar-se. O barco balançava para a frente e para trás, a água penetrava pelas rachaduras, e Violet chorava porque tudo levava a crer que eles nunca se salvariam. Com os ombros sacudidos pelos soluços, ela pegou a luneta para ver se por acaso não havia uma embarcação nas proximidades, ou se o fluxo das águas não levara o barco para junto da margem. Mas tudo o que viu foi o luar se refletindo nas águas encrespadas do lago. Essa foi a sua sorte. Pois, ao ver o reflexo tremulante, lembrou-se dos princípios científicos da convergência e refração da luz.

Os princípios científicos da convergência e refração da luz são muito complicados, e para ser franco, não os entendo bem, nem mesmo quando meu amigo dr. Lorenz os explica para mim. Mas Violet os entendia perfeitamente. No mesmo instante pensou numa história que seu pai lhe contara havia muito tempo, quando ela estava começando a se interessar por ciência. No tempo em que seu pai era garoto, ele andava com uma prima detestável que gostava de queimar formigas e que acendia o fogo concentrando o foco da luz do sol com sua lupa. Queimar formigas, não resta dúvida, é um passatempo abominável — a palavra abominável está. aqui usada com o sentido de "habitual do conde Olaf quando ele tinha mais ou menos a idade de vocês"

—, mas ao lembrar da história, Violet se deu conta de que poderia usar a lente da luneta para concentrar o foco do luar e fazer fogo. Sem perda de tempo, segurou a luneta e retirou a lente; em seguida, erguendo os olhos para a lua, deu à lente um ângulo de inclinação que ela rapidamente calculou de cabeça. O luar atravessou a lente e se concentrou numa longa e fina faixa de luz, que, como um fio brilhante, passou a fazer a ligação diretamente com o pedaço da vela preso em forma de bola na rede de cabelo de tia Josephine. Num instante, o fio de luz provocou uma pequena chama.

"Milagre!", gritou Klaus, quando a chama se firmou.

"Incrível!", gritou tia Josephine.

"Fonti!", berrou Sunny.

"São os princípios científicos da convergência e refração da luz!", gritou Violet,

enxugando os olhos. Andando com todo o cuidado para evitar as sanguessugas que se achavam a bordo e para evitar também que o fogo se apagasse, deslocou-se até a frente do barco. Com uma das mãos, pegou o remo e bateu com ele no balde, produzindo um som bem forte para chamar a atenção de alguém. Com a outra mão, levantou bem alto a vara de pescar, exibindo um ponto de luz que permitiria à pessoa que tivesse ouvido o som localizá-los. Violet ergueu os olhos e ficou observando por um tempo o seu sinal de pedido de socorro de fabricação caseira que finalmente pegara fogo graças a uma história boba contada anos atrás pelo pai dela. A queimadora de formigas, prima do pai, parecia ser uma pessoa terrível, mas se ela de repente aparecesse ali no barco, receberia de Violet um belo abraço de gratidão. Com o desenrolar da história, entretanto, revelou-se que esse sinal de pedido de socorro tinha sido uma bênção "de dois gumes", digamos assim: algo que é metade bom, metade ruim. Alguém viu o sinal quase imediatamente, alguém que já estava velejando no lago, e no mesmo instante tomou o rumo do barco dos Baudelaire. Violet, Klaus, Sunny e até mesmo tia Josephine, todos estamparam um enorme sorriso no rosto ao ver outro barco aparecer no horizonte e vir em sua direção. Eles estavam sendo salvos, e essa era a metade boa. Mas seus sorrisos começaram a murchar à medida que o barco se aproximava e eles perceberam quem se encontrava nele. Tia Josephine e os órfãos viram a perna de pau, o gorro azul de marinheiro e a venda no olho, e descobriram quem vinha socorrê-los. Claro que era o capitão Sham, provavelmente a pior metade que havia no mundo.



CAPÍTULO

Doze "Bem-vindos a bordo", disse o capitão Sham, com um sorriso malvado que deixava ver seus dentes repulsivos. "Fico feliz por encontrá-los. Pensei que tivessem morrido quando a casa da velha desmoronou morro abaixo, mas ainda bem que meu sócio me contou que vocês haviam roubado um barco e fugido. E quanto a você, Josephine, achei que tinha tido mesmo o bom senso de pular da janela."

"Tentei fazer o que me ditava o bom senso", disse tia Josephine com amargura. "Mas essas crianças vieram e me pegaram." O capitão Sham sorriu. Com extrema habilidade, ele havia manobrado sua embarcação para encostá-la no barco roubado pelos Baudelaire, e assim tia Josephine e as crianças puderam passar por cima das sanguessugas e efetuar o transbordo. Com um gorgolejante uooouch! o barco abandonado foi engolido pelas águas e rapidamente afundou nas profundezas do lago. As sanguessugas acorreram aos montes ao barco que naufragava, rilhando os dentinhos de frustração. "Vocês não vão agradecer, órfãos?", perguntou o capitão Sham, apontando para o redemoinho no lugar onde o barco acabara de afundar. "Se não fosse eu, a esta hora vocês todos estariam em pedaços nos estômagos dessas sanguessugas."

"Se não fosse você", disse Violet, desafiadora, "antes de mais nada não estaríamos no Lago Lacrimoso."

"A culpa é da velha", disse ele, apontando para tia Josephine. "Forjar a própria morte foi um lance de esperteza, mas nem tanto. A fortuna dos Baudelaire e, infelizmente, os fedelhos que vêm junto com ela agora me pertencem."

"Não seja ridículo", disse Klaus. "Não pertencemos a você, nem pertenceremos nunca. Quando contarmos ao sr. Poe o que aconteceu, ele o porá na cadeia."

"É mesmo?", disse o capitão Sham, fazendo o barco dar meia-volta e seguir em direção ao Cais de Dâmocles. Seu único olho visível brilhava intensamente, como se ele estivesse contando uma piada. "Quer dizer que o sr. Poe vai me pôr na cadeia, é? Que nada! Neste momento o sr. Poe está dando os retoques finais nos documentos da adoção de vocês. Daqui a poucas horas, vocês, órfãos, serão Violet, Klaus e Sunny Sham."

"Neirrá!", gritou Sunny, querendo dizer: "Eu sou Sunny Baudelaire, e serei sempre Sunny Baudelaire, a não ser que eu própria resolva mudar legalmente meu nome!".

"Quando explicarmos que você forçou tia Josephine a escrever aquele bilhete", disse Violet, "o sr. Poe rasgará os documentos de adoção em mil pedaços."

"O sr. Poe não vai acreditar em vocês", disse o capitão Sham com uma risadinha de troça. "Por que iria acreditar em três moleques fujões que andam por aí roubando barcos?"

"Porque estamos dizendo a verdade!", gritou Klaus.

"Ah, a verdade", disse o capitão, com a mesma risadinha de troça. "Pois eu acho que, verdade por verdade, é mais provável que o sr. Poe acredite na verdade de um respeitável proprietário de barcos para alugar que atravessou o lago no meio de um furacão para salvar três míseros e ingratos ladrões de barco que afirmam estar dizendo a verdade."

"Só roubamos o barco", disse Violet, "para ir buscar tia Josephine em seu esconderijo e ela poder contar a todos o plano terrível de um respeitável proprietário de barcos para alugar."

"Mas ninguém vai acreditar na velha, também", disse o capitão Sham, perdendo a paciência. "Ninguém acredita numa morta."

"Você está cego dos dois olhos?", perguntou Klaus. "Tia Josephine não morreu!"

O capitão Sham sorriu mais uma vez e olhou para o lago. A poucos metros de distância, a superfície da água se encrespava com a movimentação das sanguessugas, que agora nadavam em direção ao barco do capitão Sham. Depois de haver dado busca em cada centímetro do barco roubado pelos Baudelaire sem encontrar comida alguma, as sanguessugas perceberam que haviam sido enganadas, e outra vez seguiam o cheiro de banana que continuava emanando de tia Josephine.

"Ainda não morreu", disse o capitão Sham com uma voz terrível, e deu um passo em direção a ela.

"Oh, não", disse tia Josephine. Seus olhos estavam esgazeados de medo.

"Não me jogue do barco", implorou. "Por favor!"

"Você não vai revelar o meu plano ao sr. Poe", disse o capitão Sham, dando mais

um passo em direção à mulher apavorada, "porque estará fazendo companhia a seu amado Belo no fundo do lago."

"Não, senhor! Não vai acontecer nada disso", disse Violet, agarrando uma corda. "Eu vou levar este barco até o cais, e nós vamos pisar em terra antes que você possa fazer qualquer coisa."

"E eu vou ajudá-la", disse Klaus, correndo para a parte de trás da embarcação e agarrando a cana do leme.

"Igal!", gritou Sunny, o que queria dizer: "E eu vou proteger tia Josephine!", ou algo do gênero. Ela engatinhou até a tutora dos Baudelaire, postou-se diante dela e mostrou os dentes para o capitão Sham.

"Prometo não contar nada ao sr. Poe!", disse tia Josephine, em desespero.

"Vou para algum lugar e me escondo, e nunca mais apareço! Pode dizer a ele que morri! Pode ficar com a fortuna! Pode ficar com as crianças! Mas não me atire às sanguessugas!"

Os Baudelaire olharam horrorizados para sua tutora. "Você deveria querer cuidar de nós", disse Violet, pasma, a tia Josephine, "e não querer se livrar de nós a qualquer preço!"

O capitão Sham hesitou por alguns momentos, durante os quais pareceu refletir sobre a proposta de tia Josephine. "Você tem razão", disse. "Não é necessário que eu a mate. Basta que as pessoas pensem que você morreu."

"Eu vou mudar de nome!", disse tia Josephine. "Vou tingir o cabelo! Vou usar lentes de contato coloridas! E vou para bem longe, mas muito longe mesmo! Ninguém nunca mais vai ouvir falar em mim!

"Mas e nós, tia Josephine?", perguntou Klaus, horrorizado. "O que vai ser de nós?"

"Cale a boca, órfão", disse o capitão brutalmente. As sanguessugas alcançaram o barco e começaram a dar seus esbarrões num dos flancos. "Não interrompa os adultos. Pois é, velha, eu gostaria de poder acreditar em você. Mas você não foi uma pessoa muito digna de confiança."

"Tem sido", corrigiu tia Josephine, enxugando uma lágrima no canto do olho.

"Quê?", perguntou o capitão Sham.

"Você cometeu um erro gramatical", disse tia Josephine. "Você disse: 'Mas você não foi uma pessoa muito digna de confiança', quando deveria ter dito: 'Mas você não tem sido uma pessoa muito digna de confiança'."

O olho brilhante do capitão Sham piscou, e sua boca se crispou num sorriso terrível. "Obrigado pela observação", disse, e deu um último passo em direção a tia Josephine. Sunny rosnou para ele; o capitão olhou para baixo e, com um rápido movimento da perna de pau, chutou Sunny para o outro extremo do barco. "Deixe-me ter certeza de que entendi bem a lição de gramática", disse à trêmula tutora dos Baudelaire, como se nada houvesse acontecido. "Você não diria: 'Josephine Anwhistle foi atirada às sanguessugas', porque seria incorreto. Mas se você dissesse: 'Josephine Anwhistle será atirada às sanguessugas', estaria cem por cento correto, não é?"

"Sim", disse tia Josephine. "Quer dizer, não. Quer dizer..." Mas tia Josephine nunca chegou a dizer o que queria dizer. O capitão Sham a encarou e, usando ambas as mãos, empurrou-a por cima do flanco do barco. Com um grito sufocado na garganta e um grande esparrame de água, Josephine Anwhistle caiu no Lago Lacrimoso.

'"Tia Josephine?', gritou Violet. "Tia Josephine!" Klaus se debruçou sobre o flanco do barco e estendeu a mão o mais longe que pôde. Graças a seus dois coletes salva-vidas, tia Josephine flutuava na água e acenava com as mãos no ar enquanto as sanguessugas nadavam em direção a ela. Mas o capitão Sham já puxava as cordas da vela, e Klaus não conseguiu alcançá-la.

"Seu demôniol", gritou ele para o capitão Sham. "Seu demônio do inferno!"

"Isso não é maneira de falar com seu pai", disse o capitão tranqüilamente. Violet tentou arrancar uma das cordas que o capitão Sham segurava. "Faça o barco voltar!", gritou ela. "Dê meia-volta com o barco!"

"Nem pensar", respondeu ele, sem se alterar. "Dêem adeus à velha, órfãos. Vocês nunca mais irão vê-la."

Klaus se debruçou, esticando o tronco até onde era possível. "Tenha calma, tia

Josephine!", gritou para ela, mas sua voz revelava que ele próprio não estava nem um pouco calmo. O barco já se afastara consideravelmente de tia Josephine, e a única coisa que ainda dava para os órfãos verem era o branco das mãos dela acenando acima da superfície escura do lago.

"Ela tem chance", disse Violet em voz baixa para Klaus, enquanto o barco tomava o rumo do cais.

"Está com aqueles dois coletes salva-vidas e é uma nadadora resistente."

"É verdade", disse Klaus, com voz vacilante e triste. "Morou a vida inteira junto ao lago. É bem capaz que ela encontre uma saída."

"Legru", disse Sunny em voz baixa, o que significava: "Só nos resta ter esperança".

Os três órfãos se abraçaram bem apertado, tremendo de frio e de medo, enquanto o capitão Sham cuidava sozinho de manejar a vela. Eles não ousavam fazer nada, a não ser ter esperança. Seus sentimentos com relação a tia Josephine eram por demais confusos. Na verdade, os Baudelaire não tinham gostado da maior parte do tempo que passaram com ela — não porque ela preparasse aquelas horríveis refeições frias, nem porque lhes desse presentes de que eles não gostavam, nem porque estivesse sempre corrigindo a gramática das crianças, mas porque tinha um medo tão grande de tudo, que era impossível para ela gostar de qualquer coisa. E o pior foi que o medo de tia Josephine fez dela uma péssima tutora. Espera-se de uma tutora que fique do lado das crianças e cuide da segurança delas, mas tia Josephine fugiu ao primeiro sinal de perigo. Espera-se de uma tutora que ajude as crianças em momentos difíceis, mas tia Josephine praticamente teve que ser arrastada da Gruta do "P" quando os órfãos precisaram dela. E espera-se de uma tutora que proteja as crianças do perigo, mas tia Josephine ofereceu os garotos ao capitão Sham em troca de sua própria segurança.

No entanto, apesar de todas as falhas de tia Josephine, os órfãos tinham carinho por ela. Ela lhes ensinara muitas coisas, ainda que em sua maioria fossem chatas. Dera um lar para eles, ainda que frio e incapaz de resistir a furacões. E as crianças sabiam que tia Josephine, da mesma forma que os próprios Baudelaire, passara por experiências terríveis. Assim, quando perderam de vista sua tutora, e as luzes do Cais de Dâmocles foram ficando cada vez mais próximas, Violet,

Klaus e Sunny não pensaram em tia Josephine com pouco-caso. Pensaram: "Esperamos que tia Josephine se salve".

O capitão Sham conduziu o barco até a margem e o amarrou com habilidade no cais. "Venham, idiotinhas", disse, e levou os Baudelaire até o alto portão com grades de ferro e proteções pontiagudas na parte de cima. Perto do portão, o sr. Poe esperava com o lenço na mão e uma expressão de alívio no rosto. Junto ao sr. Poe, estava a criatura encouraçada, que os encarou com ar de triunfo.

"Vocês estão salvos!", disse o sr. Poe. "Graças a Deus! Ficamos tão preocupados com vocês! Quando o capitão Sham e eu chegamos à casa da sra. Anwhistle e vimos que a construção havia despencado e caído no lago, nós os demos por perdidos!"

"A sorte foi meu sócio ter me contado que eles tinham roubado um barco", disse o capitão Sham ao sr. Poe. "O barco foi praticamente destruído pelo Furacão Hermano e por um bando de sanguessugas. Salvei-os na hora exata."

"Nada disso!", gritou Violet. "Ele jogou tia Josephine no lago! Temos que voltar lá para salvá-la!"

"As crianças estão abaladas e confusas", disse o capitão Sham, com o olho brilhando. "Na qualidade de pai delas, acho que estão precisando de uma boa noite de sono."

"Ele não é nosso pai!", gritou Klaus. "É o conde Olaf, e é um assassino! Por favor, sr. Poe, avise a polícia! Temos que salvar tia Josephine!"

"Meu Deus", disse o sr. Poe, tossindo no lenço. "Você está realmente confuso, Klaus! Esqueceu-se de que sua tia Josephine morreu? Ela se jogou pela janela."

"Nada disso", disse Violet. "Seu bilhete de suicida tinha nas entrelinhas uma mensagem secreta que Klaus decifrou. Ela dizia: GRUTA DO 'p'. Na verdade, dizia: PGRUTA. Mas estava nessa ordem porque a primeira letra era de uma palavra colocada logo no início para chamar nossa atenção."

"Isso que vocês estão dizendo não tem o menor sentido", disse o sr. Poe.

"Que mensagem secreta é essa? Que gruta é essa?"

"Klaus", disse Violet, "mostre o bilhete para o sr. Poe."

"Vocês podem mostrar o bilhete para ele amanhã de manhã", disse o capitão Sham, num tom falsamente apaziguador. "Estão precisando de uma boa noite de sono. Meu sócio vai levá-los até o meu apartamento, enquanto eu fico aqui e termino de ver a papelada de adoção com o sr. Poe."

"Mas...", disse Klaus.

"Nem mas, nem meio mas", disse o capitão Sham. "Vocês estão muito transtornados, palavra que significa 'abalados'."

"Eu sei o que significa", disse Klaus.

"Por favor, escute-nos", implorou Violet ao sr. Poe. "É questão de vida ou morte. Por favor, dê só uma olhada no bilhete."

"Vocês podem mostrar o bilhete para ele", disse o capitão Sham, elevando a voz com irritação, "amanhã de manhã. Agora, façam o favor de acompanhar meu sócio até a minha minivan e ir direto para a cama."

"Um momento, capitão Sham", disse o sr. Poe. "Se negar-lhes isso é motivo de tão grande contrariedade para as crianças, darei uma olhada no bilhete. É coisa de um instante."

"Obrigado", disse Klaus com alívio, e enfiou a mão no bolso para pegar o bilhete. Mas tão logo meteu a mão lá dentro, a decepção transpareceu em seu rosto, e tenho certeza de que vocês já adivinharam por quê. Quando alguém guarda um pedaço de papel no bolso, e em seguida fica encharcado, o pedaço de papel, por mais importante que seja, vira um lixo pegajoso. Klaus puxou do bolso a paçoca úmida, e os órfãos olharam para o que restava do bilhete de tia Josephine. Mal dava para perceber que aquilo havia sido um pedaço de papel, quanto mais ler o bilhete ou deduzir o segredo que ele continha.

"Isto era o bilhete", disse Klaus, estendendo-o para o sr. Poe. "Você terá que confiar na nossa palavra: tia Josephine ainda estava viva."

"E pode ser que ela ainda esteja viva!", gritou Violet. "Por favor, sr. Poe, mande alguém ir salvá-la!"

"Ah, meus filhos", disse o sr. Poe. "Vejo que estão muito tristes e preocupados. Mas não precisam se preocupar mais. Sempre prometi que olharia por vocês, e acho que o capitão Sham irá criá-los melhor do que ninguém. Tem uma profissão estável e não me parece ser do tipo de pessoa que se joga pela janela. E é óbvio que tem o maior carinho por vocês: meu Deus, ele enfrentou sozinho um furacão para procurá-los!"

"A única coisa que interessa a ele", disse Klaus amargamente, "é nossa fortuna."

"Ah, não, isso não é verdade", disse o capitão Sham. "Não quero um centavo da fortuna de vocês. Exceto o que me devem, é claro, como indenização pela perda de meu barco, que vocês roubaram e destruíram."

O sr. Poe franziu a testa e tossiu no lenço. "Bem, não deixa de ser uma reivindicação surpreendente", disse, "mas acho que isso pode ser resolvido. Agora, crianças, façam o favor de ir para seu novo lar, enquanto acerto os detalhes finais com o capitão Sham. Quem sabe amanhã não dá tempo de tomarmos o café da manhã juntos, antes de eu voltar para a cidade?"

"Por favor", gritou Violet. "Por favor, escute o que temos para dizer..."

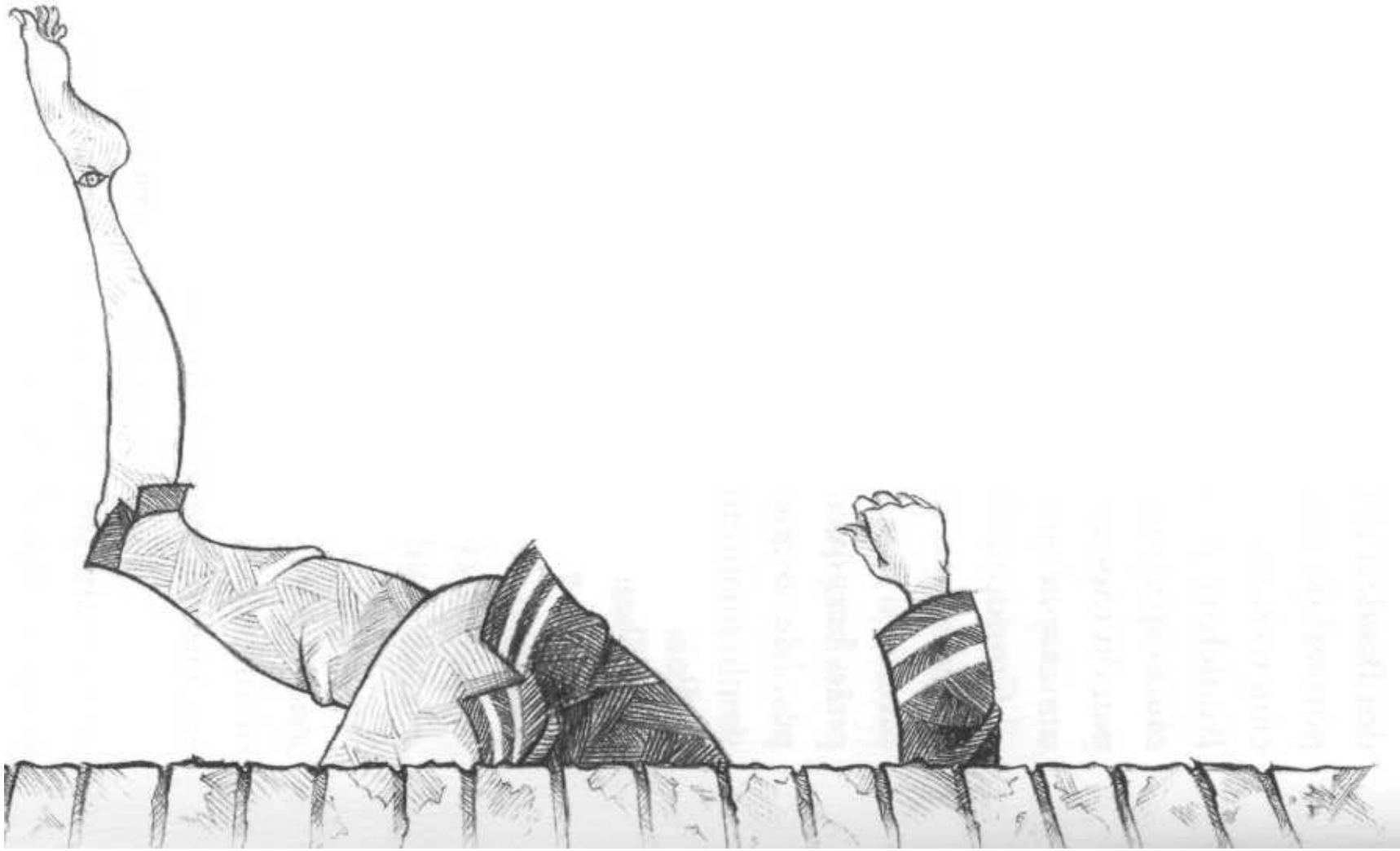
"Por favor", gritou Klaus. "Por favor, acredite em nós... Sunny não disse nada. Sunny não dizia nada fazia muito tempo, e se seus irmãos não estivessem tão ocupados em tentar convencer o sr. Poe a ouvi-los, teriam notado que ela nem sequer se interessara pelo que eles conversavam. Durante toda a conversa, Sunny ficou olhando fixo para a frente, e, para um bebê, "olhar para a frente" significa "olhar para as pernas das pessoas". A perna para a qual ela olhava era a do capitão Sham. Não olhava para sua perna direita, que era perfeitamente normal, mas para sua perna de pau. Ela olhava para o toco de madeira escura envernizada fixado no joelho esquerdo do capitão por uma dobradiça curva de metal. Era para isso que Sunny olhava, e refletia, muito concentrada. Pode ser que vocês fiquem surpresos ao saber que nesse momento Sunny se assemelhava ao famoso conquistador grego Alexandre, o Grande. Alexandre, o Grande, viveu há mais de dois mil anos, e seu sobrenome não era na verdade "o Grande". "O Grande" era como ele exigia que as pessoas o chamassem depois que chegava nas terras delas com uma leva de soldados e se proclamava rei. Além de invadir os países de outras pessoas e forçá-las a fazer o que ele mandava, Alexandre, o Grande, ficou famoso por uma coisa chamada "nó górdio". O nó górdio era um nó que um rei chamado Górdio fez com grande habilidade num pedaço de corda.

Górdio disse que se Alexandre fosse capaz de desatá-lo, poderia governar o reino inteiro. Mas Alexandre, que era ocupado demais com a conquista de lugares e portanto não tinha tempo para aprender a desatar nós, simplesmente puxou sua espada e cortou o nó górdio no meio. Foi uma trapaça, não resta dúvida, mas Alexandre tinha soldados demais para Górdio ousar discutir, e breve todo mundo em Górdio teve que fazer reverências a Você-Sabe-Quem, o Grande. Desde então, pode-se chamar um problema difícil de "um nó górdio", e se alguém resolve o problema de maneira simples — ainda que brutal —, diz-se que ele está cortando o nó górdio.

O problema que os órfãos Baudelaire estavam enfrentando poderia certamente ser chamado de um nó górdio, porque parecia impossível resolvê-lo. O

problema, claro, era que o abominável plano do capitão Sham estava prestes a dar certo, e o modo de resolvê-lo era convencer o sr. Poe do que realmente estava acontecendo. Mas, tendo tia Josephine sido atirada no lago e tendo o seu bilhete virado um lixo pegajoso, Violet e Klaus não foram capazes de convencer o sr. Poe de coisa alguma. Sunny, no entanto, olhou para a perna de pau do capitão Sham e pensou num meio muito simples, ainda que brutal, de resolver o problema. Enquanto as pessoas mais altas discutiam e não prestavam nenhuma atenção em Sunny, a caçula dos Baudelaire engatinhou até chegar o mais perto possível da perna de pau, abriu a boca e mordeu com toda a força o objeto de sua atenção. Sorte dos Baudelaire que os dentes de Sunny eram afiados como a espada de Alexandre, o Grande, e a perna de pau do capitão Sham se partiu bem no meio com um craque! que fez todos olharem para baixo.

Como, tenho certeza, vocês já adivinharam, a perna de pau era falsa, e quando se partiu no meio revelou o que continha: a perna verdadeira do capitão, branquela e suarenta do joelho aos dedos dos pés. Mas o que atraiu o interesse de todos não foi nem o joelho nem os dedos dos pés. Foi o tornozelo. Pois ali, sobre a branquela e suarenta pele do capitão Sham, estava a solução do problema deles. Ao morder a perna de pau, Sunny cortou o nó górdio, pois quando os pedaços de madeira da perna falsa caíram no chão do Cais de Dâmocles, todos viram a tatuagem de um olho.





CAPÍTULO

Treze O sr. Poe ficou abismado. Violet ficou aliviada. Klaus ficou desoprimido, palavra elegante que quer dizer o mesmo que "aliviado" e que ele aprendeu num artigo de revista. Sunny ficou triunfante. A pessoa que não parecia nem homem nem mulher ficou desapontada. E o conde Olaf — que alívio poder chamá-lo por seu próprio nome — a princípio pareceu amedrontado, mas, num piscar de seu olho brilhante, operou a transformação que deu ao rosto dele um ar abismado como o do sr. Poe.

"Minha perna!", gritou o conde Olaf, com uma falsa alegria na voz.

"Cresceu-me uma nova perna! É incrível! Maravilhoso! É um milagre da medicina!"

"Ora, francamente", disse o sr. Poe, cruzando os braços. "Essa não pega. Até uma criança pode ver que sua perna de pau era falsa."

"Uma criança viu de fato", sussurrou Violet para Klaus. "Na verdade, três crianças viram."

"Tudo bem, digamos que minha perna de pau fosse mesmo falsa", admitiu o conde Olaf, recuando um passo. "Mas eu nunca tinha visto essa tatuagem em toda a minha vida."

"Ora, francamente", repetiu o sr. Poe. "Essa também não pega. O senhor tentou esconder a tatuagem com a perna de pau, mas agora podemos ver que o senhor é realmente o conde Olaf."

"Tudo bem, digamos que a tatuagem seja mesmo minha", admitiu o conde Olaf, recuando outro passo. "Mas não sou esse tal de conde Olaf. Sou o capitão Sham. Veja, tenho um cartão que confirma isso".

"Ora, francamente", disse mais uma vez o sr. Poe. "Essa não pega. Qualquer um pode ir a uma tipografia e encomendar cartões com os dizeres que bem entender."

"Tudo bem, digamos que eu não seja mesmo o capitão Sham", admitiu o conde Olaf, "mas as crianças, seja como for, me pertencem. Foi o que Josephine declarou."

"Ora, francamente", disse o sr. Poe pela quarta e última vez. "Essa não pega. A tia Josephine deixou as crianças para o capitão Sham, não para o conde Olaf. E o senhor é o conde Olaf, não o capitão Sham. De modo que as coisas voltaram ao princípio e cabe a mim decidir quem ficará com a guarda dos Baudelaire. Mandarei estas três crianças para algum outro lugar e, quanto ao senhor, eu o mandarei para a cadeia. É a última vez que comete as suas vilanias, Olaf. Você tentou roubar a fortuna dos Baudelaire casando-se com Violet. Você tentou roubar a fortuna dos Baudelaire assassinando o tio Monty."

"E este, agora", rosnou o conde Olaf, "foi o maior de todos os meus planos." Levou a mão até a venda e a arrancou — uma venda falsa, naturalmente, como a sua perna de pau; em seguida, fixou nos Baudelaire seu par de olhos brilhantes. "Não gosto de me vangloriar... na verdade, por que continuaria mentindo para vocês, seus bobos? Gosto, sim, de me vangloriar, e forçar aquela velha idiota a escrever aquele bilhete foi algo realmente digno de vanglória. Que boboca que Josephine era!"

"Ela não era nenhuma boboca!", gritou Klaus. "Era doce e delicada!"

"Doce?', repetiu o conde Olaf, com um sorriso horrível. "Bem, neste momento as sanguessugas do lago devem estar achando-a muito doce mesmo. Quem sabe, o mais doce café da manhã que elas já tomaram."

O sr. Poe franziu a testa e tossiu no lenço branco. "Basta dessa sua conversa revoltante, Olaf", disse com severidade. "Agora o pegamos, e você não terá como escapar. O Departamento de Polícia do Lago Lacrimoso vai ficar feliz por capturar um criminoso conhecido que é procurado por fraude, homicídio e ameaças a crianças."

"E incêndio criminoso", cantarolou o conde Olaf.

"Eu disse basta!", rosnou o sr. Poe. O conde Olaf, os órfãos Baudelaire e até mesmo a maciça criatura de sexo indefinido pareceram surpresos por ouvir o sr. Poe falar com tamanha severidade. "Você atormentou essas crianças pela última vez, e faço questão absoluta de que seja entregue às autoridades competentes. Não adiantará disfarçar-se. Não adiantará vir com mentiras. O fato é que não há nada que você possa fazer para mudar sua situação."

"É mesmo?", disse o conde Olaf, e seus lábios abjetos se encurvaram num sorriso. "Pois eu sei de uma coisa que posso fazer."

"O quê, exatamente?", perguntou o sr. Poe.

O conde Olaf olhou para cada um dos órfãos Baudelaire, sorrindo para eles como se fossem chocolatinhos que estivesse disposto a guardar para depois. Em seguida, sorriu para a maciça criatura de sexo indefinido e afinal, lentamente, sorriu para o sr. Poe. "Posso fugir", disse, e fugiu. Com a maciça criatura seguindo com dificuldade atrás dele, disparou na direção do pesado portão de ferro.

"Volte aqui!", gritou o sr. Poe. "Volte aqui, em nome da lei! Volte aqui, em nome da justiça e da moral! Volte aqui, em nome da Administração de Multas!"

"Não basta ficarmos gritando", gritou Violet. "Vamos logo! Temos que ir atrás deles!"

"Não vou permitir que crianças saiam em perseguição a um homem como esse", disse o sr. Poe. E tornou a gritar: "Parem, estou mandando! Nem mais um passo!".

"Não podemos deixar que escapem!", gritou Klaus. "Vamos, Violet! Vamos, Sunny!"

"Não, não, isso não é trabalho para crianças!", disse o sr. Poe. "Espere aqui com suas irmãs, Klaus. Vou pegá-los. Eles não escaparão do sr. Poe. Ei, vocês aí!

Parem!"

"Mas não podemos ficar esperando aqui!", gritou Violet. "Temos que sair num barco e procurar tia Josephine! Talvez ela ainda esteja viva!"

"Vocês, órfãos Baudelaire, estão sob minha guarda", disse o sr. Poe com firmeza. "Não permitirei que crianças pequenas saiam velejando desacompanhadas."

"Mas se não tivéssemos velejado desacompanhados", observou Klaus, "a esta hora estaríamos nas garras do conde Olaf!"

"Isso não vem ao caso", disse o sr. Poe, e começou a andar apressadamente na direção do conde Olaf e da criatura. "O caso é..." Mas as crianças não conseguiram ouvir qual era o caso, com o fortíssimo plam! que fez o alto portão de ferro ao bater. A criatura bateu o portão bem no momento em que o sr. Poe

estava prestes a alcançá-lo.

"Pare imediatamente!", ordenou o sr. Poe, gritando para o outro lado do portão. "Volte aqui, seu monstro desagradável!" Tentou abrir o portão, mas verificou que estava trancado. "Está trancado!", gritou para as crianças. "Onde fica a chave?

Precisamos encontrar a chave!"

Os Baudelaire correram para o portão, mas pararam ao ouvir o som de algo tilintando. "A chave está comigo", disse a voz do conde Olaf, do outro lado do portão.

"Mas não se preocupem. Breve nos veremos, órfãos. Muito breve."

"Abram este portão imediatamente!", gritou o sr. Poe, mas é claro que ninguém abriu o portão. Ele o sacudiu e sacudiu, mas o portão de ferro com sua coroa de proteções pontiagudas jamais se abriu. O sr. Poe foi correndo para uma cabine telefônica e ligou para a polícia, mas as crianças sabiam que quando o socorro policial chegasse, o conde Olaf já teria desaparecido. Sentindo-se inteiramente exaustos e mais do que inteiramente infelizes, os órfãos Baudelaire se deixaram cair no chão, sentando-se melancolicamente no mesmo lugar em que os encontramos no começo desta história.

No primeiro capítulo, vocês devem estar lembrados, os Baudelaire estavam sentados sobre suas malas, esperançosos de que a vida deles estivesse prestes a se tornar um pouco melhor, e eu bem que gostaria de poder dizer a vocês, agora que chegamos ao fim da história, que foi de fato o que aconteceu. Gostaria de poder escrever que o conde Olaf foi capturado em sua tentativa de fuga, ou que tia Josephine nadou até o Cais de Dâmocles, tendo escapado milagrosamente das sanguessugas. Mas não foi o que aconteceu. Quando as crianças sentaram no chão molhado, o conde Olaf já se achava no meio da travessia do lago, e logo estaria a bordo de um trem, disfarçado de rabino para enganar a polícia, e lamento dizer a vocês que ele já começava a bolar um novo plano para roubar a fortuna dos Baudelaire. Quanto a tia Josephine, nunca poderemos saber exatamente o que estava acontecendo com ela quando as crianças sentaram no cais, impotentes para ajudá-la, mas posso dizer a vocês que finalmente — na época em que os órfãos Baudelaire foram forçados a entrar para um internato — dois pescadores encontraram ambos os coletes salva-vidas de tia Josephine, em frangalhos, flutuando soltos nas águas tenebrosas do Lago Lacrimoso.

Na maioria das histórias, como vocês sabem, o vilão seria derrotado, haveria um final feliz, e todo mundo iria para casa sabendo a moral da história. Mas, no caso dos Baudelaire, tudo saiu errado. O conde Olaf, o vilão, não teve êxito no seu plano perverso, mas com toda a certeza tampouco foi derrotado. Vocês não poderiam dizer, é evidente, que houve um final feliz. E os Baudelaire não puderam ir para casa sabendo a moral da história, pela simples razão de que não puderam ir para casa. Não só a casa de tia Josephine tinha despencado e caído no lago, como o verdadeiro lar dos Baudelaire — a casa onde moraram com seus pais — se tornara apenas um monte de cinzas num terreno baldio, e não havia possibilidade de voltarem para lá, por mais que quisessem.

Entretanto, mesmo que eles pudessem voltar para casa, seria difícil para mim dizer a vocês qual é a moral da história. Em algumas histórias é fácil. A moral de "Os três ursinhos", por exemplo, é: "Jamais forcem a entrada da casa de outra pessoa". A moral de "Branca de Neve" é: "Jamais comam maçãs". A moral da Primeira Guerra Mundial é: "Jamais assassinem o arquiduque Ferdinando". Mas Violet, Klaus e Sunny, sentados no cais e olhando o sol se erguer sobre o Lago Lacrimoso, refletiram um bom tempo em qual seria exatamente a moral do período que passaram com tia Josephine.

A expressão "Acendeu-se uma luz dentro deles", que eu vou usar daqui a pouquinho, não tem nada a ver com a luz solar que se espalhava nesse momento sobre o Cais de Dâmocles. "Acendeu-se uma luz dentro deles" é uma maneira de dizer que eles "descobriram alguma coisa". E quando os órfãos Baudelaire estavam sentados e observavam o cais se encher de gente à medida que se iniciava o movimento no comércio, descobriram algo que era muito importante para eles. Acendeu-se uma luz dentro deles, mostrando-lhes que, ao contrário de tia Josephine, que vivera sozinha e triste naquela casa, as três crianças tinham umas às outras, e poderiam consolar-se e apoiar-se no decorrer de suas vidas infelizes. E embora isso não bastasse para fazê-las se sentir inteiramente seguras, ou inteiramente felizes, fez com que se sentissem gratas.

"Obrigada, Klaus", agradeceu Violet, "por ter decifrado aquele bilhete. E

obrigada, Sunny, por ter roubado as chaves para pegarmos o barco. Se não fossem vocês dois, a esta hora estaríamos nas garras do conde Olaf."

"Obrigado, Violet", agradeceu Klaus, "por ter pensado nas balas de hortelã-pimenta como um meio de ganharmos tempo. E obrigado, Sunny, por ter

mordido a perna de pau no momento certo. Se não fossem vocês duas, a esta hora estaríamos perdidos."

"Pilumps", agradeceu Sunny, e seus irmãos logo entenderam que ela estava agradecendo a Violet por ter inventado a sinalização do pedido de socorro e a

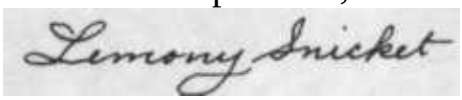


Klaus

por ter lido o atlas que os levara à Gruta do "P". Ainda como uma forma de agradecimento, encostaram-se uns nos outros com a cabeça, e em seus rostos molhados e ansiosos surgiram pequenos sorrisos. Eles tinham uns aos outros. Não sei se a moral desta história é: "Os Baudelaire tinham uns aos outros", mas para os três irmãos era quanto bastava. No turbilhão de suas vidas infelizes, poder contar com os outros dois era, para cada um, o mesmo que ter um barco no meio de um furacão, e esse era um sentimento que inspirava muita felicidade aos órfãos Baudelaire.

Ao Meu Amável Editor, Escrevo-lhe da Prefeitura de Paltryville, onde convenci o prefeito a permitir que eu entrasse na sala em forma de olho que é o gabinete do dr. Orwell, a fim de aprofundar minhas investigações sobre o que aconteceu aos órfãos Baudelaire quando moravam nesta região.

Sexta-feira próxima, um jipe preto estará no canto noroeste do



estacionamento do Observatório de Órion. Entre nele de qualquer maneira. No porta-luvas, encontrará minha descrição deste apavorante capítulo na vida dos Baudelaire, assim como algumas informações sobre hipnose, uma máscara cirúrgica e sessenta e oito chicletes. Também incluí a planta com o desenho da máquina de beliscar, que poderá servir de ajuda às ilustrações do sr. Helquist. Lembre-se, o senhor é minha última esperança de que as histórias dos órfãos Baudelaire sejam finalmente contadas ao grande público.

Respeitosamente,

Lemony Snicket